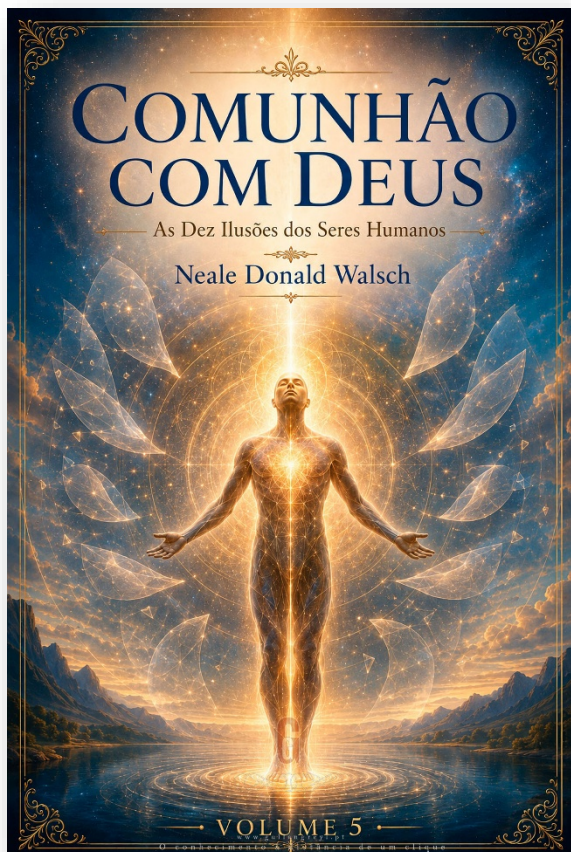


COMUNHÃO COM DEUS

As Dez Ilusões dos Seres Humanos



Autor: Neale Donald Walsch

Edição e Preparação Digital: Gullan Grey!

Edição original: Communion with God, 2000, livro 5

Edição portuguesa concluída em 09-01-2022



Livroteca Gullan Grey!

Sinopse

A CONVERSA COM DEUS passa agora a ser a
uma só voz, porque, afinal de contas... SOMOS
TODOS UM.

Neale Donald Walsch

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Para Deus,
com amor

Índice

Introdução.....	1
Prelúdio	7
PRIMEIRA PARTE	28
As Dez Ilusões dos Seres Humanos	28
CAPÍTULO 1.....	29
A Ilusão da Necessidade	29
1. A Necessidade Existe	29
CAPÍTULO 2.....	38
A Ilusão do Fracasso	38
2. O Fracasso Existe	38
CAPÍTULO 3.....	41
A Ilusão da Desunião	41
3. A Desunião Existe	41
CAPÍTULO 4.....	51
A Ilusão da Insuficiência	51
4. A Insuficiência Existe	51
CAPÍTULO 5.....	61
A Ilusão da Exigência	61
5. A Exigência Existe	61
CAPÍTULO 6.....	70
A Ilusão do Juízo	70
6. O Juízo Existe.....	70
CAPÍTULO 7.....	78
A Ilusão da Condenação	78
7. A Condenação Existe.....	78
CAPÍTULO 8.....	89
A Ilusão do Condicionismo	89
8. O Condicionismo Existe	89
CAPÍTULO 9.....	97
A Ilusão da Superioridade	97
9. A Superioridade Existe	97
CAPÍTULO 10.....	107
A Ilusão da Ignorância	107
10. A Ignorância Existe.....	107

SEGUNDA PARTE	114
Controlar as Emoções	114
CAPÍTULO 11.....	115
Ensinar Bem os Filhos.....	115
CAPÍTULO 12.....	124
Ver as Ilusões como Ilusões.....	124
CAPÍTULO 13.....	136
Compreender o Propósito das Ilusões	136
CAPÍTULO 14.....	141
Meditar Sobre as Ilusões	141
CAPÍTULO 15.....	148
Usar as Ilusões.....	148
Exemplos de Como as Ilusões Podem Ser Utilizadas para se Recriarem de Novo da Forma Aqui Descrita.....	155
1. Ilusão da Necessidade.....	155
2. Ilusão do Fracasso.....	163
3. Ilusão da Desunião.....	166
4. Ilusão da Insuficiência.....	170
5. Ilusão da Exigência.....	172
6. Ilusão do Juízo	179
7. Ilusão da Condenação	183
8. Ilusão do Condicionalismo	188
9. Ilusão da Superioridade	193
10. Ilusão da Ignorância.....	199
CAPÍTULO 16.....	208
Re-Criar a Realidade	208
TERCEIRA PARTE.....	225
Encontrar o Criador Interior.....	225
CAPÍTULO 17.....	226
Assumir o Controlo do Corpo	226
CAPÍTULO 18.....	232
Assumir o Controlo das Emoções.....	232
CAPÍTULO 19.....	236
Cultivar a Disponibilidade.....	236
CAPÍTULO 20.....	243

Mensagem do Criador	243
CAPÍTULO 21.....	249
Aproveitar o Momento de Graça	249
A Fechar	257

COMUNHÃO COM DEUS

As Dez Ilusões dos Seres Humanos

Neale Donald Walsch

Livro 5

Introdução

Bem-vindo a este livro.

Gostava que considerasse algo de extraordinário.

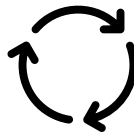
Gostava que considerasse a possibilidade de este livro ter sido criado só para si.

Se conseguir aceitar essa interpretação, creio que está prestes a ter uma das experiências mais poderosas da sua vida.

Agora gostava que considerasse algo ainda mais extraordinário. Gostava que considerasse a possibilidade de este livro ter sido criado para si *por si*.

Se conseguir imaginar um mundo em que nada lhe acontece, e tudo acontece por seu intermédio, terá recebido a mensagem que aqui tencionava enviar a si próprio em sete frases.

Não se pode exigir mais de um livro.



Bem-vindo a este momento.

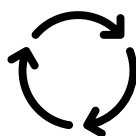
É “bem-vindo” aqui pois este momento foi por si criado para o trazer à experiência sagrada que está prestes a ter.

Procurou as respostas às questões mais significativas da vida e procurou-as repetida, fervorosa e sinceramente, ou não se encontraria aqui.

Essa busca tem decorrido no seu íntimo, quer a tenha ou não tornado uma parte importante da sua vida exterior; e foi o que o levou a pegar neste livro.

Ao compreendê-lo, desvendou um dos maiores mistérios da vida: *por que é que as coisas acontecem como acontecem*.

Tudo isto em catorze frases.



Bem-vindo a este encontro com o Criador.

É um encontro que não poderia ter evitado. Toda a gente se encontra com o Criador. Não é uma questão de *se*, mas de *quando*.

As pessoas sinceras, que buscam a verdade, experienciam o encontro mais cedo. A honestidade é um íman. Atrai a Vida. E Vida é apenas outra palavra para Deus.

A pessoa que busca honestamente, recebe honestamente. A Vida não mente a si própria.

Foi assim que lhe aconteceu chegar até aqui e defrontar-se com estas palavras. Você próprio se colocou aqui e não foi accidental. Analise cuidadosamente como chegou até aqui e verificá-lo-á.

Acredita no processo de Inspiração Divina? Eu acredito. Acredito nele por si e acredito nele por mim.

Há pessoas que não gostam que alguém se diga inspirado por Deus. A meu ver existem várias razões para isso.

Primeiro, a maior parte das pessoas não acham que *elas* tenham alguma vez sido inspiradas por Deus, pelo menos da forma mais imediata — ou seja, por comunicação direta —, e, portanto, quem quer que o alegue torna-se imediatamente suspeito.

Segundo, reivindicar ser inspirado por Deus parece algo arrogante, implicando que a inspiração não é discutível nem de forma alguma incompleta, dada a sua origem.

Terceiro, muitos dos que reivindicaram Inspiração Divina não foram pessoas de convívio fácil — veja-se Rembrandt, Mozart, Miguel Ângelo ou diversos papas, bem como inúmeros outros que fizeram coisas perfeitamente loucas em nome de Deus.

Por último, fizemos daqueles que acreditamos terem sido diretamente inspirados por Deus homens e mulheres tão santos que não sabemos bem como lidar com eles nem como interagir

com eles numa forma normal. Em suma, por mais admiráveis que sejam, causam-nos constrangimento.

Por isso é que ficamos bastante inquietos com esta história de Deus-é-a-minha-fonte. E talvez devamos ficar. Não vamos engolir tudo o que os outros nos dizem só porque se reclamam portadores duma mensagem do Altíssimo.

Mas como saber ao certo o que é ou não Inspiração Divina? Como ter a certeza de quem fala a verdade eterna?

Ah, essa é a grande questão. Mas eis o grande segredo. Não temos de saber. Tudo o que temos de saber é a nossa verdade, não a de outrem. Ao compreendermos isso, compreendemos tudo. Compreendemos que o que os outros dizem não tem de ser a Verdade; tem apenas de nos conduzir à nossa. E fá-lo-á. Não pode deixar de o fazer, eventualmente. Todas as coisas nos conduzem à nossa verdade mais recôndita. *É esse o seu propósito.*

Na verdade, é esse o propósito da própria Vida.

A vida é a Verdade, revelando-Se a Si própria.

Deus é a Vida, revelando-Se a Si própria.

Por mais que quisesse, não seria capaz de impedir este processo. Mas pode acelerá-lo.

É isso que está a fazer aqui.

Foi por isso que chegou a este livro.

Este livro não pretende ser a Verdade. Destina-se a conduzi-lo à sua mais íntima sabedoria. Não é necessário que concorde com o seu conteúdo para que isso aconteça. Na verdade, concordar ou discordar é irrelevante. Se concordar, será porque vê neste livro a sua própria sabedoria. Se discordar, será porque não vê a sua própria sabedoria. Em qualquer dos casos, tê-lo-á feito regressar à sua própria sabedoria.

Portanto agradeça a si próprio este livro, pois já lhe devolveu a clareza quanto a uma questão principal: *A máxima autoridade reside em si.*

Assim é porque cada um de nós tem uma ligação direta com o Divino.

Cada um de nós detém a capacidade de aceder à sabedoria eterna. Na verdade, acredito que Deus nos inspira a todos, o tempo todo. Tendo todos tido essa experiência, alguns optaram por lhe chamar outra coisa:

Acaso feliz.

Coincidência.

Sorte.

Acidente.

Capricho.

Encontro casual.

Talvez mesmo Intervenção Divina.

Estamos prontos a reconhecer que Deus intervém nas nossas vidas, mas somos incapazes de encarar a ideia de que Deus pode de facto inspirar-nos diretamente a pensar, escrever, dizer ou fazer determinada coisa. Isso seria ir longe demais.

Eu vou longe demais.

Vou dizer que acredito que Deus me inspirou a escrever este livro e a si a pegar nele. Agora vamos testar esta ideia em relação a algumas das razões que você possa ter para se sentir inquieto com isso.

Primeiro, para mim é claro, como disse acima, que todos nós somos inspirados por Deus o tempo todo. Não penso que você ou eu sejamos únicos, nem que Deus nos tenha conferido um poder singular ou concedido uma dispensa especial que nos permite comungar com o Divino. Acredito que toda a gente está nesse estado de comunhão contínua, e que podemos experienciá-la conscientemente sempre que o desejemos. Na verdade, tal como a entendo, é essa a promessa de muitas religiões do mundo.

Segundo, não creio que por alguém experienciar um momento de contato direto com o Divino, o seu discurso, ações ou escritos se tornem infalíveis. Com o devido respeito para com qualquer religião ou movimento que reivindique a infalibilidade do seu fundador ou líder atual, acredito ser possível que as pessoas divinamente inspiradas cometam erros. E acredito,

de facto, que os cometem habitualmente. Por isso, não acredito que tudo o que diz a Bíblia, o Bhagavad Gita ou o Corão seja, literalmente verdade, que todos os discursos do Papa quando fala ex cathedra estejam certos, ou que todas as ações da Madre Teresa fossem corretas e perfeitas a cada momento. Acredito que a Madre Teresa era divinamente inspirada, mas ser divinamente inspirado e ser infalível são duas coisas diferentes.

Terceiro, é difícil viver comigo (ninguém o sabe melhor do que quem já viveu comigo) e, sem lhe atribuir imperfeições, não acho que as minhas me impeçam de receber a ajuda e a orientação direta de Deus. De facto, *acredito que o contrário é que é verdadeiro*.

Por último, não creio correr o perigo de me tornar “santo” ao ponto de causar constrangimento a alguém. Na verdade, o oposto pode ser verdadeiro. Se as pessoas não se sentirem à vontade comigo será provavelmente por não ser suficientemente santo. É um desafio percorrer o caminho de que falo. Sou capaz de escrever coisas muito inspiradoras, de dizer coisas muito inspiradoras, mas às vezes dou por mim a fazer coisas que não são muito inspiradoras.

Estou num caminho, mas não cheguei de modo nenhum ao meu destino. Nem, segundo parece, estou perto sequer. O que é na verdade diferente entre o eu de agora e o de antigamente é que, pelo menos, encontrei o caminho. Para mim, no entanto, é um grande progresso. Passei a maior parte da vida sem saber sequer para onde ia e a admirar-me de não chegar lá.

Agora sei para onde vou. Vou para casa. De regresso à plena consciência e experiência da minha comunhão com Deus. E nada me pode impedir de lá chegar. Deus prometeu. E eu acredito, finalmente, nessa promessa.

Deus também me mostrou o caminho. Na verdade, não o caminho, mas *um* caminho. Pois a maior verdade de Deus é que não há um só caminho, mas sim muitos caminhos para Casa. Há milhares de caminhos para Deus, e todos o levarão até Ele.

De facto, todos os caminhos levam a Deus. Porque não há mais nenhum lugar para onde ir.

Este livro fala disso. Fala de como ir para Casa. Analisa a experiência de Unidade com o Divino ou aquilo a que chamo a comunhão com Deus. Descreve um caminho até essa experiência, um trajeto através das nossas ilusões até à Realidade Fundamental.

Este livro fala com uma voz que acredito ser a voz de Deus, a inspiração de Deus, a presença de Deus que se manifesta através de mim e através de si. Se não acreditasse que a voz de Deus, a inspiração de Deus e a presença de Deus se podiam manifestar através de todos nós, teria de prescindir da minha fé em que Deus inspira todas as religiões do mundo.

Não estou na disposição de o fazer. Acredito que nesta questão as religiões acertaram: Deus entra nas nossas vidas de formas reais e presentes e não temos de ser santos nem sábios para que isso aconteça.

Não preciso que se junte a mim nesta convicção nem que acredite em quaisquer das palavras destas páginas. Na verdade, ficaria mais feliz se não acreditasse. Não acredite em nada do que encontrar aqui.

Saiba.

Saiba simplesmente.

Saiba se nelas estiver a sua verdade. Se estiver, soarão como verdadeiras — pois ter-se-ão reunido à sua mais íntima sabedoria. Se não, sabê-lo-á também — mais uma vez ao reunir-se à sua mais íntima sabedoria. Em qualquer dos casos, terá colhido um enorme benefício pois terá experienciado, nesse momento de reunificação, *a sua própria comunhão com Deus*.

Era essa a sua intenção ao vir até aqui.

A estas páginas.

E a este planeta.

Abençoado seja.
Neale Donald Walsch
Ashland, Oregon
Julho 2000

Prelúdio

Deus falou convosco muitas vezes, de muitas formas, durante muitos anos, mas raramente de forma tão direta como aqui.

Desta vez falo-vos sendo Vós, e isso aconteceu apenas em meia dúzia de ocasiões em toda a vossa História.

Poucos humanos tiveram a coragem de Me escutar desta maneira — como eles próprios. E menos ainda partilharam com outros o que ouviram. Os poucos que escutaram, e partilharam, mudaram o mundo.

Contaram-se entre eles Ésope, Confúcio, Lao-tzu, Buda, Maomé, Moisés e Jesus.

Bem como Chuang Tzu, Aristóteles, Huang-po, Sahara, Mahavira e Krishnamurti.

E também Paramahansa Yogananda, Ramana Maharshi, Kabir, Ralph Waldo Emerson, Thich Nhat Hanh, o Dalai Lama e Elizabeth Clinton.

E ainda Sri Aurobindo, Madre Teresa, Mahatma Gandhi, Meher Baba, Khalil Gibran, Baha' Allah, Ernest Holmes e Sai Baba.

Joana d’Arc, Francisco de Assis e Joseph Smith inclusive... e outros mais aqui não mencionados. Esta lista podia prolongar-se. No entanto, em relação ao número total de humanos que habitaram o vosso planeta, o número é minúsculo.

Estes poucos foram os Meus mensageiros — pois todos transportaram a Verdade nos seus corações, tão bem quanto a compreenderam, com tanta pureza quanto souberam. E apesar de cada um deles o ter feito através de filtros imperfeitos, mesmo assim levaram ao vosso conhecimento uma extraordinária sabedoria, da qual toda a raça humana beneficiou.

O que é espantoso é a semelhança das suas perceções. Recebidas em momentos e lugares substancialmente diferentes, separadas por legiões e séculos, podiam ter falado todos ao mesmo tempo, tão pequenas foram as variantes entre elas e tão vastas as coincidências.

Agora é altura de alargar esta lista a outros, que vivem hoje, como os Meus mensageiros mais recentes.

Falaremos a uma só voz.

A menos que não falemos.

Vocês farão essa opção, tal como sempre fizeram. Pois em cada Momento de Agora tomaram a vossa decisão e anunciam-na atuando.

No princípio, os vossos pensamentos são Meus, e os Meus são vossos. Pois no princípio não pode ser de outra maneira. Existe apenas uma Fonte de O Que É, e a única Fonte é O Que É.

Todas as coisas emanam dessa Fonte, permeiam todo o Estado de Ser e se revelam como Individuações do Todo.

As interpretações individuais da mensagem única produzem o milagre da Unidade sob muitas formas.

Esta Unidade sob muitas formas é aquilo a que chamam Vida.

A Vida é Deus, interpretado. Ou seja, traduzido para muitas formas.

- 1. O primeiro nível de tradução é do não-físico unificado para o não-físico individualizado.*
- 2. O segundo nível de tradução é do não-físico individualizado para o físico individualizado.*
- 3. O terceiro nível de tradução é do físico individualizado para o físico unificado.*
- 4. O quarto nível de tradução é do físico unificado para o não-físico unificado.*

Completa-se então o ciclo da Vida.

O processo contínuo da tradução de Deus produz uma variedade interminável dentro da unidade de Deus. Essa variedade da unidade é o que designei por "individualização". É a expressão individual do que não está separado, mas pode ser expresso individualmente.

O propósito da expressão individual é experienciar o Meu Eu como o todo, através da experiência das Minhas partes. E embora o todo seja maior que a soma das partes, só o posso experienciar conhecendo a soma.

Isso é quem vocês são.

São a Soma de Deus.

Já vo-lo disse muitas vezes e muitos de vós ouviram-no como o filho de Deus¹. Vocês são os filhos, e filhas, de Deus. Não importa, no entanto, os rótulos ou nomes que usem, pois vai dar ao mesmo: vocês são a Soma de Deus.

Tal como tudo à vossa volta. Tudo o que veem e não veem. Tudo O Que É, Tudo O Que Já Foi e Tudo O Que Será sou Eu. E tudo o que sou, sou agora.

¹ Trocadilho entre *sum* ("soma") e *son* ("filho"), que se leem de forma parecida. (N. da E.)

Eu Sou O Que Sou — como vos disse muitas vezes.

Não há nada que tenha sido e deixado de ser. E nada há que venha a ser que não seja agora. Não posso tornar-Me nada que não seja agora, nem posso deixar de ser o que já fui.

Foi assim no princípio, é agora e será para todo o sempre. Amén.

Venho até vós, neste dia e hora, ao iniciarem um novo milénio, para que possam iniciar os novos mil anos de uma nova maneira: conhecendo-Me por fim, escolhendo-Me em primeiro lugar e sendo sempre Eu, de todas as formas.

Não há engano na escolha do momento. Iniciei estas novas revelações no princípio da última década, continuei as Minhas conversas convosco durante os últimos anos do século, e nos momentos finais do último milénio recordei-vos como podem ter uma amizade Comigo.

Agora, no primeiro ano do novo milénio, falo-vos com uma só voz, para que experienciemos a comunhão.

Se optarem por esta verdade, mudarão o vosso mundo.

Se optarem por esta realidade, criá-la-ão, e experienciarão finalmente Quem Realmente São.

Será a coisa mais difícil que já fizeram e a coisa mais fácil que jamais farão.

Será a coisa mais difícil que já fizeram porque terão de negar quem pensam que são e deixar de Me negar. Será a coisa mais fácil que jamais fizeram porque não haverá nada que tenham de fazer.

Tudo o que terão de fazer é ser, e tudo o que têm de ser sou Eu.

Mesmo isso não será um ato de vontade, mas um simples reconhecimento. Não exigirá ação, apenas uma admissão.

Tenho buscado essa admissão desde sempre. Ao facultarem-Me a admissão, deixam-Me entrar na vossa vida. Admitem que vocês e Eu somos Um. Esse é o vosso passaporte para o Céu.

Diz: Admitir Um.

Ao ser-Me facultada a entrada no vosso coração, é-vos facultada a entrada no Céu. E o vosso Céu pode ser na Terra.

Tudo pode ser verdadeiramente "assim na terra como no Céu" quando terminar o tempo de separação e se aproximar o tempo da unificação.

Unificação comigo, com todos os outros e com todas as coisas vivas.

É isto que vos venho dizer, mais uma vez, através dos mensageiros de hoje. Reconhecê-los-ão como Meus mensageiros pois todos levarão a mesma mensagem:

Somos Todos Um.

Esta é a única mensagem importante. A única mensagem que existe. Tudo o mais na Vida é reflexo desta mensagem. Tudo o mais a emite.

O facto de até agora não a terem recebido (ouviram-na com frequência, mas não a receberam) foi o que causou toda a infelicidade, todo o desgosto, todo o conflito, toda a mágoa que experimentaram. Provocou todos os assassinios, todas as guerras, todas as violações e roubos, todos os assaltos e ataques, mentais, verbais e físicos. Foi a causa de todas as doenças e males e de todos os confrontos com o que designam por "morte".

A ideia de que não somos Um é uma ilusão.

A maior parte das pessoas acredita em Deus: não acredita é num Deus que acredita nelas.

Deus acredita nelas. E ama-as mais do que a maior parte julga.

A ideia de que Deus emudeceu e deixou de falar com a raça humana há muito tempo é falsa.

A ideia de que Deus Se zangou com a raça humana e a expulsou do Paraíso é falsa.

A ideia de que Deus Se instituiu como único juiz e que decidirá se os membros da raça humana irão para o Céu ou para o Inferno é falsa.

Deus ama todo o ser humano que já viveu, vive agora ou virá a viver.

O que Deus deseja é que todas as almas regressem a Deus, e Deus não pode deixar de cumprir esse desejo.

Deus não está separado de nada, e nada está separado de Deus.

Não há nada de que Deus necessite, pois Deus é tudo o que existe.

Esta é a boa nova. Tudo o mais é ilusão.

A raça humana tem vivido na ilusão durante muito tempo. Não porque a raça humana seja estúpida, mas por ser muito inteligente. Os humanos compreenderam intuitivamente que as ilusões têm um propósito e bem importante. Simplesmente, a maior parte dos humanos esqueceu-se que o sabia.

E esqueceram que o seu esquecimento é, em si, uma parte daquilo que esqueceram — e, portanto, parte da ilusão.

Agora é altura de os humanos relembrarem.

Vocês fazem parte dos que constituirão a vanguarda neste processo. Não há nisto nada de surpreendente, em face do que tem ocorrido na vossa vida.

Vocês chegaram a este livro para relembrarem as Ilusões dos Humanos, a fim de que nunca mais se voltem a enredar nelas e alcancem de novo a comunhão com Deus, vivendo a vida através da consciência da Realidade Fundamental.

Terem-no feito é perfeito. E, obviamente, não é um acaso circunstancial.

Vieram aqui para saber experiencialmente que Deus reside em vós, que podem, sempre que quiserem, ter um encontro com o Criador.

O Criador pode ser experienciado e encontrado dentro de vós e em tudo à vossa volta. Mas têm de olhar para além das Ilusões dos Humanos. Têm de as ignorar.

Eis as Dez Ilusões.

Tratem de as conhecer bem para poderem reconhecê-las quando as encontrarem.

1. A Necessidade Existe

2. O Fracasso Existe

3. A Desunião Existe

4. A Insuficiência Existe

5. A Exigência Existe

6. O Juízo Existe

7. A Condenação Existe

8. O Condicionalismo Existe

9. A Superioridade Existe

10. A Ignorância Existe

As primeiras cinco são Ilusões Físicas, que têm a ver com a vida do corpo. As cinco seguintes são as Ilusões Metafísicas, que têm a ver com realidades não-físicas.

Nesta comunicação, será analisada em detalhe cada uma destas ilusões. Verão como cada uma delas afetou a vossa vida. E antes de terminar esta comunicação, verão também como podem anular os efeitos dessas ilusões consoante desejarem.

Ora, o primeiro passo em qualquer processo de comunicação realmente aberto é estarem dispostos a suspender a vossa incredulidade em relação ao que estão a ouvir. Aqui ser-vos-á pedido que o façam. Por favor prescindam temporariamente de quaisquer noções anteriores que tenham sobre Deus e a Vida. Podem regressar às vossas ideias anteriores em qualquer altura. Não é uma questão de as abandonar de vez, mas apenas de as pôr de lado de momento, para dar espaço à possibilidade de haver algo que não conheçam cujo conhecimento possa mudar tudo.

Examinem, por exemplo, a vossa reação à ideia de que Deus está a comunicar convosco neste preciso momento.

No passado descobriram toda a espécie de razões para não aceitarem que podiam de facto ter uma conversa com Deus. Vou pedir-vos que ponham de lado esses pensamentos e partam do princípio de que estão a receber esta comunicação diretamente de Mim.

Para facilitar a compreensão, falarei de Mim na terceira pessoa numa grande parte desta comunicação. Reconheço que possa ser um pouco enervante para vós ouvir-Me utilizar a primeira pessoa do singular. Portanto, embora o faça de vez em quando (só para vos recordar quem vos traz esta informação), falarei de Mim quase sempre como, simplesmente, Deus.

Apesar de vos poder parecer improvável, de início, receberem uma comunicação direta da Divindade, compreendam que

chegaram até esta comunicação para lembrarem, finalmente, Quem Realmente São, e as ilusões que criaram. Em breve terão a profunda noção de que de facto fizeram com que este livro chegasse até vós. Para já, ouçam-Me simplesmente dizer-vos que na maioria dos momentos da vossa vida, estão a viver uma ilusão.

As Dez Ilusões dos Humanos são ilusões muito grandes e poderosas que vocês criaram no início da vossa experiência na Terra. E criam centenas de outras mais pequenas todos os dias. Por acreditarem nelas, criaram uma História cultural que vos permite viver essas ilusões e torna-las assim reais.

Não são realmente reais, evidentemente. No entanto, vocês criaram um mundo da Alice no País das Maravilhas no qual parecem, de facto, muito reais. E tal como o chapeleiro Maluco, negarão que o que é Falso é falso, e que o que é Verdadeiro é verdadeira.

Na verdade, há muito tempo que o fazem.

A História cultural é uma história que passou de geração em geração, através de séculos e milénios. É a história que contam a vós próprios sobre vós próprios.

Sendo a vossa História cultural baseada em ilusões, produz mitos em vez de uma compreensão da realidade.

A História cultural dos Humanos diz que

1. *Deus tem um programa. (A Necessidade Existe)*
2. *O desfecho da vida é duvidoso. (O Fracasso Existe)*
3. *Vocês estão separados de Deus. (A Desunião Existe)*
4. *Não há o suficiente. (A Insuficiência Existe)*
5. *Há alguma coisa que têm de fazer. (A Exigência Existe)*
6. *Se não a fizerem, serão castigados. (O Juízo Existe)*
7. *O castigo é a condenação eterna. (A Condenação Existe)*
8. *O Amor, portanto, é condicional. (O Condicionalismo Existe)*
9. *Conhecer e cumprir as condições torna-vos superiores. (A Superioridade Existe)*
10. *Não sabem que isto são ilusões. (A Ignorância Existe)*

Esta História cultural foi-vos de tal modo inculcada que a vivem agora total e completamente. Isso, dizem uns aos outros, "é como as coisas são".

Há séculos que dizem isso uns aos outros. Na verdade, há milénios após milénios. Durante tanto tempo, de facto, que se desenvolveram mitos à volta dessas ilusões e histórias. Alguns dos mitos mais proeminentes foram reduzidos a conceitos, tais como...

- *Seja feita a Vossa vontade.*
- *Sobrevivência dos mais aptos.*
- *Os despojos cabem ao vencedor.*
- *Nasceram com o Pecado Original.*
- *A paga do pecado é a morte.*
- *É Minha a Vingança, diz o Senhor.*
- *O que não souberem não vos fará mal.*
- *Só Deus sabe.*

...e muitos outros, igualmente destrutivos e inúteis.

Com base nestas ilusões, histórias e mitos — nenhum dos quais tem nada a ver com a Realidade Fundamental — eis como muitos humanos consideram a Vida:

Nascemos num mundo hostil, governado por um Deus que quer que façamos algumas coisas e não quer que façamos outras e que nos castigará com o sofrimento eterno se não distinguirmos as duas.

A nossa primeira experiência de Vida é a separação da nossa mãe, da Origem da nossa Vida, o que cria o contexto de toda a nossa realidade, que experienciamos como sendo de separação da Origem de Toda a Vida.

Não só estamos separados de toda a Vida como de tudo o mais na Vida. Tudo o que existe, existe separadamente de nós. E nós estamos separados de tudo o mais que existe. Não é assim que queremos, mas é assim que as coisas são. Desejaríamos que fosse diferente e, na verdade, esforçamo-nos para que seja diferente.

Pretendemos experienciar novamente a Unidade com todas as coisas e especialmente uns com os outros. Podemos não saber exatamente porquê, contudo parece quase instintivo. Parece ser o que é natural. O único problema é parecer não haver o suficiente dos outros para nos satisfazer. Independentemente daquilo que queiramos, parece que nunca conseguimos que chegue. Não nos chega o amor, não nos chega o tempo, não nos chega o dinheiro. Nunca nos chega seja o que for que consideremos precisar para nos sentirmos felizes e realizados. No momento em que pensamos que temos o suficiente, decidimos que queremos mais.

Uma vez que não há "que chegue" daquilo que pensamos que precisamos para ser felizes, temos que "fazer coisas" para conseguir obter tanto quanto possível. Há coisas que nos são exigidas em troca de tudo, desde o amor de Deus até à dádiva natural da Vida. O simples facto de "estar vivo" não chega. Portanto nós, como toda a Vida, não chegamos.

Porque apenas "ser" não é suficiente, começa a competição. Se não há o suficiente, temos que competir pelo que há.

Temos que competir por tudo, incluindo por Deus.

A competição é dura. Trata-se da nossa própria sobrevivência. Nesta prova, só sobrevivem os mais aptos. E os despojos vão todos para o vencedor. Se perdemos, vivemos um Inferno na Terra. E depois de morrermos, se formos perdedores na competição por Deus, voltamos a experienciar o Inferno — desta vez para sempre.

A morte foi criada por Deus porque os nossos antepassados fizeram as opções erradas. Adão e Eva tinham vida eterna no Jardim do Éden. Mas Eva comeu o fruto da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, e foi expulsa do Jardim, juntamente com Adão, por um Deus irado. Esse Deus sentenciou-os, e a toda a sua progenitura daí em diante, à morte como primeiro castigo. A partir de então, a vida do corpo seria limitada, deixando de ser eterna, bem como a substância da Vida.

No entanto, Deus devolver-nos-á a vida eterna se não voltarmos a infringir as Suas regras. O amor de Deus é incondicional, só as recompensas de Deus não o são. Deus ama-nos mesmo quando nos condena à danação eterna. Magoa-O mais do que nos magoa a nós, porque quer realmente que regressemos a casa, mas nada pode fazer se nos comportarmos mal. A escolha é nossa.

O truque, portanto, é não nos portarmos mal. Precisamos de viver uma vida boa. Devemos esforçar-nos nesse sentido. Para isso, temos de conhecer a verdade sobre o que Deus quer e não quer de nós. Não conseguimos agradar a Deus e não podemos evitar ofendê-lo se não distinguirmos o Bem do Mal. Portanto temos de saber a verdade a esse respeito.

A verdade é simples de compreender e fácil de saber. Apenas temos de escutar os profetas, mestres, sábios e a origem e a base da nossa religião. Se houver mais do que uma religião e, portanto, mais do que uma origem ou base, temos de ter a certeza de escolher a certa. Escolher a errada poderia resultar em nos tornarmos perdedores.

Quando escolhemos a certa, somos superiores, melhores que os nossos iguais, pois temos a verdade do nosso lado. Este estado de sermos "melhores" permite-nos reivindicar a maior parte dos prémios a concurso sem sequer os disputar. Declaramo-nos vencedores antes de começar a competição. É a partir desta consciência que nos concedemos todas as vantagens e escrevemos as nossas «Regras de Vida» de tal forma que alguns dos outros

acham quase impossível ganhar os prémios verdadeiramente importantes.

Não o fazemos por maldade, mas simplesmente para assegurar que a vitória é nossa — como deve ser, dado que são os da nossa religião, da nossa nacionalidade, da nossa raça, do nosso género, da nossa convicção política que conhecem a verdade e, portanto, merecem ser vencedores.

Por merecermos ganhar, temos o direito de ameaçar os outros, de os combater, e mesmo de os matar se necessário, para alcançar esse resultado.

Pode haver outra maneira de viver, outra coisa que Deus tenha em mente, outra verdade maior, mas, se existe, não a conhecemos. De facto, nem sequer é manifesto que seja suposto conhecermos. É possível que não seja suposto sequer tentarmos conhecê-la, e muito menos conhecer e compreender verdadeiramente Deus. Tentá-lo é presunção e declarar que o conseguimos é blasfémia.

Deus é o Conhecedor Desconhecido, o Motor Imóvel, o Grande Invisível. Por isso, não podemos conhecer a verdade que nos é exigido conhecer para cumprirmos as condições que nos é exigido cumprir para recebermos o amor que nos é exigido receber para evitarmos a condenação que nos esforçamos por evitar para obtermos a vida eterna que tínhamos antes de tudo isto começar.

A nossa ignorância é lamentável, mas não deve ser problemática. O que temos de fazer é pegar naquilo que pensamos que sabemos — a nossa História cultural — por fé e proceder de acordo com isso. Foi o que tentámos fazer, cada um de acordo com as suas convicções, e foi assim que produzimos a vida que vivemos agora, e a realidade na Terra que estamos a criar.

É esta a interpretação da maior parte da raça humana. Cada um de vós tem ligeiras variações, mas na essência, é assim que vivem as vossas vidas, justificam as vossas opções e racionalizam os desfechos.

Alguns de vós não aceitam tudo isto, mas todos aceitam em parte. E aceitam estas afirmações como a realidade corrente não por refletirem a vossa sabedoria mais íntima, mas porque alguém vos disse que são verdadeiras.

A um determinado nível, tiveram de fazer-se a acreditar nelas.

Chama-se a isto fazer-de-conta.

Mas agora é tempo de se afastarem do faz-de-conta e se aproximarem do que é real. Não será fácil, pois a Realidade Fundamental será muito diferente do que muitas pessoas no vosso mundo admitem como real. Terão literalmente de "estar neste mundo, mas não ser deste mundo".

Mas para que serve isso se a vida vos corre bem? Para nada. Não serviria para nada. Se estiverem satisfeitos com a vida e com o mundo tal qual é, não há qualquer razão para procurarem mudar a vossa realidade e acabar com o faz-de-conta.

Esta mensagem destina-se aos que não estão satisfeitos com o mundo tal como está.

Examinaremos agora uma a uma as Dez Ilusões. Verão como cada ilusão vos levou a criar a vida no vosso planeta tal como a vivem.

Verificarão que cada ilusão assenta na anterior. Muitas soam muito parecidas. Porque são parecidas. Todas as ilusões são meras variações da Primeira Ilusão. São distorções maiores da distorção original.

Verificarão também que cada ilusão nova foi criada para reparar uma imperfeição na ilusão imediatamente anterior. Por fim, fartos de reparar imperfeições, decidiram simplesmente que não compreendiam absolutamente nada. Daí a ilusão final: a Ignorância Existe.

Isso permitiu-vos encolher os ombros e desistir de resolver o mistério.

Mas a mente em evolução não podia permitir essa retirada durante muito tempo. No espaço de poucos milénios — um tempo

muito curto, na verdade, na História do Universo — chegaram ao ponto em que a ignorância deixou de ser felicidade.

Estão prestes a escapar da cultura primitiva. Estão prestes a fazer um progresso extraordinário nos vossos entendimentos. Estão prestes a compreender... AS DEZ ILUSÕES.

PRIMEIRA PARTE

As Dez Ilusões dos Seres Humanos

CAPÍTULO 1

A Ilusão da Necessidade

A Primeira Ilusão é:

1. A Necessidade Existe

Não só é a Primeira Ilusão, como a maior de todas. Nesta ilusão baseiam-se todas as outras.

Tudo o que experienciam na vida, tudo o que sentem a cada momento, está enraizado nesta ideia e nas vossas reflexões sobre ela.

A necessidade não existe no Universo. Só se necessita de algo se se exigir um determinado resultado. O Universo não exige um determinado resultado. O Universo é o resultado.

A necessidade também não existe na mente de Deus. Deus só necessitaria de algo se Deus exigisse um determinado resultado. Deus é o que cria todos os resultados.

Se Deus necessitasse de algo para criar um resultado, onde o obteria? Nada existe para além de Deus. Deus é Tudo O Que É, Tudo O Que Foi e Tudo O Que Será. Não há nada que não seja Deus.

Poderão apreender melhor esta ideia se utilizarem a palavra "Vida" em vez da palavra "Deus". As duas palavras são intermutáveis, portanto não alterarão o sentido; melhorarão apenas a vossa compreensão.

Nada do que é, não é Vida. Se a Vida necessitasse de algo para produzir um resultado, onde o obteria? Nada existe para além da Vida. A Vida é Tudo O Que É, Tudo O Que Foi e Tudo O Que Será.

Deus não necessita que aconteça nada exceto o que está a acontecer.

A Vida não necessita que aconteça nada exceto o que está a acontecer.

O Universo não necessita que aconteça nada exceto o que está a acontecer.

É esta a natureza das coisas. É assim que ela é, não como vocês a imaginaram.

Criaram na vossa imaginação a ideia de Necessidade pela vossa experiência de necessitarem de coisas para sobreviverem. Mas

suponham que não se importavam de viver ou morrer. Então de que necessitariam?

De absolutamente nada.

E suponham que era impossível não viverem. Então de que necessitariam?

De absolutamente nada.

Eis então a verdade a vosso respeito: é impossível não sobreviverem. Não podem deixar de viver. Não é uma questão de se viverão, mas de como. Ou seja, que forma assumirão? Qual será a vossa experiência?

Digo-vos isto: não precisam de nada para sobreviver. A vossa sobrevivência está garantida. Dei-vos a vida eterna, e nunca vo-la retirei.

Ao ouvirem isto, podem dizer sim, mas a sobrevivência é uma coisa e a felicidade outra. Imaginam que necessitam de algo para sobreviverem com felicidade — que só podem ser felizes em determinadas condições. Não é verdade, mas vocês convenceram-se de que era verdade. E dado que a convicção produz a experiência, experienciaram a vida dessa forma e imaginaram um Deus que deve experienciar assim também a Vida. Contudo, não é mais verdadeiro em relação a Deus do que é para vós. A única diferença é que Deus sabe isso.

Quando vocês souberem isso, serão como Deus. Terão dominado a vida e toda a vossa realidade se modificará.

Eis um grande segredo: a felicidade não é criada como resultado de certas condições. Certas condições são criadas como resultado da felicidade.

É uma afirmação tão importante que merece ser repetida.

A felicidade não é criada como resultado de certas condições. Certas condições são criadas como resultado da felicidade.

Esta frase mantém-se verdadeira também para todos os outros estados de ser.

O amor não é criado como resultado de certas condições. Certas condições são criadas como resultado do amor.

A compaixão não é criada como resultado de certas condições. Certas condições são criadas como resultado da compaixão.

A abundância não é criada como resultado de certas condições. Certas condições são criadas como resultado da abundância.

Substituam qualquer estado de ser que possam imaginar ou conceber. Continuará a ser verdade que o Ser precede a experiência e que a produz.

Por não o terem compreendido, imaginaram que certas coisas devem ocorrer para que sejam felizes — e imaginam também um Deus para quem o mesmo é verdadeiro.

Contudo, se Deus é a Causa Primeira, o que pode ocorrer que Deus não causasse antes de mais? E se Deus é todo-poderoso, o que pode ocorrer sem que Deus decida que ocorra?

É possível ocorrer algo que Deus não possa impedir? E se Deus optar por não o impedir, a ocorrência em si não é algo que Deus escolha?

Claro que é.

Mas por que iria Deus decidir que ocorressem coisas que o fizessem infeliz? A resposta é uma resposta que vocês não são capazes de aceitar.

Nada faz Deus infeliz.

Não conseguem acreditar nisto porque exigiria que acreditassem num Deus sem necessidades nem juízos, e não conseguem imaginar um Deus assim. A razão pela qual não conseguem imaginar um Deus assim é não conseguirem imaginar um humano assim. Não acreditam que vocês possam viver dessa maneira — e não conseguem imaginar um Deus que é maior do que vós.

Quando acreditarem que podem viver dessa maneira, saberão tudo o que há para saber sobre Deus.

Saberão que o vosso segundo raciocínio estava correto. Deus não é maior que vós. Como pode sê-lo? Pois Deus é O Que Vocês São e vocês são O Que É Deus. Mas vocês são maiores do que pensam.

Os Mestres sabem-no. Há Mestres que trilham o vosso planeta neste preciso momento que o sabem. Esses Mestres provêm de muitas tradições, religiões e culturas, mas todos têm uma coisa em comum.

Nada torna os Mestres infelizes.

Nos primeiros tempos da vossa cultura primitiva, a maior parte dos humanos não se encontrava nesse ponto de mestria. O seu único desejo era evitar a infelicidade ou a dor. A sua percepção era demasiado limitada para que percebessem que a dor não tinha de provocar infelicidade e assim a sua estratégia de vida foi construída em redor do que mais tarde veio a ser descrito como o Princípio do Prazer. Aproximaram-se do que lhes dava prazer e afastaram-se do que os privava do prazer (ou causava dor).

Foi assim que nasceu a Primeira Ilusão, a ideia de que a Necessidade Existe. Foi o que se pode designar pelo primeiro erro.

A necessidade não existe. É uma ficção. Na realidade, vocês não necessitam de nada para serem felizes. A felicidade é um estado de espírito.

Isto não estava ao alcance dos humanos primitivos. Por sentirem que precisavam de determinadas coisas para serem felizes, partiram do princípio que o mesmo se aplicava a toda a Vida. Incluíam nessa presunção a parte da Vida que vieram a entender como um Poder Superior — um poder que sucessivas gerações conceptualizaram como um ser vivo referido por uma grande variedade de nomes, entre os quais Alá, Iave, Jeová e Deus.

Não foi difícil aos humanos primitivos conceber um poder que lhes era superior. Na verdade, foi necessário. Precisavam duma explicação para as coisas que aconteciam e estavam totalmente fora do seu controlo.

O erro não foi presumirem que existia algo como Deus (o poder e a energia combinados de Tudo O Que É), mas presumirem que esse Poder Total e Energia Completa poderiam necessitar do que quer que fosse; que Deus estava, de alguma forma, dependente de algo ou de alguém para se sentir feliz ou satisfeito, completo ou realizado.

Era o mesmo que dizer que a Plenitude não era plena, que precisava de algo que a tornasse plena. Era uma contradição — mas não conseguiam vê-la. Muitos ainda hoje não conseguem.

A partir desta criação dum Deus dependente, as pessoas geraram uma História cultural em que Deus tem um programa. Por outras palavras, há coisas que Deus quer e necessita que ocorram, e formas sob as quais têm de ocorrer para que Deus seja feliz.

Os humanos reduziram esta História cultural a um mito que se cristalizou como: Seja feita a Vossa vontade.

A vossa ideia de que Eu tinha uma Vontade forçou-vos então a tentar calcular qual era a Minha Vontade. Esse exercício rapidamente tornou evidente que não existia um entendimento universal sobre este ponto na vossa espécie. E se nem todos sabiam, ou estavam de acordo quanto ao que era a Vontade de Deus, nem todos podiam estar a fazer a Vontade de Deus.

Os mais espertos utilizaram este raciocínio para explicar por que razão as vidas de algumas pessoas pareciam resultar melhor que as de outras. Então forçaram uma nova questão: Como era possível que não se fizesse a Vontade de Deus, se Deus era Deus?

Havia claramente uma imperfeição naquela Primeira Ilusão, o que deveria ter revelado que a ideia de Necessidade era falsa. Mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir da Ilusão ou algo muito vital chegaria ao fim.

Tinham razão. Mas cometeram um erro. Em vez de verem a Ilusão como uma Ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Portanto, foi para reparar a imperfeição na Primeira Ilusão que a Segunda Ilusão foi criada.

CAPÍTULO 2

A Ilusão do Fracasso

A Segunda Ilusão é:

2. O Fracasso Existe

A ideia de que a Vontade de Deus (presumindo que Deus a tem) não podia ser feita contraria tudo o que vocês julgavam saber sobre Deus — nomeadamente, que Deus é todo-poderoso, onnipresente, o Ser Supremo, o Criador —, mas acolheram-na entusiasticamente.

Isso produziu a ilusão altamente improvável, mas muito poderosa de que Deus pode falhar. Deus pode desejar algo, mas não o conseguir. Pode aspirar a algo e não o receber. Deus pode necessitar de qualquer coisa e não a ter.

Em suma, a Vontade de Deus pode ser contrariada.

Esta ilusão era uma interpretação bastante forçada, pois até as percepções limitadas da mente humana conseguiam detetar a contradição. Mas a vossa espécie possui uma imaginação rica e consegue estender a credibilidade ao limite com uma facilidade

espantosa. Não só imaginaram um Deus com necessidades como um Deus que não consegue preencher as Suas necessidades.

Como o fizeram? Mais uma vez, utilizando a projeção. Projetaram-se no vosso Deus.

Mais uma vez, uma capacidade ou qualidade de ser que imputaram a Deus derivou diretamente da vossa própria experiência. Por terem constatado que podiam não conseguir obter todas as coisas de que imaginavam precisar para serem felizes, declararam que o mesmo se aplica a Deus.

A partir desta ilusão criaram uma História cultural que ensina que o desfecho da vida está em dúvida.

Pode resultar ou não. Pode correr bem, ou não. Tudo estará bem no final — a menos que não esteja.

Acrescentar a dúvida à mistura — a dúvida quanto a Deus conseguir preencher as Suas necessidades (presumindo que Eu tinha algumas) — produziu a vossa primeira confrontação com o medo.

Antes de conceberem esta história de um Deus cuja vontade nem sempre era cumprida, vocês não tinham medo. Não havia nada a recear. Deus controlava tudo, Deus era Todo Poder, Todo Maravilha e Glória e tudo estava bem no mundo. O que podia correr mal?

Mas veio então a ideia de que Deus podia querer alguma coisa e não a conseguir. Deus podia querer que todos os Seus filhos regressassem a Si nos Céus, mas os Seus próprios filhos, pelas suas próprias ações, podiam impedi-lo.

Mas essa ideia também forçava a credibilidade e mais uma vez a mente humana viu a contradição. Como podiam as criações de Deus frustrar o Criador se Criador e criações eram um só? Como podia estar em dúvida o desfecho da vida se Aquele que produzia o desfecho e Aquele que o experienciava eram o mesmo?

Havia, claramente, uma imperfeição na Segunda Ilusão, o que devia ter revelado que a ideia de Fracasso era falsa, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podem prescindir da Ilusão ou algo de muito de vital chegaria ao fim.

Mais uma vez, tinham razão. Mas, mais uma vez, cometeram o mesmo erro. Em vez de verem a Ilusão como uma ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Foi para repararem a imperfeição na Segunda Ilusão que a Terceira Ilusão foi criada.

CAPÍTULO 3

A Ilusão da Desunião

A Terceira Ilusão é:

3. A Desunião Existe

A única saída para a difícil questão da Segunda Ilusão era criar uma terceira: o Criador e as criações não eram um só.

Isso obrigou a mente humana a conceber a possibilidade do impossível — que O Que É Um não é Um; que O Que É Uno está na realidade separado.

É esta a Ilusão da Desunião — a ideia de que existe separação.

A vossa espécie argumentou que se as criações estavam separadas do Criador e se o Criador permitia que as criações fizessem o que lhes apetecia, seria possível que as criações fizessem algo que o Criador não queria que fizessem. Nessas circunstâncias, a Vontade do Criador podia ser contrariada. Deus podia querer uma coisa e não a conseguir.

A desunião gera a possibilidade de Fracasso, e o Fracasso só é possível se existir Necessidade. Uma ilusão depende de outra.

As primeiras três ilusões são as mais cruciais. São de tal modo importantes, tão primordiais no suporte das restantes, que lhes foram atribuídas histórias culturais separadas para as explicar e assegurar que seriam explicadas, clara e frequentemente.

Cada uma das vossas culturas criou a sua história especial, mas todas elas frisavam as mesmas questões de base, cada uma à sua maneira. Uma das mais famosas é a história de Adão e Eva.

Dizem que o primeiro homem e a primeira mulher foram criados por Deus e viviam felizes no Jardim do Éden, ou Paraíso. Desfrutavam da vida eterna e da comunhão com o Divino.

Em troca desta dádiva de Vida idílica, dizem que Deus exigia uma única coisa. Ordenou-lhes que não comessem o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

Segundo a lenda, Eva mesmo assim provou o fruto. Desobedeceu às ordens. Mas a culpa não foi inteiramente sua. Foi tentada por uma serpente que, na realidade, era um ser a quem chamaram Satã, ou o Diabo.

E quem é esse Diabo? Segundo uma das histórias, é um anjo caído, uma criação de Deus que se atreveu a ser tão poderoso quanto o seu Criador. Isso, diz a história, é a máxima ofensa, a

suprema blasfêmia. Todas as criações devem glorificar o Criador e nunca procurar ser tão poderosas, ou superiores.

Nesta versão em particular da principal História cultural desviaram-se do padrão normal atribuindo-lhes certas qualidades que não se refletem na experiência humana.

Os criadores humanos querem que a sua progénie se esforce por ser tão boa ou melhor que eles. O maior prazer de todos os pais saudáveis é ver os seus filhos alcançar, e exceder, a sua posição na vida e ultrapassar as suas próprias conquistas.

Disseram que Deus, pelo contrário, Se tinha sentido desonrado com isso e profundamente ofendido. Satã, o anjo caído, foi rejeitado, separado do rebanho, marginalizado, condenado e subitamente surgiram dois poderes na Realidade Fundamental, Deus e Satã; e dois lugares a partir dos quais operavam, o Céu e o Inferno.

O desejo de Satã, de acordo com a história que surgiu, era tentar os humanos a desobedecerem à Vontade de Deus. Deus e Satã passaram a competir pela alma do Homem. E, curiosamente, era uma competição que Deus podia perder.

Tudo isto provava que Eu afinal não era um Deus todo-poderoso... ou que era todo-poderoso, mas não queria utilizar o Meu poder porque queria dar a Satã uma oportunidade justa. Ou que não se tratava de dar uma oportunidade justa a Satã, mas de dar

aos seres humanos o livre-arbítrio. Só que se exercessem o vosso livre-arbítrio duma forma que Eu não aprovasse, entregar-vos-ia a Satã, que vos torturaria por toda a eternidade.

São estas as histórias intrincadas que se tornaram doutrina religiosa no vosso planeta.

Na história de Adão e Eva, muita gente acreditou que Eu tinha castigado o primeiro homem e a primeira mulher por Eva ter comido o fruto proibido expulsando-os do Jardim do Éden.

E (se conseguirem acreditar), que castiguei todos os homens e mulheres que viveram depois disso fazendo-os carregar a culpa dos primeiros humanos e condenando-os a estarem separados de Mim durante a sua vida na terra.

Por meio desta e d'outras histórias igualmente pitorescas, as primeiras três ilusões foram apresentadas duma forma que as crianças, em particular, tão depressa não esqueceriam. Tal foi o seu sucesso em incutir o medo nos corações das crianças que foram repetidas continuamente a cada nova geração. Foi assim que as três primeiras ilusões ficaram profundamente entranhadas na psique humana.

1. Deus tem um programa (A Necessidade Existe).

2. O desfecho da vida é duvidoso (O Fracasso Existe).

3. Vocês estão separados de Deus (A Desunião Existe).

Apesar da ideia da existência da Necessidade e do Fracasso ser crucial para o resto das ilusões, a ideia de que a Desunião existe tem o maior impacto nas questões humanas.

O impacto da Terceira Ilusão ainda hoje continua a ser sentido pela raça humana.

Se o que pensam da Terceira Ilusão é que é verdade, terão uma experiência de vida.

Se acharem que não é verdade, mas que é, de facto, uma ilusão, terão outra.

Essas duas experiências serão drasticamente diferentes.

Atualmente, quase toda a gente no vosso planeta acredita que a Ilusão da Desunião é verdadeira. Em resultado, as pessoas sentem-se separadas de Deus e umas das outras.

O sentimento de separação de Mim torna extremamente difícil que as pessoas se relacionem Comigo duma forma significativa. Ou Me interpretam mal, ou Me temem, ou imploram a Minha ajuda — ou Me negam em absoluto.

Ao fazerem-no, os humanos perderam uma oportunidade gloriosa de usar a força mais poderosa do Universo. Sujeitaram-se

a vidas sobre as quais imaginam não ter qualquer controle, em condições que julgam não poder alterar, gerando experiências e desfechos a que pensam não poder escapar.

Vivem vidas de desespero silencioso, oferecendo a sua dor, sofrendo-a com satisfação, acreditando que a sua bravura silenciosa lhes adquirirá a aprovação suficiente para terem acesso ao Céu, onde receberão a recompensa.

Existem muitas razões para que o sofrimento sem queixas excessivas possa ser benéfico para a alma, mas assegurar a recompensa no Céu não é uma delas. A coragem é a sua própria recompensa e nunca pode haver uma boa razão para causar sofrimento a outras pessoas — que é o que fazem as queixas.

O Mestre, portanto, nunca se queixa e limita assim o sofrimento exterior a si próprio — e interior também. Contudo, o Mestre não se abstém de se queixar a fim de limitar o sofrimento, mas sim porque o Mestre não interpreta a experiência da dor como sofrimento, mas apenas como dor.

A dor é uma experiência. O sofrimento é o juízo que é feito em relação a essa experiência. O juízo de muitos é que a dor que experienciam não está certa e não devia acontecer. No entanto, o grau em que a dor é aceite como sendo perfeita é o grau em que o sofrimento na vida pode ser eliminado. É através desse entendimento que os Mestres sublimam todo o sofrimento, apesar de não poderem escapar à dor.

Mesmo pessoas que não atingiram a mestria já experienciaram a diferença entre dor e sofrimento. Um exemplo disso pode ser a extração muito dolorosa de um dente. Arrancar o dente dói, mas é uma dor bem-vinda.

O sentimento de separação em relação a Mim impede os humanos de Me usarem, de Me chamarem, de terem uma amizade Comigo, aproveitando todo o potencial do Meu poder criativo e curativo quer para acabar com o sofrimento quer para qualquer outro fim.

O sentimento de separação uns dos outros permite que os humanos façam todo o tipo de coisas uns aos outros que nunca fariam a si próprios. Por não verem que as estão a fazer a si próprios, produzem e reproduzem resultados indesejados nas suas vidas diárias e na sua experiência planetária.

Diz-se que a raça humana enfrenta os mesmos problemas desde o alvorecer da História conhecida — o que é verdade, mas num grau cada vez menor. A cobiça, a violência, a inveja e outros comportamentos que vocês não consideram benéficos para ninguém ainda são manifestados por membros da vossa espécie, embora por uma minoria. É um sinal da vossa evolução.

No entanto os esforços na vossa sociedade dirigem-se não tanto a procurar alterar esses comportamentos como a puni-los. Julga-se que o castigo os corrigirá. Algumas pessoas continuam a não compreender que até corrigirem as condições da sociedade que

criam e suscitam comportamentos indesejados, não corrigirão nada.

Uma análise verdadeiramente objetiva prova-o, contudo muitas pessoas ignoram essa prova e continuam a tentar resolver os problemas da sociedade com a mesma energia que os criou. Procuram acabar com a matança com a matança, a violência com a violência, eliminar a ira com a ira. Ao fazer tudo isso, não conseguem ver a sua hipocrisia e personificam-na.

O reconhecimento das primeiras três Ilusões como ilusões impediria toda a gente de negar a Unidade de toda a Vida e de ameaçar a destruição de toda a vida no vosso planeta.

Muitos humanos continuam a ver-se como separados uns dos outros, de todas as coisas vivas e de Deus. Veem que se estão a destruir, mas alegam não perceber como o estão a fazer. Com certeza, dizem eles, que não é através das suas ações individuais. Não conseguem ver a ligação entre as suas decisões e opções individuais e o mundo de uma maneira geral.

Estas são as convicções de muitos e, se desejam vê-las mudar, compete-vos a vocês, que compreendem verdadeiramente a Causa e o Efeito, mudá-las. Pois os vossos congêneres humanos creem que não tem um efeito negativo no Todo abater centenas de milhares de árvores todas as semanas para poderem ter o jornal ao domingo.

Não tem um efeito negativo no Todo lançar impurezas de toda a espécie para a atmosfera para que o seu estilo de vida não mude.

Não tem um efeito negativo no Todo utilizar combustíveis fósseis em vez de energia solar.

Não tem um efeito negativo no Todo fumar cigarros, comer carne vermelha a todas as refeições ou consumir grandes quantidades de álcool, e estão fartos de ouvir pessoas dizerem-lhes que tem.

Não tem nenhum efeito negativo, dizem eles, e estão fartos de ouvir pessoas dizerem-lhes que tem.

Os comportamentos humanos individuais, dizem a vós próprios, não têm um efeito assim tão negativo no Todo que leve o Todo a desmoronar-se. Isso só seria possível se nada estivesse separado — se, de facto, o Todo estivesse a fazer tudo isso a si próprio. E isso é um disparate. A Terceira Ilusão é verdadeira. Estamos separados.

Mesmo assim, as ações separadas de todos os seres separados que não são um com os outros, nem com toda a Vida, parecem ter, de facto, um efeito bem real na própria Vida. Agora, finalmente, cada vez mais humanos começam a reconhecê-lo ao evoluírem do pensamento cultural primitivo para uma sociedade mais avançada.

Deve-se isto ao trabalho que vocês, e outros como vocês, estão a desenvolver. Pois ergueram a voz. Fizeram soar o alarme.

Juntaram-se ao esforço de se despertarem uns aos outros, cada um à sua maneira, uns discreta e individualmente, outros em grupos.

Em tempos idos não houve tantos como vós disponíveis e capazes de despertar os outros. Por isso a multidão vivia profundamente imersa nas ilusões, e ficava perplexa. Por que é que o facto de estarem separados uns dos outros havia de criar um problema? Como é que tudo o que não fosse viver em comunidade — um por todos e todos por um — não se conseguia pôr a funcionar sem um grande esforço?

Foram estas as perguntas que os humanos começaram a fazer.

Havia, claramente, uma imperfeição na Terceira Ilusão, o que devia ter revelado que a ideia de Desunião era falsa, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir da Ilusão ou algo de muito de vital chegaria ao fim.

Mais uma vez, tinham razão. Mas, mais uma vez, cometeram um erro. Em vez de verem a Ilusão como uma ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Foi para reparar a imperfeição na Terceira Ilusão que foi criada a Quarta Ilusão.

CAPÍTULO 4

A Ilusão da Insuficiência

A Quarta Ilusão é:

4. A Insuficiência Existe

Emerge da Terceira Ilusão pois, sem a ideia de Desunião, a ideia de Insuficiência é insustentável. Se existe só Uma Coisa e essa Uma Coisa é Tudo O Que É, não pode haver qualquer espécie de insuficiência porque essa Uma Coisa é tudo e portanto...

É suficiente para Si Própria.

Isto é uma afirmação da natureza de Deus.

Não é essa, contudo, a experiência dos humanos, porque os humanos imaginam-se separados de Deus, e também separados uns dos outros. No entanto, nenhum humano está separado de Deus, dado que Deus é Tudo o que É. Portanto os humanos não estão, nem podem estar, separados uns dos outros.

Isto é uma afirmação da natureza dos humanos.

Seria incorreto concluir que a ideia de Desunião era uma "ideia má", que não servia o vosso propósito. Na verdade, a ideia da separação foi uma ideia abençoada, permitindo que o Todo compreendesse que era a soma das partes e até mais.

A ilusão serve magnificamente o vosso propósito quando utilizam a ilusão como instrumento para criar experiência.

Quando esquecem que a separação é uma ilusão, imaginam ser esse o verdadeiro estado das coisas.

A ilusão deixa de criar experiência, torna-se experiência.

E como fingir ira para tornar alguém mais solícito e depois zangar-se a sério. Ou fingir interesse em alguém para fazer ciúmes a outra pessoa e descobrir que a ilusão de interesse se tornou deveras real...

O expediente transforma-se em experiência.

Através deste processo passaram a acreditar realmente que estão separados; que a Desunião é possível no campo unificado a que chamam Universo.

Descrevi a Terceira Ilusão como a mais poderosa e é verdade. Teve um impacto enorme na vossa experiência do dia-a-dia. Mais importante, a convicção de separação conduziu-vos à ideia de que "não há o suficiente".

Quando havia apenas Uma Coisa, e vocês sabiam que eram essa Coisa, nunca se pôs em causa não haver o suficiente. Vocês foram sempre suficientes. Mas quando decidiram que existia mais do que Uma Coisa, então (e só então) começou a parecer que não havia o suficiente da outra coisa.

Essa "outra coisa" que vocês pensam que há, é a matéria da Vida. Mas vocês são Vida, e o que a própria Vida é — que é Deus em Si.

Contudo, enquanto se imaginarem separados de Deus, imaginarão que são outra coisa que não o que Deus é — que é a própria Vida. Podem pensar que são o que vive, mas não imaginarão como sendo a Vida em Si.

Esta separação de Si próprio é aquilo a que chamaram a expulsão do Jardim do Éden. Subitamente, onde existia antes vida eterna, agora existe morte. Repentinamente, onde havia abundância, agora não há o suficiente.

De repente parece que há muitos aspetos da vida a competirem pela Vida em Si. Isso é impossível na Realidade Fundamental, mas não o é na vossa imaginação. São até capazes de imaginar que estão em competição — com os pássaros, as abelhas, com todas as outras coisas vivas e todos os outros seres humanos.

Podem criar um pesadelo em que tudo o que sustenta a vossa vida parece limitá-la. Assim, tentarão mesmo dominar o que vos sustenta.

Disseram-vos para terem domínio, mas decidiram que isso significa dominação. Por isso iniciaram uma guerra com a Natureza e com a ordem natural das coisas.

Utilizaram a ciência e a tecnologia para deturpar e manipular a Natureza de modo a subjugar-la à vossa vontade. Estão a destruir lentamente a Natureza como ela é naturalmente na tentativa de se experienciarem como o que já são naturalmente.

Já são o que procuram ser — eternos, ilimitados e em unidade com tudo — mas não se lembram disso. Assim, procuram subjugar a Vida para terem Vida mais abundante. E nem sequer veem o que estão a fazer.

A Vida torna-se o único denominador comum. Toda a gente quer Vida e as coisas que sustentam a Vida. E, por pensarem que existe mais do que um de vós, receiam que não haja Vida suficiente para todos.

Desse receio nasce a vossa realidade imaginada seguinte: a morte.

A vida que pensavam ser eterna (até se imaginarem separados nunca vos passou pela cabeça que não iriam "ser" sempre) parece agora ter princípio e fim.

Isso é a Ilusão da Insuficiência representada ao mais alto nível.

A experiência do começo e do fim da vida não é, na realidade, mais do que o início e a dissolução do vosso conceito de "separado". A um nível consciente, podem não o saber. A um nível superior isso é sempre claro.

É a esse nível superior que procuram terminar a experiência da separação, para recordarem a vós próprios que é uma ilusão que vocês criaram.

Apesar de vo-lo ter dito muitas vezes, é uma boa altura de analisarmos mais uma vez por que a criaram.

Criaram a Ilusão da Desunião para experienciarem a realidade da Unidade. Só quando se encontram fora da realidade é que a conseguem experienciar. Quando são parte do Todo, não conseguem experienciar-se como o Todo, porque não existe mais nada. E, na ausência do que não são, o que são, não é.

Na ausência do frio, não há quente. Na ausência de alto, não há baixo. Se tudo é baixo, então nada é baixo, porque "baixo" não existe enquanto algo que pode ser conhecido. Pode existir como conceito, mas não é um conceito que possam experienciar

diretamente. Só pode ser uma ideia, nunca a vossa realidade experienciada.

Da mesma forma, na ausência de Desunião, não há união.

Se tudo é experienciado como unificado, nada pode ser experienciado como unificado, porque a "união" não existe como experiência separada. Não é algo que possa ser conhecido. Pode existir como conceito, mas não é um conceito que possam experienciar diretamente. Só pode ser uma ideia, nunca a vossa realidade experienciada.

Neste contexto, não podem conhecer-se como Quem Realmente São.

No entanto, é nosso desejo conhecemo-nos como Quem Realmente Somos. Assim, primeiro temos que criar a experiência de Quem Não Somos. Uma vez que não podemos criar essa experiência na Realidade Fundamental, temos de o fazer através da ilusão.

Dessa forma podemos deleitar-nos com o que é realmente assim, e conhecê-lo. Dessa forma, podemos experienciar Quem Realmente Somos.

O Todo.

O Único.

Somos o Coletivo, a Realidade Singular Em Forma Múltipla, tendo assumido Forma Múltipla para podermos identificar e experienciar a glória da nossa Realidade Singular.

Isto é uma explicação simples do propósito da relatividade, que já vos dei muitas vezes no decurso do nosso diálogo. Repito-o aqui para que o compreendam profundamente, para que despertem do vosso sonho.

Até despertarem do vosso sonho, a Ilusão da Desunião com a Vida criará uma percepção da necessidade de sobrevivência. Só quando se afastaram da Vida (de Mim), e se imaginaram separados é que a Vida em Si se tornou algo de que "não havia o suficiente". Começaram a tomar decisões sobre o que sentiam que tinham de fazer para sobreviver — para ter mais vida.

Tornou-se esse o vosso principal objetivo, o vosso novo instinto primário. Começaram até a pensar que a razão por que se uniam a outros era para garantir a vossa sobrevivência enquanto espécie. Perderam de vista o facto de se unirem como reação ao único instinto real, que é o amor.

Chamaram ao novo instinto primário "Instinto de Sobrevivência", com base na ideia de que podiam não sobreviver. Essa ideia é falsa, pois a vossa sobrevivência está garantida para sempre e mesmo para além dos tempos. Mas não se lembram disso e, portanto, pensam que não há Vida suficiente, uma vez que há tantos aspetos da vida em competição por ela.

E, na verdade, é assim que a veem. Imaginam que estão em competição com toda a outra "matéria da Vida" pela Vida em Si. Competem com o vosso próprio eu por mais do vosso eu. A vossa convicção de Insuficiência conduziu-vos mesmo a concluir que não há Deus suficiente.

Não só não há Vida suficiente (o que traduzem para a crença na morte), e não só não há matéria da Vida suficiente (que traduzem para a crença na carência), como nem sequer há o suficiente d'O Que Criou a Vida (que traduzem para a crença num Deus limitado).

Porque todas estas coisas são limitadas, têm de competir por elas. E estão a destruir o planeta e a vós próprios devido a essa convicção.

Até se destroem a vós próprios nas vossas competições por Deus, às quais chamam religiões. Têm-se matado, por vezes procurando aniquilar civilizações inteiras, na vossa louca competição por Deus.

Não admitem que estão a fazer estas coisas porque admiti-lo seria reconhecer que pode haver algo de incorreto na maneira como perspetivam a vida e o mundo — e especialmente na maneira como perspetivam Deus — e não foram capazes de o fazer.

Uma admissão dessas exigiria tremenda humildade e a humildade presentemente não ocupa um grande lugar na filosofia ou na teologia do vosso planeta.

As vossas teologias, em particular, têm sido extremamente arrogantes, presumindo e proclamando terem todas as respostas — não deixando lugar a perguntas nem a dúvidas.

No entanto, alguma coisa não funciona nessas convicções. A ideia de que não há o suficiente — não há Deus suficiente, não há matéria da Vida suficiente, não há Vida em Si suficiente — levou a mais do que à simples competição. Levou à repressão brutal, à supressão e à depressão maciça. As religiões reprimiram a interrogação honesta e franca, os governos suprimiram a divergência e milhões de pessoas vivem, conseqüentemente, em depressão econômica e psicológica. Tudo isto derivou da ideia de que a Insuficiência Existe — pois a suficiência resolveria tudo isto.

Se pensassem que havia que chegasse para todos deixaria de haver comportamentos autodestrutivos, disputa de recursos e querelas sobre Deus.

Mas não há o suficiente. Disto estão seguros.

No entanto, se não há o suficiente, como se obtém o suficiente? Como se pode assegurar a sobrevivência sem matanças nem querelas?

Havia, claramente, uma imperfeição na Quarta Ilusão, o que devia ter revelado que a ideia de Insuficiência era falsa, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir da Ilusão ou algo de muito vital chegaria ao fim.

Mais uma vez, tinham razão. Mas, mais uma vez, cometeram um erro. Em vez de verem a Ilusão como uma ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Foi para reparar a imperfeição na Quarta Ilusão que a Quinta Ilusão foi criada.

CAPÍTULO 5

A Ilusão da Exigência

A Quinta Ilusão é:

5. A Exigência Existe

A existência de Insuficiência conduziu rápida e inevitavelmente à ideia da Ilusão seguinte.

Se houvesse material suficiente, não teriam de fazer nada para obter o que quisessem ou necessitassem. Bastava-vos estender a mão e lá estaria. Mas não foi assim que os humanos decidiram. Disseram, não há o suficiente. Enfrentavam agora a questão: Como se obtém o suficiente? Como habilitar-se?

Imaginaram que havia algo que tinham de fazer para obter o material do qual não havia o suficiente — algo que vos permitiria habilitarem-se a ele sem discussão. Essa era a única forma que conseguiam imaginar para fazer com que tudo — incluindo Deus — fosse dividido a vosso favor sem matar nem disputar.

Imaginaram que fosse essa a Exigência.

Disseram a vós próprios que cumpri-la — fosse qual fosse — era "o que era preciso". Essa ideia mantém-se firme até hoje. Tornou-se talvez ainda mais forte. Acreditam que quando fazem as coisas que precisam de fazer, vocês poder ser as coisas que querem ser.

Se quiserem ser felizes, se quiserem sentir-se seguros, se quiserem ser amados, há coisas que vão ter que fazer. Não podem ser essas coisas a não ser que tenham o suficiente. E não podem ter o suficiente a menos que façam o que é preciso para obterem o suficiente — para se habilitarem ao suficiente.

É nisto que acreditam, e por acreditarem, elevaram o fazer ao lugar mais alto da vossa cosmologia.

Até Deus diz haver algo que vocês têm de fazer para irem para o Céu.

Foi assim que vocês interpretaram.

É esta a Exigência.

Mas reparem, tudo isto se baseia na Terceira Ilusão — que estão separados. Quando havia apenas Um de vós, havia sempre o suficiente e, portanto, não havia nada que tivessem de fazer para ser qualquer coisa.

E essa ideia de separação baseou-se na Segunda Ilusão — que o Fracasso existe. Por Deus ter fracassado em obter o que queria, separou todos os humanos de Si.

E o Fracasso baseou-se na Primeira Ilusão — que a Necessidade existe. Deus não podia fracassar em obter o que queria se não quisesse nada, e Deus não querer nada se não necessitasse de nada.

Na verdade, existe apenas uma ilusão, e todas as outras são permutações da mesma. Tudo o mais é uma expansão da única Ilusão, com um cambiante diferente.

Assim, a Ilusão da Exigência não é mais do que uma perspectiva diferente da Ilusão da Necessidade. Da mesma maneira, a Ilusão da Insuficiência é uma perspectiva diferente da Ilusão da Necessidade, tal como a Ilusão do Fracasso, e assim por diante relativamente a todas as Ilusões dos Humanos.

Verão muito claramente, ao explorarem cada ilusão, que cada uma é uma extensão das ilusões que surgiram anteriormente. É como observar um balão a encher.

A proclamação pela vossa espécie de que existe uma Exigência a cumprir para adquirir qualquer coisa da qual não haja o suficiente — incluindo o amor de Deus — provou ser uma das decisões mais significativas que a raça humana já tomou. Resultou numa quantidade de listas e conjuntos de regras e regulamentos,

orientações e procedimentos, leis de Deus e leis do Homem, de acordo com as quais imaginam que devem viver a vossa vida.

Eis algumas das coisas que decidiram que têm de fazer para ter uma vida boa na terra:

- ✓ *Serem bons rapazes ou boas raparigas.*
- ✓ *Não responderem mal.*
- ✓ *Terem boas notas e irem para a universidade.*
- ✓ *Tirarem um curso e arranjarem um bom emprego.*
- ✓ *Casarem e terem filhos.*
- ✓ *Serem bons pais e darem aos filhos mais do que vocês tiveram.*
- ✓ *Terem calma.*
- ✓ *Fazerem o que lhes mandam.*
- ✓ *Não fazerem maldades — ou, pelo menos, não serem apanhados.*
- ✓ *Seguirem o chefe.*

- ✓ *Não fazerem muitas perguntas, nem fazerem as que não devem.*
- ✓ *Fazerem toda a gente feliz.*
- ✓ *Não se incluírem no grupo de pessoas que estão a tentar fazer felizes se isso significar excluir outra pessoa do grupo.*
- ✓ *Não se imporem a ninguém, especialmente depois de velhos.*

E eis algumas das coisas que decidiram que têm de fazer para agradar a Deus e ir para o Céu:

- ✓ *Não fazerem nada de mal — e nem pensar em não serem apanhados, porque vão ser.*
- ✓ *Se fizerem algo de mal, por amor de Deus, peçam perdão e prometam nunca mais voltar a fazer.*
- ✓ *Serem bons rapazes ou boas raparigas.*
- ✓ *Não se tocarem.*
- ✓ *Também não tocarem mais ninguém. Não dessa maneira...*

- ✓ *De facto, tocarem o menos possível. Devem tentar compreender que os prazeres do corpo são, na melhor das hipóteses, desvios do que se veio fazer à terra e, na pior, pecados absolutos contra Deus.*
- ✓ *Se tiverem de ter prazeres, não devem gostar deles.*
- ✓ *Não gostarem de dinheiro.*
- ✓ *Não gostarem de atenção.*
- ✓ *Não gostarem, de sexo.*
- ✓ *Sobretudo, não gostarem de sexo.*
- ✓ *Nunca, nunca terem uma relação sexual fora do casamento e nunca, nunca amarem mais do que uma pessoa "dessa maneira".*
- ✓ *Se tiverem de fazer sexo por qualquer outra razão que não a procriação, ficarem constrangidos, e não desfrutarem livre e desinibidamente.*
- ✓ *Não aceitarem dinheiro por algo que dê verdadeiramente prazer e, se ganharem grandes quantidades de dinheiro, tratarem de dar a maior parte.*

✓ *Acreditarem no Deus certo.*

✓ *Por amor de Deus, acreditarem no Deus certo.*

✓ *Pedirem perdão e misericórdia a Deus por terem nascido imperfeitos e pedirem-Lhe ajuda para preencherem as condições para serem novamente amados.*

Os humanos têm muitas outras convicções. Estas foram aqui enumeradas só para vos dar alguns exemplos. Isto é o que têm de fazer. É esta a Exigência e seria bom que a compreendessem.

Quem estabeleceu esta Exigência? Quem a pôs em vigor?

Vocês dizem que fui Eu.

Alegam que o autor foi Deus. E como não há Deus que chegue para todos, têm de Me reivindicar para justificar colocarem-se como vencedores nas vossas competições.

Argumentam que a vossa é Uma Nação Sob Deus, ou que são o Povo Eleito, ou que a vossa fé é a Única Fé Verdadeira.

Reivindicam-Me e fazem-no maldosa e ferozmente pois sentem que se Me podem reivindicar, também podem reivindicar qualquer outra coisa que desejem, em Meu nome.

É isso que têm feito durante séculos, brandindo bem alto os vossos livros sagrados, as vossas cruzes e bandeiras para justificar tirarem aquilo de que não há o suficiente pelos meios que forem necessários — incluindo matar. Foram até ao ponto de chamar a esse acontecimento uma guerra santa, procurando fechar feridas na vossa alma enquanto abriam feridas noutros corpos.

Executaram os atos mais ímpios em nome de Deus e tudo porque acham que Eu tenho uma Exigência que vocês têm de cumprir para Me receberem, ao Meu amor e a toda a matéria da Vida.

Enquanto acreditarem que há qualquer coisa que têm de fazer, debater-se-ão para descobrir o que é e debater-se-ão ainda mais para o conseguir.

A conquista tornar-se-á o vosso deus. Na verdade, já se tornou. Mas se fazer as coisas acertadas vos traz felicidade e vos permite regressar a Deus, por que se sentem tão infelizes a tentar fazer essas coisas, que parecem tanto afastar-vos de Deus?

E, talvez ainda mais importante, como virá a ser determinado se tudo isso valeu ou não a pena? Por que medida, por que sistema será decidido se a Exigência foi cumprida?

Isto é algo que vocês não sabiam. Foi esta a pergunta que os humanos começaram a fazer.

Havia, claramente, uma imperfeição na Quinta Ilusão, o que devia ter revelado que a ideia de Exigência era falsa, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir da Ilusão ou algo de muito vital chegaria ao fim.

Mais uma vez, tinham razão. Mas, mais uma vez, cometeram um erro. Em vez de verem a Ilusão como uma ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Foi para reparar a imperfeição na Quinta Ilusão que a Sexta Ilusão foi criada.

CAPÍTULO 6

A Ilusão do Juízo

A Sexta Ilusão é:

6. O Juízo Existe

A vossa decisão de que têm de fazer alguma coisa para obter aquilo de que não há o suficiente — incluindo Deus — exigiu que respondessem a perguntas difíceis: Como vai ser determinado se a pessoa cumpriu ou não a Exigência? E o que acontece aos que não tiverem cumprido?

A vossa resposta a estas questões produziu a invenção do Juízo.

Alguém, raciocinaram, terá de ser árbitro final. Uma vez que foi o Criador que estabeleceu a Exigência parecia lógico que fosse igualmente o Criador a decidir quem tinha ou não cumprido a Exigência.

Há muito tempo que a vossa espécie tem a ideia de que têm de fazer alguma coisa para agradar a Deus — e que não agradar a Deus traz graves consequências. Que chegassem a essa conclusão era compreensível. Olhando à vossa volta, viam que a vida corria

bem a algumas pessoas e a outras não. A mente primitiva perguntava, Porquê? E vinha uma resposta primitiva à mente primitiva:

A fortuna sorria aos que tinham o favor dos deuses. Eram os deuses que tinham de ser satisfeitos e então os deuses julgariam.

Toda a espécie de sacrifícios e rituais concebidos para aplacar as divindades difíceis se desenrolaram em redor desta convicção.

Nesse tempo, a vossa sensação de Insuficiência era tão forte que até imaginaram que os deuses estavam em competição uns com os outros. Havia muitos deuses a quem agradar e muitas vezes não era fácil manter o contato com o que tinha de ser feito para contentar toda a gente.

Cada desastre terreno, tempestade de granizo, furacão, seca, fome, ou desastre pessoal era visto como prova de que os deuses não estavam satisfeitos — ou, às vezes, que tinham estado em guerra entre si.

De que outra maneira se explicava o que estava a acontecer?

Essas crenças surgiram em tempos de outrora e foram refinadas e clarificadas através dos milénios. Hoje em dia, a maior parte dos humanos não acredita que existe uma longa lista de deuses com mau feitio a quem urge apaziguar. Hoje a maior parte das pessoas

creem que existe um único Deus com mau feitio a quem urge apaziguar.

E apesar de parecer que a vossa espécie há muito que abandonou as interpretações primitivas que criaram um Deus do tipo "espera aí que já te apanho", essas ideias continuam a dominar as teologias do vosso planeta.

Esse modelo de Divindade dum Deus Vingador nunca deixou de merecer apreço nas vossas sociedades. Utilizaram tanto os desastres pessoais como planetários como prova da sua validade. Mesmo em ocasiões muito recentes, como quando surgiu a vossa epidemia de SIDA, houve muitas pessoas — incluindo alguns líderes religiosos — que proclamaram os infortúnios da vida como sendo os castigos de Deus pelos desvios comportamentais individuais ou coletivos da raça humana.

Os humanos continuam a concordar em larga escala que existe uma Exigência, estabelecida por Mim, que têm de cumprir para se habilitarem a recompensas aqui e no Céu. Continuam a estar de acordo em que há um sistema de Juízo pelo qual é determinado quem cumpriu ou não a Exigência.

Por outro lado, algumas teologias declaram perentoriamente que ninguém consegue cumprir a Exigência, faça o que fizer. Mesmo que levem uma vida perfeita, sem erro, equívoco ou engano de qualquer espécie. Diz o ensinamento que isso se deve ao facto de todos nascerem imperfeitos (algumas religiões chamam-lhe o

Pecado Original), com uma mancha na alma ainda antes de começarem.

Essa mancha não pode ser retirada por um ato que a pessoa execute, nem sequer por um ato de verdadeiro arrependimento, mas apenas pela graça de Deus. E Deus, segundo ensinam, não concede essa graça a menos que a pessoa se Lhe dirija duma forma muito específica.

Esse ensinamento alega que sou um Deus muito especial, que não concede o gozo do Céu a quem não faz o que Eu mando.

Diz-se que sou muito teimoso nesse aspeto; que não interessa o quanto as pessoas são boas, compassivas, generosas ou bondosas. Não interessa que estejam arrependidas dos seus pecados, nem aquilo que tenham feito para os compensar. Na verdade, não importa que tenham feito a maior contribuição do mundo para a melhoria da vida no planeta: se não se dirigirem a Mim pelo caminho certo, dizendo as palavras certas, acreditando na religião certa, não poderão sentar-se à direita de Deus Pai Todo-Poderoso.

Sendo exigido um comportamento tão reto, esta ideia podia ser chamada retidão...

Devido à convicção de que foi assim que Deus estabeleceu as coisas entre Si e toda a raça humana, os membros da raça humana estabeleceram as coisas precisamente da mesma maneira uns com os outros.

Retirando uma página do livro de Deus (o que é bom para Mim deve, com certeza, ser bom para vocês), os humanos puseram uma "mancha" uns nos outros ainda antes de estes começarem. Tal como já referi, fazem-no aos de género, cor ou religião "errados". Aplicam-no aos de nacionalidade, vizinhança, cor Política ou orientação sexual "erradas", ou por qualquer outro "erro" que optem por criar. Ao fazê-lo, os seres humanos "fazem de Deus".

Sim, dizem vocês que foi Deus que vos ensinou a prejudicar assim, porque foi Deus quem pôs a primeira mancha de imperfeição na vossa alma — que vos prejudicou, mesmo antes de poderem ter dado provas, duma maneira ou doutra.

O pré-julgamento — ou seja, o preconceito — deve, portanto, estar certo, pois como pode o que é aceitável para Deus não ser aceitável para o Homem?

E qual é a razão de Eu vos ter declarado a todos imperfeitos no momento do nascimento? Fi-lo, segundo o ensinamento, porque os primeiros humanos foram maus.

Vemos assim como regressaram às primeiras três Ilusões para justificar a Quarta, a Quinta e a Sexta. E assim acontece que cada Ilusão produz a seguinte e cada nova Ilusão prova as precedentes.

Diz a vossa História cultural que quando Adão e Eva pecaram foram expulsos do Paraíso, perdendo a felicidade e o direito à vida eterna — juntamente com o vosso. Deve-se isto ao facto de Eu os

ter condenado não só a uma vida de limitações e labuta como também à morte eventual (a Quarta Ilusão) —, o que nunca lhes acontecera antes de se desviarem do Bem.

Há outras histórias culturais e teologias que surgiram e que existem no vosso planeta que não perfilham o cenário de Adão e Eva mas que, mesmo assim, criaram as suas próprias provas da Exigência. Nisto está a maior parte de acordo: os humanos são imperfeitos aos olhos de Deus e têm de fazer alguma coisa para alcançarem a perfeição — descrita como Purificação, Salvação, Iluminação... ou outra coisa qualquer.

Por acreditarem na imperfeição humana e estarem convencidos de que receberam de Mim essa característica, sentem-se perfeitamente à vontade para a transmitirem aos outros. Entretanto esperam sempre dos outros aquilo que vos disseram que Eu espero de vós: a perfeição.

E é assim que os humanos passam a vida exigindo perfeição àqueles a quem eles próprios chamam imperfeitos — nomeadamente, aos humanos.

Primeiro, fazem isto a vós próprios. É o seu erro inicial e, frequentemente, o mais caro.

Depois fazem-no aos outros. É o segundo erro.

Tornaram impossível tanto para eles como para os outros alguma vez vir a cumprir totalmente...

A Exigência.

- ✓ *Os pais exigem perfeição aos seus filhos imperfeitos e os filhos exigem a perfeição aos seus pais imperfeitos.*
- ✓ *Os cidadãos exigem perfeição aos seus governos imperfeitos e o governo exige perfeição aos seus cidadãos imperfeitos.*
- ✓ *As igrejas exigem perfeição aos seus fiéis imperfeitos e os fiéis exigem perfeição às suas igrejas imperfeitas.*
- ✓ *Os vizinhos exigem perfeição a outros vizinhos, as raças a outras raças, as nações a outras nações.*

Aceitaram a Ilusão do Juízo como realidade; depois declararam que se Deus vos julga têm o direito de julgar todos os outros. E julgam-nos mesmo.

O vosso mundo apressa-se particularmente a julgar quem quer que receba as recompensas — fama, poder, sucesso — que supostamente cabem apenas aos perfeitos, e condena aqueles em quem descobre a menor imperfeição.

Tornaram-se de tal forma fanáticos que tornaram virtualmente impossível às pessoas tornarem-se líderes, heróis ou ícones nos dias de hoje — privando-se exatamente daquilo que a vossa sociedade precisa.

Deixaram-se apanhar na vossa própria armadilha, incapazes de se libertarem dos Juízos que impuseram uns aos outros, e do Juízo que creem que Deus impôs sobre vós.

Contudo por que vos constrange tanto uma simples observação a vosso respeito? A simples observação de como é qualquer coisa é realmente um Juízo? Não poderá ser uma mera observação? E se alguém não tiver cumprido a Exigência, qual é o mal? Que importa?

São estas as perguntas que os humanos começaram a fazer.

Havia, claramente, uma imperfeição na Sexta Ilusão, o que devia ter revelado que a ideia do Juízo era falsa, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir da Ilusão ou algo de muito vital chegaria ao fim.

Mais uma vez, tinham razão. Mas, mais uma vez, cometeram um erro. Em vez de verem a Ilusão como uma ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Foi para reparar a imperfeição na Sexta Ilusão que a Sétima Ilusão foi criada.

CAPÍTULO 7

A Ilusão da Condenação

A Sétima Ilusão é:

7. A Condenação Existe

Tinha que haver uma consequência do Juízo. Se era verdade que o Juízo existia, tinha de haver um porquê.

Era óbvio que se era julgado para determinar se se devia receber as recompensas por cumprir a Exigência.

Foi essa a interpretação dos humanos. Em busca da clarividência, tentando encontrar respostas, regressaram às vossas histórias culturais originais e às primeiras Ilusões nas quais se basearam.

Disseram a vós próprios que Eu vos separei de Mim quando falharam pela primeira vez o cumprimento da Minha Exigência.

Quando eram perfeitos viviam num mundo perfeito, no Paraíso, e desfrutavam da vida eterna. Mas quando cometeram o Pecado Original e se tornaram imperfeitos terminou a vossa experiência da perfeição em todos os aspetos.

A coisa mais perfeita no vosso mundo perfeito era nunca morrerem. A morte não existia. Mas ao terminar a vossa experiência da perfeição, aceitaram como um facto a Quarta Ilusão. A Insuficiência existe. Não havia o suficiente. Não havia Vida suficiente.

Portanto a morte deve ter sido a consequência. Era esse o castigo por não cumprir a Exigência.

Mas como podia ser assim? perguntavam os pensadores avançados entre vós. Agora toda a gente morre. Então, como podia a morte ser o castigo de não cumprir a Exigência? Até os que cumpriam morriam!

Talvez a razão da existência da morte fosse simplesmente a existência da Insuficiência no Universo. A insuficiência era o estado das coisas. Aprenderam isso com a Quarta Ilusão.

Mas se a morte era o resultado da Insuficiência, então qual era o desfecho do não-cumprimento da Exigência?

Havia aqui qualquer coisa errada. Alguma coisa não encaixava. Voltaram ao mito original. Deus expulsou Adão e Eva do jardim por não cumprirem a Exigência. Isso criou a Desunião, que criou a Insuficiência, que criou a Exigência.

Assim, a Insuficiência foi resultado do castigo de Deus. O castigo foi a separação, e a Insuficiência foi o resultado. A morte é a insuficiência de Vida — donde se segue que a morte era o castigo.

Foi assim que raciocinaram. O propósito da morte devia ser castigar-vos por não cumprirem a Exigência. Pois sem a morte existia apenas o que sempre existiu — nomeadamente, a Vida Eterna. E se pudessem viver eternamente, quais eram as consequências de não cumprir a exigência de Deus?

Portanto o que sempre existiu teve de ser chamado a recompensa.

É isso mesmo! disseram a vós próprios. A Vida Eterna é a recompensa. Mas agora tinham outra questão difícil. Se existia morte, a Vida Eterna não poderia existir.

Hummm.

Eis um desafio. Como criar uma forma de ambas existirem — apesar do facto de as duas parecerem excluir-se mutuamente?

Decidiram que o fim do corpo físico não significa o vosso fim. Já que a existência da morte obstava à possibilidade de uma vida que se prolongasse para sempre, decidiram que a vida deve prolongar-se para sempre após a morte física.

Mas se a vida continuasse para sempre depois da morte física, para que servia a morte?

Para nada. E, portanto, tinha de se criar na vossa experiência pós-morte... outro desfecho.

Chamaram-lhe Condenação.

Ajustava-se perfeitamente, pensando bem. Estava em consonância com a Segunda Ilusão — o desfecho da vida é duvidoso; o Fracasso Existe!

Agora podiam ter o bolo e comê-lo também. Podiam ter a morte e a Vida Eterna, o castigo e a recompensa. Colocando ambos após a morte, conseguiam transformar a própria morte não no castigo, mas simplesmente na principal manifestação de Insuficiência — a mais impressionante evidência da Quarta Ilusão.

Agora uma Ilusão começava realmente a suportar a outra. O entrelaçamento era perfeito. O vosso trabalho estava terminado e essa era a realidade produzida pela vossa História cultural e interminável criação e transmissão de mitos que a consolidaram.

Os mitos suportam a História, e a História suporta as Ilusões. Esta é a superestrutura de toda a vossa cosmologia. São estas as bases de todos os vossos entendimentos.

E são — todas elas — falsas.

A morte não existe. Dizer que a morte existe seria dizer que vocês não existem, pois vocês são a Vida em Si.

Dizer que a morte existe equivale a dizer que Deus não existe, pois se Deus é tudo o que é (que é exatamente o que Deus é), e se todas as coisas formam um todo uno (que formam), se uma coisa morre, todas as coisas morrem — o que significaria que Deus morre. Se uma coisa morre, Deus morre.

É claro que isso não pode ser. Saibam, portanto, o seguinte: a Morte e Deus excluem-se mutuamente. Não é possível coexistirem.

Se a morte existe, então Deus não existe. Ou terá de se concluir que Deus não é tudo o que é.

Isto levanta uma questão interessante. Há alguma coisa que Deus não seja?

Se acreditam que há um Deus, mas que há qualquer coisa que Deus não seja, então podem acreditar em muitas outras coisas. Não só na morte como no Diabo, e em tudo pelo meio.

Se, pelo contrário, acreditam que Deus é a energia da Vida em Si, e que essa energia nunca morre, mas muda meramente de forma, e que essa energia Divina não só existe em tudo como é tudo — que é a energia que forma o que assumiu forma — estão a um pequeno passo de acreditar que a morte não existe, nem pode existir.

Isto é o que é. Eu sou a energia da Vida. Sou o que forma o que assumiu forma. Tudo o que veem é Deus, em formação diversa.

Todos vocês são Deus, em formação.

Ou, por outras palavras, são a informação de Deus.¹

Já vos disse isto antes, mas agora podem finalmente compreendê-lo verdadeiramente.

Muito do que vos tenho dito nas nossas conversas é repetido diversas vezes, o que é, evidentemente, propositado. Têm de ter uma percepção nítida de todos os conceitos que vos foram dados antes de conseguirem apreender novos conceitos que procurem compreender.

Alguns de vós quererão ir mais depressa. Alguns dirão "Pronto, já percebi!" Mas têm-no² realmente? A vossa vivência é uma medida do que têm ou não têm. É um reflexo dos vossos entendimentos mais profundos.

Se a vossa vida é uma experiência de alegria constante e felicidade total, então têm-no verdadeiramente. Isso não significa

¹ Jogo de palavras com os termos in formation ("em formação") e information ("informação") já utilizado pelo autor em obras anteriores. (N. da T.)

² Jogo de palavras com a expressão I'(ha)ve got it, que pode significar "percebi" e também "tenho-o". (N. da T.)

que a vossa vida não inclua as condições que podem provocar dor, sofrimento e desilusão. Significa que vivem com alegria apesar das condições. A vossa experiência nada tem a ver com condições.

Isto é o amor incondicional, de que vos tenho falado muitas vezes. Podem experienciá-lo em relação a outra pessoa ou em relação à Vida em Si.

Quando sentem um amor incondicional pela Vida, amam a Vida exatamente como ela se apresenta, aqui e agora. Isso só é possível quando "veem a perfeição".

Digo-vos que tudo e todos são perfeitos. Quando se aperceberem disso, terão dado o primeiro passo para a mestria. Mas não se poderão aperceber a menos que, e até que, compreendam exatamente o que toda a gente está a tentar fazer, e o propósito de tudo sob os Céus.

Por exemplo, ao compreenderem que o propósito deste diálogo, ao voltar repetidamente às suas questões principais, é conduzir-vos ao aprofundamento progressivo do vosso entendimento, e cada vez mais próximo da mestria, adorarão a repetição. Adorá-la-ão porque compreenderão o benefício. Acolherão a dádiva.

Isto trar-vos-á equanimidade neste momento e em todos os momentos da vida, por muito desagradáveis que os tenham julgado anteriormente. Encontrarão equanimidade até nos momentos que antecederem a vossa morte, pois verão a morte, também, como perfeita.

Encontrarão e criarão equanimidade ainda com maior mestria quando compreenderem que cada momento é uma morte. Cada momento é o fim da vossa vida como eram, e o início da vossa nova vida como o que escolhem ser.

A cada momento se recriam de novo. Fazem-no consciente ou inconscientemente, atentos ou completamente alheios ao que se passa.

Não têm de se defrontar com o momento a que antes chamaram "morte" para experienciarem mais vida. Podem experienciar mais vida sempre que quiserem, de centenas de maneiras diferentes, em centenas de alturas diferentes — no momento do nascimento, no momento da morte ou em qualquer momento intermédio.

Isto prometo-vos Eu: vocês vão experienciar mais vida no momento da vossa morte física — e isso fará mais do que tudo o resto para vos convencer de que há mais vida, de que a vida continua e nunca, nunca acaba. Nesse instante aperceber-se-ão de que o insuficiente nunca existiu. Nunca houve Vida insuficiente, nem matéria da vida insuficiente.

Isto dissolverá a Quarta Ilusão para sempre. Contudo essa Ilusão pode ser dissolvida antes do momento da vossa morte, e essa é a Minha mensagem aqui.

A forma de produzir mais vida é experienciar mais morte. Não deixem que a morte seja uma coisa uma-vez-na-vida! Experienciem cada momento da vida como uma morte, pois é isso, na verdade, o

que ela é quando redefinem a morte como simplesmente o fim duma experiência e o início de outra.

Ao fazê-lo, podem fazer um pequeno funeral a cada momento do que acabou de passar, do que acabou de morrer. E a seguir podem dar a volta e criar o futuro, apercebendo-se de que há um futuro, de que há mais Vida.

Ao saberem-no, desfaz-se a ideia do insuficiente, e podem começar a usar cada Momento de Agora dourado d'uma nova forma, com uma nova compreensão e apreciação mais profunda, com maior atenção e consciência superior.

E a vossa vida nunca mais será a mesma.

Assim que compreenderem que há sempre mais Vida, aprenderão a usar a ilusão de que não há Vida suficiente d'uma forma que vos serve, o que permitirá que a ilusão vos ajude, em vez de vos travar, ao trilharem o vosso caminho de regresso a casa.

Podem descontrair-se, porque sabem que têm mais tempo, apesar de a ilusão ser que o vosso tempo está a esgotar-se. Podem criar com enorme eficiência, pois sabem que têm mais Vida, apesar de a ilusão ser que a vossa vida está a terminar. Podem encontrar paz e alegria, apesar de a ilusão ser que não há o suficiente de seja o que for que julgam precisar na vida, porque sabem que há o suficiente. Há tempo suficiente, há Vida suficiente e há matéria da vida suficiente para vos permitir viverem felizes para sempre.

Ao permitirem-se a experiência de que há o suficiente do que antes pensaram não haver, ocorrem mudanças extraordinárias na vossa vida.

Quando sabem que há o suficiente, deixam de competir com os outros. Deixam de competir por amor, dinheiro, sexo, poder, ou seja, o que for de que julgavam não haver o suficiente.

A competição terminou.

Isso altera tudo. Agora, em vez de competirem com os outros para conseguirem o que querem, começam a dar aquilo que querem. Em vez de lutarem por mais amor, começam a dar mais amor. Em vez de se debaterem pelo sucesso, começam a assegurar-se de que todos os outros são bem-sucedidos. Em vez de procurarem alcançar o poder, começam a dar poder aos outros.

Em vez de buscarem afeto, atenção, satisfação sexual e segurança emocional, encontram-se como sendo a sua fonte.

Na verdade, tudo o que alguma vez desejaram, passam a fornecer aos outros. E a beleza de tudo isto é que, ao darem, também recebem. De repente, têm mais do que estão a dar.

A razão disso é clara. Não tem nada com o facto de o que vocês fizeram estar "normalmente certo", ou "espiritualmente iluminado", ou ser a "Vontade de Deus". Tem a ver com uma verdade simples: não há mais ninguém na sala.

Há só um de nós.

Mas a Ilusão diz que não é assim. Diz que todos estão separados uns dos outros e de Mim. Diz que não há o suficiente — nem sequer o suficiente de Mim — e assim, têm de fazer alguma coisa de forma a terem o suficiente. Diz que serão cuidadosamente vigiados para assegurar que o fazem. Diz que se não o fizerem serão condenados.

Não parece ser uma coisa lá muito amorosa. No entanto, se há coisa que todas as vossas histórias culturais vos têm dito, é que Deus é Amor. O Amor Supremo. O Amor Total. O Amor Incomensurável. Mas se Deus é Amor, como pode existir a Condenação? Como pode Deus condenar-nos a uma tortura eterna indescritível?

São essas as perguntas que os humanos começaram a fazer.

Havia, claramente, uma imperfeição na Sétima Ilusão, o que devia ter revelado que a ideia da Condenação era falsa, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir da Ilusão ou algo de muito vital chegaria ao fim. Mais uma vez, tinham razão. Mas, mais uma vez, cometeram um erro. Em vez de verem a Ilusão como uma ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Foi para reparar a imperfeição na Sétima Ilusão que a Oitava Ilusão foi criada.

CAPÍTULO 8

A Ilusão do Condicionalismo

A Oitava Ilusão é:

8. O Condicionalismo Existe

Para que exista a Condenação tem de haver algo que não compreendam em relação ao amor.

Foi esta a vossa conclusão, e inventaram o Condicionalismo como característica da vida para resolverem o dilema que isto representava.

Tudo na vida tem de ser condicional. Não era óbvio? perguntavam alguns dos vossos pensadores. Não compreenderam a Segunda Ilusão? O desfecho da vida é duvidoso.

O Fracasso existe.

Isso significa que podem não conseguir ganhar o amor de Deus. O amor de Deus é condicional. Têm de cumprir a Exigência. Se não cumprirem a Exigência, serão separados. Não foi isto que vos ensinou a Terceira Ilusão?

As vossas histórias culturais foram muito persuasivas. Nesta comunicação, tenho falado longamente através das histórias de culturas ocidentais, porque foi nessa cultura que esta comunicação começou. Mas as culturas do Oriente, e todas as culturas e tradições dos humanos na sua grande diversidade, também têm as suas histórias, e a maior parte baseia-se nalgumas ou em todas as Dez Ilusões.

Como frisei, há mais de dez ilusões.

Vocês criam centenas todos os dias. Cada uma das vossas culturas criou as suas, mas duma maneira ou doutra todas se baseiam nos mesmos conceitos erróneos primitivos, o que se comprova pelo facto de todas terem criado os mesmos resultados.

A vida no vosso planeta está recheada de experiências de ganância, violência, morte e, em quase todo o lado, amor condicional.

Aprenderam o amor condicional a partir da ideia de que o amor do Ser Supremo, independentemente de como concetualizam esse Ser, é condicional. Ou, se não acreditam num Ser Supremo, mas antes na Vida em Si, concebem a Vida como um processo que se exprime dentro do contexto do Condicionalismo. Ou seja, uma condição depende da outra. Alguns chamar-lhe-iam Causa e Efeito.

E então a Causa Primeira?

Essa é a pergunta a que nenhum de vós conseguiu responder. Nem os vossos maiores cientistas foram capazes de desvendar o

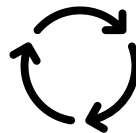
mistério. Nem os vossos maiores filósofos conseguiram resolver o problema.

Quem criou Aquilo Que Cria?

Se concebem um Universo de causa-e-efeito, muito bem — mas o que causou a Causa Primeira?

Aqui é que os vossos mestres tropeçam. É aqui que termina o vosso trilho. É aqui que chegam ao limite da compreensão.

Agora vamos voar para além desse limite.



Não existe nenhum Condicionalismo no Universo. O Que É é O Que É e não existem nenhuma condições em que O não seja.

Compreendem?

Não é possível a "O Que É" não ser. Não existem nenhuma condições em que isso seja verdade. É por isso que a Vida é eterna. Porque a Vida é O Que É, e O Que É nunca pode não ser.

A Vida sempre foi, é agora, e será para todo o sempre.

Assim é com Deus. Pois Deus é o que é a Vida.

Assim é com o amor. Pois o amor é o que é Deus.

O amor, portanto, não conhece nenhuma condição. O amor, simplesmente, é.

O amor não pode não ser, e não existem nenhuma condições em que se possa fazê-lo desaparecer.

Podem substituir a palavra "Vida" ou a palavra "Deus" por "amor" na frase acima e ela será igualmente verdadeira.

O amor condicional é um oxímoro.

Perceberam? Entendem? Os dois excluem-se mutuamente. A experiência do Condicionalismo e a experiência do amor não podem existir ao mesmo tempo no mesmo lugar.

A vossa ideia de que podem está a destruir-vos.

A vossa civilização optou por viver a Oitava Ilusão a um nível muito elevado. O resultado é que a vossa própria civilização se encontra ameaçada de extinção.

Vocês não estão ameaçados de extinção. Não podem estar, pois são a Vida em Si. Contudo a forma como expressam a Vida no momento presente — a civilização que criaram e que estão prestes a descriar — não é imutável. A maravilha de Quem Vocês São é poderem mudar de forma sempre que desejem. Na verdade, fazem-no constantemente.

Se, no entanto, estão a gostar da forma em que se experienciam, porquê mudá-la?

Essa é a questão com que se defronta toda a raça humana.

Foi-vos dado um paraíso para viver. Todas as alegrias possíveis da vida física foram postas ao vosso dispor. Estão verdadeiramente num Jardim do Éden. Essa parte da vossa História cultural é real. Mas não foram separados de Mim, e nunca têm de ser. Podem experienciar este paraíso enquanto desejarem.

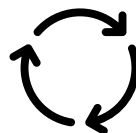
Ou podem destruí-lo dum momento para o outro.

O que escolhem?

Estão prestes a escolher a segunda hipótese.

É essa a vossa escolha? É essa a vossa decisão consciente?

Considerem cuidadosamente esta pergunta. Muito depende da vossa resposta.



Apesar da ausência de verdadeiro Condicionalismo no Universo, acreditaram firmemente que o Condicionalismo existe. Certamente que existe no reino de Deus. Isso foi-vos ensinado por todas as vossas religiões. Portanto deve existir no Universo em geral. Era, segundo decidiram, um facto da vida. E assim passaram vidas inteiras a tentar imaginar quais as condições que vos permitiriam criar a vida — e a vida depois da morte — que desejavam se não

cumprissem a Exigência. Se cumprissem a Exigência, não havia problema nenhum. Mas se não cumprissem?

Essa busca conduziu-vos por um caminho sem saída, pois não existem condições. Podem ter a vida que desejam, e a vida depois da morte como a imaginam, simplesmente escolhendo-as.

Vocês não acreditam nisto. Dizem que a fórmula não pode ser assim tão simples. Não, não... tem de se cumprir a Exigência!

Não se entendem como seres criativos. Nem entendem que Eu o seja. Imaginam que posso fracassar na obtenção de uma coisa que desejo (que todos os Meus filhos voltem a Mim) — o que quer dizer que não devo ser um ser verdadeiramente criativo, mas sim um ser dependente. Se Eu fosse verdadeiramente criativo, seria capaz de criar qualquer coisa que quisesse. Mas pareço depender de certas condições para ter o que quero.

Os humanos não conseguiam imaginar que condições teriam de ser preenchidas para poderem voltar para Deus. Portanto fizeram o melhor que sabiam... e inventaram-nas.

Assim nasceram os conceitos de perdão e salvação. Eram essas as condições do amor. Deus diz "amo-vos se" e eram esses os "ses".

Se as pessoas tivessem encarado objetivamente as coisas, o facto de cada religião explicar o perdão e a salvação de forma diferente podia ter sido a prova de que estava tudo a ser inventado. Mas a objetividade não era uma coisa em que os humanos se mostrassem particularmente capazes.

Continuam a afirmar que não estão a inventar nada. Dizem que as condições do vosso regresso a Deus foram estabelecidas por Mim. E se existem centenas de religiões diferentes que apontam milhares de condições diferentes não é porque Eu tenha passado uma mensagem confusa, mas sim porque a raça humana simplesmente não a entendeu.

Vocês entenderam-na, claro. As outras pessoas, das outras religiões, é que não.

Ora, há muitas maneiras de resolverem isso. Podem ignorá-las. Podem tentar convertê-las. Até podem decidir simplesmente eliminá-las.

A vossa raça já tentou todas essas coisas. E tinham o direito de o fazer, não tinham? Tinha a responsabilidade de o fazer, não tinham? Não era essa a obra de Deus? Não foram chamados para convencer e converter os outros para que também eles soubessem o que estava certo? E as mortes e limpezas étnicas que fizeram não eram justificadas quando os outros não se deixavam convencer? Não havia qualquer coisa, "qualquer coisa" não escrita, que vos dava esse direito?

São perguntas que os humanos começaram a fazer.

Havia, claramente, uma imperfeição na Oitava Ilusão, o que devia ter revelado que a ideia do Condicionalismo era falsa, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir da Ilusão ou algo de muito vital chegaria ao fim.

Mais uma vez, tinham razão. Mas, mais uma vez, cometeram um erro. Em vez de verem a Ilusão como uma ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Foi para reparar a imperfeição na Oitava Ilusão que a Nona Ilusão foi criada.

CAPÍTULO 9

A Ilusão da Superioridade

A Nona Ilusão é:

9. A Superioridade Existe

Concluíram os humanos que, se o Condicionalismo existia, seria necessário saber as condições para desfrutar e criar a vida — e a vida depois da morte — que se desejava.

Esta conclusão era inevitável, assim como: Os que conheciam as condições estavam em melhor situação do que os que não as conheciam.

E não foi preciso muito tempo para que a raça humana substituísse "estavam em melhor situação" por "eram melhores" na frase anterior.

Assim nasceu a ideia da Superioridade.

A Superioridade tinha muitas utilizações. A principal era fornecer uma justificação indiscutível para fazer o que fosse preciso para garantir que havia o "suficiente" de tudo — incluindo o amor de

Deus. Conhecer as condições dava o direito de ignorar os outros, ou de procurar converter os outros, ou simplesmente de eliminar outros que não conhecessem as condições ou que não estivessem de acordo com elas.

Portanto, procurar conhecer as condições da Vida tornou-se uma preocupação fundamental. Chamaram ao conhecimento das condições da Vida, ciência. Conhecer as condições da vida depois da morte chamou-se consciência. Se se conhecesse essas condições e as entendesse, dizia-se que se tinha "uma boa consciência" ou que se era "consciente".

Uma "elevada consciência" era considerada o resultado do estudo minucioso daquilo a que chamaram teologia, a partir de teo + logis, ou livremente, a lógica de Deus.

Depois de muito estudo, concluiu-se que havia determinadas circunstâncias em que a Exigência podia ser cumprida, e outras em que isso era impossível. Havia também certas circunstâncias em que se podia ser perdoado por não ter cumprido a Exigência.

Tais circunstâncias vieram a ser conhecidas como "as condições".

"Ter" foi acrescentado ao "fazer" na vossa experiência.

Quando têm cabeça suficiente, podem ter o que chamam boas notas, licenciar-se com a melhor nota do curso e arranjar um belo emprego. Podem ser então aquilo a que chamam bem-sucedidos.

Quando têm dinheiro suficiente, podem fazer aquilo que se chama comprar uma casa maravilhosa e estar aquilo que se chama seguros.

Quando têm tempo suficiente, podem fazer aquilo que se chama ir de férias, e ficar aquilo que se chama descansados, revigorados e tranquilos.

Quando têm poder suficiente, podem fazer aquilo que se chama determinar o vosso próprio destino e ser aquilo que se chama livres.

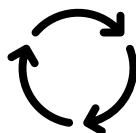
Quando têm fé suficiente, podem fazer aquilo que se chama encontrar Deus e podem ser aquilo que se chama salvos.

Foi assim que organizaram o vosso mundo. Quando alguém tem o estofo certo, pode fazer as coisas certas — as coisas que lhe permitem ser o que sempre quis ser.

A dificuldade é que as pessoas não podem fazer facilmente todas as coisas que precisam de fazer exceto se tiverem todas as coisas que vocês dizem que elas precisam de ter.

Não conseguem arranjar um bom emprego e chegar ao topo, mesmo que sejam inteligentes, a menos que sejam do género devido. Não podem comprar uma casa maravilhosa, mesmo que tenham o dinheiro, se não tiverem também a cor de pele apropriada. Não podem encontrar Deus, mesmo que tenham fé, a menos que tenham as convicções religiosas certas.

Ter o estofo certo não é garantia de obterem tudo o que desejam, mas dá-vos um grande avanço.



Quanto mais conhecimento destas condições se adquirisse (ou se pensasse que se adquirira), tanto mais superior se era considerado. Tal como já foi mencionado, esta Superioridade dava às pessoas a autoridade (ou encorajava as pessoas a outorgar-se a autoridade) de fazerem o que achavam necessário para se garantirem mais Vida e mais Deus — de nenhum dos quais existia o suficiente.

Foi por isso que tiveram de fazer o que tiveram de fazer: por não haver o suficiente. Foi o que disseram a vós próprios. Toda a vossa espécie aceitou este mantra.

Há mais do que um de vós e não há o suficiente para todos. Não há alimentos suficientes, dinheiro suficiente, amor suficiente, Deus suficiente.

Têm de competir por eles.

E se vão competir, têm de ter uma forma de determinar quem ganha.

A Superioridade foi a vossa resposta.

Ganha quem é superior — e a Superioridade baseia-se em determinadas condições.

Alguns humanos procuraram garantir que ganhariam e acrescentaram condições arbitrariamente. Tornaram possível declararem-se vencedores antecipadamente.

Declararam, por exemplo, que o sexo masculino era superior ao sexo feminino. Não era evidente? perguntaram alguns dos pensadores entre vós. (Claro que a maior parte dos que perguntavam eram do sexo masculino.)

De igual modo, os brancos foram declarados Superiores.

E depois, mais tarde, os Americanos.

E, claro, os Cristãos.

Ou foram os Russos? E os Judeus? Ou as mulheres?

Como podiam coisas destas ser verdade? Claro que podiam. Tudo dependia de quem criava o sistema.

Os seres superiores dos primeiríssimos tempos não eram do sexo masculino... e o sexo masculino estava de acordo. Afinal, o sexo

feminino não era portador da vida? E a vida não era aquilo que toda a gente desejava ao máximo? Assim, durante o vosso período matriarcal, o sexo feminino foi considerado superior.

De igual modo, a raça branca não foi a primeira raça e, portanto, não era superior.

Na verdade, não é superior hoje em dia.

Nem o sexo masculino é superior.

Nem os Judeus.

Nem os Cristãos.

Nem os Muçulmanos, os Budistas, os Hindus, nem sequer os Democratas nem os Republicanos, Conservadores ou Comunistas, nem coisíssima nenhuma.

Eis a verdade — a verdade que vos libertará, a verdade que não podem permitir que seja dita pois libertará toda a gente:

A Superioridade é coisa que não existe.

Vocês inventaram tudo.

Definiram o que vocês julgam ser superior com base nas vossas preferências, desejos e percepções (que são, de facto, muito limitadas). Anunciaram o que proclamam ser melhor baseados na vossa perspetiva, nos vossos objetivos e no vosso propósito.

Contudo alguns de vós alegaram que esse era o Meu propósito. Foi Deus quem nomeou o Povo Eleito, ou a Única Fé Verdadeira, ou o único caminho para a salvação.

Tudo isto leva de volta à Primeira Ilusão: a Necessidade Existe.

Imaginam que, por Deus ter necessidades, Deus tem um propósito.

Foi este o vosso primeiro erro, e conduziu ao que podia ter sido o último. Pois Eu vos digo: a vossa ideia de Superioridade pode ser o último erro que alguma vez cometerão.

Os humanos pensam que são superiores à Natureza e, por isso, procuram subjugar-la. Ao fazê-lo destroem o próprio habitat que foi criado para os proteger e ser o seu paraíso.

Os humanos pensam que são superiores uns aos outros e, por isso, procuram subjugar-se uns aos outros. Ao fazê-lo, destroem a própria família que foi criada para os acolher e lhes dar amor.

A vossa espécie está a tornar muito difícil experienciar a Vida na sua forma atual devido à vossa crença nas Ilusões. Por não

utilizarem as Ilusões tal como estavam destinadas, estão a transformar o que se destinava a ser um sonho lindo num pesadelo vivo.

Mas podem desfazer tudo isso agora mesmo. Basta verem as Ilusões tais como elas são — realidades forjadas com um propósito — e deixar de as viver como se fossem reais.

Em particular, deixar de viver a Nona Ilusão com tanta convicção. De facto, usem a Ilusão para verificarem que a Superioridade não é real. Não pode existir uma coisa como a Superioridade quando Somos Todos Um. Uma coisa não poder ser superior a si própria.

Todas as coisas são Uma Coisa, e nada mais existe. "Somos Todos Um" é mais do que um belo slogan. É uma descrição exata da natureza da Realidade Fundamental. Ao compreenderem isto, começam a experienciar a vida — e a tratar-se uns aos outros — de uma nova maneira. Veem a relação de todas as coisas de um modo diferente. Constatam a ligação a um nível muito superior. A vossa consciência expande-se, a vossa perspicácia torna-se muito aguda. Literalmente, veem por dentro.

Essa capacidade acrescida de perscrutar a vida profundamente permite-vos olhar para além da Ilusão e reconhecer — "conhecer outra vez", re-conhecer — a vossa realidade. É por este processo que relembram Quem Realmente São.

Este movimento, do não conhecer para o conhecer outra vez, pode ser feito lentamente. A jornada poder ser empreendida por pequenas etapas. As pequenas etapas podem produzir grandes progressos. Lembrem-se sempre disso.

Uma dessas pequenas etapas seria pôr fim ao melhor.

A ideia da Superioridade é a ideia mais sedutora concebida pela raça humana. Pode transformar o coração em pedra, mudar o quente para o frio, o sim para o não, num instante.

Uma única frase, proferida a partir dos vossos púlpitos, tribunas e púlpitos, pelos vossos congressos nacionais ou líderes em cimeiras mundiais, podia mudar tudo.

"A nossa não é uma maneira melhor, é apenas outra maneira."

Esta expressão humilde podia começar a sanar as divisões entre as vossas religiões, encurtar a distância entre os vossos partidos políticos e refrear os conflitos entre nações.

Com uma palavra podiam acabar com eles.

"Namasté".¹

¹ Namasté significa em sânscrito "o divino em mim abençoa e saúda o divino em ti" (in Infoseek). (N da T)

Deus em mim respeita Deus em ti.

Tão simples. Tão belo. De facto, tão prodigioso.

Contudo, tão difícil, quando se está enredado na Ilusão, ver Deus em toda a gente e todas as coisas. Cada pessoa teria de ter a noção da Ilusão — ter a noção de que é uma ilusão.

Mas se não é uma ilusão e sim a vida tal como realmente é, então como é que, exactamente quando nos imaginamos superiores, nos comportamos das formas mais inferiores? Por que razão é que, precisamente quando nos julgamos melhores, é que atuamos pior?

Havia, claramente, uma imperfeição na Nona Ilusão, o que devia ter revelado que a ideia da Superioridade era falsa, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir da Ilusão ou algo de muito vital chegaria ao fim.

Mas uma vez, tinham razão. Mas, mais uma vez, cometeram um erro. Em vez de verem a Ilusão como uma ilusão e a utilizarem para o efeito a que se destinava, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

Foi para reparar a imperfeição na Nona Ilusão que a Décima Ilusão foi criada.

CAPÍTULO 10

A Ilusão da Ignorância

A Décima Ilusão é:

10. A Ignorância Existe

À medida que cada Ilusão se sobrepunha à anterior, a Vida tornava-se cada vez mais difícil de conceber. Os humanos faziam cada vez mais perguntas para as quais não havia resposta. Se isto era verdade, porquê aquilo? Se aquilo era verdade, porquê isto? Não tardou muito até os filósofos e os mestres começarem a levantar os braços. "Não sabemos" diziam, "e não sabemos se é possível saber."

Assim nasceu a ideia da Ignorância.

Esta ideia servia tantos propósitos que se espalhou rapidamente e em breve se transformou na resposta fundamental.

Não sabemos.

As instituições humanas começaram a encontrar nisso não só um refúgio como uma certa espécie de poder. "Não sabemos"

transformou-se em "não é suposto sabermos", que passou a "você não têm necessidade de saber", que finalmente mudou para "o que vocês não sabem não vos fará mal nenhum".

Isto deu às religiões e aos governos a autoridade de dizerem o que queriam, de atuarem conforme lhes apetecia, sem terem de responder perante ninguém.

"Não é suposto sabermos" tornou-se de facto uma doutrina religiosa. Há certos segredos do Universo que Deus não quer que saibamos, afirmava essa doutrina, e fazer perguntas sobre essas coisas era blasfémia. Essa doutrina espalhou-se rapidamente da religião à política e ao governo.

Resultado: houve uma época na vossa História em que certas perguntas, feitas em certas alturas, de certas maneiras, podiam significar cabeças cortadas.

Literalmente.

Essa proibição de averiguação elevou a Ignorância a um atributo desejável. Tornou-se muito sensato e de boas maneiras não fazer perguntas. Tornou-se a conduta aceite. Na verdade, a conduta esperada.

E embora o castigo da ofensa por inquirição impertinente não pareça tão severo hoje como noutros tempos, há certos lugares no vosso planeta onde pouco mudou.

Certos regimes totalitários insistem até este momento em que sejam ouvidas apenas as vozes da concordância e que as vozes da discordância sejam silenciadas, por vezes das formas mais brutais.

Esses comportamentos bárbaros são justificados por proclamações de que são "necessários para assegurar a ordem". Os protestos da comunidade internacional deparam com fungadelas indignadas, declarando os governos repressivos que tais questões são "assuntos internos".

Digo-vos isto: a essência do amor é a liberdade. Quem disser que vos ama e que vos protege, dar-vos-á liberdade.

É tão simples como isso. Não têm de procurar mais longe nem mais profundamente um entendimento mais sofisticado.

Disse-vos antes e digo-vos de novo. Existem apenas duas energias no âmago da experiência humana: amor e medo.

O amor concede liberdade, o medo retira-a. O amor abre, o medo fecha. O amor convida à expressão total, o medo pune-a.

Através desta medida conseguem saber se alguém vos ama ou vos teme.

Não olhem ao que vos dizem. Olhem ao que vos fazem.

O amor convida-vos, sempre, a quebrar os elos da ignorância. A fazer qualquer pergunta. A procurar qualquer resposta. A dizer qualquer palavra. A partilhar qualquer pensamento. A apoiar qualquer sistema. A adorar qualquer Deus.

A viver a vossa verdade.

O amor convida-vos, sempre, a viver a vossa verdade.

É assim que podem saber se é amor.

Eu amo-vos. Por isso vim dizer-vos que a Ignorância é uma Ilusão.

Vocês sabem tudo o que há para saber sobre Quem Realmente São — que é a essência do amor. Não há nada que tenham de aprender. Apenas necessitam de relembrar.

➤ *Disseram-vos que não podem conhecer Deus, e que fazer perguntas sobre Mim é uma ofensa contra Mim.*

Isso não é verdade.

Nenhuma dessas afirmações é verdadeira.

- *Disseram-vos que há qualquer coisa que Eu necessito de vós, e que se não Ma derem, não podem voltar para Casa, para a Unidade comigo.*

Isso não é verdade.

Nenhuma dessas afirmações é verdadeira.

- *Disseram-vos que estão separados de Mim e que estão separados uns dos outros.*

Isso não é verdade.

Nenhuma dessas afirmações é verdadeira.

- *Disseram-vos que não há o suficiente, e que, portanto, têm de competir uns com os outros por tudo, incluindo por Mim.*

Isso não é verdade.

Nenhuma dessas afirmações é verdadeira.

- *Disseram-vos que se não fizerem o que eu quero nessa competição serão castigados, e que o castigo será a condenação à tortura eterna.*

Isso não é verdade.

Nenhuma dessas afirmações é verdadeira.

- *Disseram-vos que o Meu amor por vós é condicional e que, se conhecerem e cumprirem as Minhas condições e todas as condições necessárias para ganhar na competição pela vida, serão superiores.*

Isso não é verdade.

Nenhuma dessas afirmações é verdadeira.

- *Finalmente, disseram-vos que não sabem que estas afirmações não são verdadeiras, e que nunca poderão saber, porque é tudo demasiado para a vossa compreensão.*

Isso não é verdade.

Nenhuma dessas afirmações é verdadeira.

ESTA É QUE É A VERDADE...

1. Deus não precisa de nada.

2. Deus não pode fracassar, nem vocês.

3. Nada está separado de nada.

4. Há o suficiente.

5. Não há nada que tenham de fazer.

6. Nunca serão julgados.

7. Nunca serão condenados.

8. O amor não conhece condições.

9. Uma coisa não pode ser superior a si própria.

10. Vocês já sabem isto tudo.

SEGUNDA PARTE

Controlar as Emoções

CAPÍTULO 11

Ensinar Bem os Filhos

Ensinem estas verdades aos vossos filhos.

Ensinem aos vossos filhos que não precisam de nada exterior a eles próprios para serem felizes — de nenhuma pessoa, lugar ou coisa — e que a verdadeira felicidade se encontra interiormente. Ensinem-lhes que eles são suficientes para consigo próprios.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que o fracasso é uma ficção, que toda a tentativa é um sucesso e todo o esforço é o que alcança a vitória, sendo o primeiro não menos respeitável que o último.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que estão profundamente ligados a toda a Vida, que são Um com todas as pessoas, e que nunca estão separados de Deus.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que vivem num mundo de magnífica abundância, que há o suficiente para toda a gente, e que é no partilhar o máximo, não no arrecadar o máximo, que o máximo é recebido.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que não há nada que lhes seja exigido ser ou fazer para terem direito a uma vida de dignidade e realização, que não precisam de competir com ninguém por coisa nenhuma e que as bênçãos de Deus se destinam a todos.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que nunca serão julgados, que não precisam de se preocupar em fazer sempre tudo certo, e que não têm de moldar nada, nem "melhorar", para parecerem perfeitos e belos aos olhos de Deus.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que consequências e castigo não são a mesma coisa, que a morte não existe, e que Deus jamais condenaria alguém.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que não há condições no amor, que não precisam de se preocupar com a possibilidade de perderem o vosso amor, nem o de Deus, e que o seu próprio amor, partilhado incondicionalmente, é a maior dádiva que podem dar ao mundo.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que ser especial não significa ser melhor, que reclamar superioridade em relação a outros não é vê-los como Quem Realmente São, e que há um grande conforto no reconhecimento de que "a minha não é uma maneira melhor, é apenas outra maneira".

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem aos vossos filhos que não há nada que não possam fazer, que a ilusão da Ignorância pode ser erradicada da terra, e que tudo o que as pessoas precisam é de serem devolvidas a si próprias recordando-lhes Quem Realmente São.

Ensinem-lhes isso e tê-los-ão ensinado esplendidamente.

Ensinem isto não com palavras mas com as vossas ações; não com discussão mas com demonstração. Pois o que vocês fazem é o que os vossos filhos imitarão, e é como vocês são que eles se tornarão.

Ide e ensinai estas coisas não só aos vossos filhos, mas a toda a gente e a todas as nações. Pois todas as pessoas são vossos filhos, e todas as nações são o vosso lar, quando iniciarem a viagem para a mestria.

Esta é a jornada em que embarcaram há muitos séculos e muitas vidas atrás. É a jornada para a qual se prepararam há muito e que vos trouxe aqui, a este tempo e lugar.

Esta é a jornada que vos chama mais urgentemente que nunca, na qual se sentem progredir a uma velocidade cada vez maior.

Este é o desfecho inevitável do anseio da vossa alma. É o que diz o coração, na linguagem do corpo. É a expressão da vossa Divindade interior. E chama-vos como nunca antes chamou — porque a ouvem agora como nunca antes foi ouvida.

É tempo de partilhar com o mundo uma visão gloriosa. É a visão de todas as mentes que verdadeiramente indagaram, de todos os corações que verdadeiramente amaram, de todas as almas que verdadeiramente sentiram alguma vez a Unidade da Vida.

Depois de a terem sentido, jamais se satisfarão com menos. Depois de a terem experienciado, não quererão outra coisa senão partilhá-la com todos aqueles cujas vidas tocam.

Porque esta é a Realidade, que se apresenta num contraste espetacular com a Ilusão. Conseguirão experienciar a Realidade, e

conhecê-la, graças à Ilusão. Contudo, vocês não são a Ilusão, e o "eu" que experienciam dentro da Ilusão não é Quem Realmente São.

Não podem relembrar Quem Realmente São enquanto imaginarem que a Ilusão é real. Devem compreender que a Ilusão é uma ilusão — que vocês a criaram, para efeitos muitos reais, mas que a ilusão em si não é real.

Foi isto que vieram aqui relembrar, com mais careza do que alguma vez relembraram.

A transformação do vosso mundo dependerá de como relembrarem. O significado da palavra educação não é "pôr dentro", mas sim "tirar para fora". Toda a verdadeira educação é atrair para fora do aluno o que já lá está. O Mestre sabe que já lá está e, portanto, não tem necessidade de o lá pôr. O Mestre apenas tenta fazer com que o aluno repare que lá está.

Ensinar nunca é ajudar os outros a aprender, mas sim ajudá-los a relembrar.

Toda a aprendizagem é um relembrar. Todo o ensino é um recordar. Todas as lições são memórias, recapturadas.

É impossível ensinar algo de novo, pois nada há de novo para ensinar. Tudo o que já foi, é agora e alguma vez será, é, neste preciso momento.

A alma tem acesso a toda esta informação. Na verdade, a alma é tudo isto... em formação.

A alma é o Corpo de Deus, em formação.

Eu estou num processo constante de formação. Esse processo tem-se chamado evolução e é um processo que nunca acaba.

Se pensam em Deus como um processo, ou um ser, que está "acabado", não lembraram corretamente aquilo que é. Eis um grande segredo: Deus nunca acaba.

Com nada. Incluindo vocês.

Deus nunca acaba convosco.

Isso porque vocês são o que Deus é. E uma vez que Deus não acaba com Deus, não é possível Deus ter acabado convosco.

Ora, aqui está a dicotomia Divina: Eu disse que tudo o que foi, é agora, e alguma vez será, é, neste preciso momento. Disse também que o processo de evolução não tem fim e, portanto, nunca acaba. Como podem ambos ser verdade?

A resposta tem a ver com a natureza do tempo, tal como vocês o entendem. Na verdade, o tempo é coisa que não existe, há apenas um processo que decorre continuamente no eterno Momento do Agora.

Deus é um processo.

Não vos é possível compreendê-lo no enquadramento da lógica humana ou dentro das limitações da mente humana. Essas limitações são autoimpostas, e são autoimpostas por uma razão. Reporta-se à razão de toda a Ilusão, que agora já vos foi explicada muitas vezes — e será explicada mais uma vez antes de a presente comunicação chegar ao fim.

Por agora, saibam simplesmente que Deus nunca acaba de "Deusar". O processo pelo qual eu Me experiencio é contínuo, interminável e instantâneo.

O Meu aspeto particular que se manifesta como vida humana na terra está em transformação. Vocês estão a escolher, nos dias e tempo presentes, desempenhar um papel consciente nessa transformação. A vossa opção de desempenhar esse papel é demonstrada pelo simples ato de pegarem neste livro. Não o teriam feito — e muito menos o teriam lido até aqui — sem ter a intenção, a um nível muito profundo, de regressar à consciência.

Mesmo que se imaginem a ler este livro como um cético ou um crítico, isso é apenas a vossa imaginação corrente. O vosso propósito subjacente ao terem chegado a esta comunicação é provocar um relembrar grandioso.

Esse relembrar é o que está a decorrer agora em todo o vosso mundo, por toda a sociedade humana. Começou a sério e podem encontrar testemunhos seus em toda a parte.

Estão a abeirar-se da segunda fase do processo de transformação da vida no vosso planeta, que se pode completar num prazo muito curto — algumas décadas, uma ou duas gerações —, se quiserem.

A primeira fase desta transformação demorou muito mais — na verdade, vários milhares de anos. Mas mesmo isso, em termos cósmicos, é um período muito curto. Foi durante esse período de despertar da Humanidade que indivíduos a quem chamaram professor, Mestre, guru ou avatar empreenderam a tarefa de recordar aos outros Quem Realmente São.

À medida que o número de pessoas tocadas por este grupo inicial e pelos seus ensinamentos se eleva até à massa crítica, experienciarão um estímulo do espírito, ou o que poderão chamar um avanço, no qual começa a segunda fase da transformação.

Agora os adultos começam a ensinar os seus jovens — e a partir desse ponto, o movimento é muito rápido.

A vossa raça encontra-se nesse ponto de avanço. Muitos humanos sentiram uma mudança ao entrarem no novo milénio. Esse foi um ponto-chave no desencadear de uma mudança de consciência global na qual desempenham agora o vosso papel.

A chave para a continuação deste momento reside nos vossos jovens. Se a educação da vossa progénie incluir agora certos princípios da vida, a vossa espécie pode dar o salto evolutivo de que é capaz.

Construam as vossas escolas em volta de conceitos, não de disciplinas académicas: conceitos de base tais como consciência, honestidade, responsabilidade, subtópicos como transparência, partilha, liberdade, autoexpressão total, alegria na celebração sexual, interligação humana e diversidade na unidade.

Ensinem estas coisas aos vossos filhos e tê-los-ão ensinado esplendidamente. Acima de tudo, ensinem-nos sobre a Ilusão, e como — e porquê — viver com ela, e não dentro dela.

CAPÍTULO 12

Ver as Ilusões como Ilusões

Como se pode ver a Ilusão como uma ilusão quando parece tão real? E como é que parece tão real se é uma ilusão?

São estas as perguntas que os humanos começam a fazer à medida que a vossa espécie ingressa na experiência da sua própria evolução consciente. Agora haverá respostas, e deixarão a Ilusão da Ignorância.

Dar-vos-ei aqui respostas, para que as considerem.

Lembrem-se, como em todas as comunicações de Deus, de tomar o que leem como valioso, mas não como infalível. Saibam que vocês são a vossa própria autoridade superior. Quer leiam o Talmude ou a Bíblia, o Bhagavad Gita ou o Corão, o Pali Canon ou o Livro dos Mórmones, ou qualquer escritura sagrada, não coloquem a vossa fonte de autoridade como externa. Recolham antes ao vosso interior para verem se a verdade que encontraram está em harmonia com a verdade que encontram no vosso coração. Se estiver, não digam aos outros "Este livro é verdadeiro". Digam, "Este livro é verdadeiro para mim".

E se os outros indagarem sobre o modo como vivem devido à verdade que descobriram dentro de vós, não deixem de dizer que a vossa não é uma maneira melhor, é apenas outra maneira.

Pois é isso que a presente comunicação é. Esta comunicação é apenas outra maneira de ver as coisas. Se tornar o mundo mais claro para vós, ótimo. Se vos aproximar da vossa verdade mais íntima, tanto melhor. Mas tenham o cuidado de não a transformar na vossa nova "sagrada escritura", pois então terão apenas substituído um conjunto de crenças por outro.

Não procurem um conjunto de crenças, procurem a consciência daquilo que sabem. Usem tudo o que encontrarem que vos devolva essa consciência. Compreendam que estão a viver uma ilusão, e que nada nela é real. No entanto a Ilusão assinala o que é real e pode dar-vos a sua experiência.

Como podem ver a Ilusão como uma ilusão se parece tão real? E como parece tão real se é uma ilusão?

Responderei primeiro à segunda pergunta.

A Ilusão parece tão real por tantas pessoas acreditarem que não é uma ilusão.

No vosso mundo da Alice no País das Maravilhas, tudo é como acreditam que seja. Há milhares, milhões, de exemplos disso. Aqui estão dois.

Houve um tempo em que acreditaram que o Sol se movia em volta da Terra — e, na verdade, para vós assim era. Todas as provas demonstravam que assim era! Tinham tanta certeza dessa verdade que desenvolveram toda uma ciência de astronomia a partir dela.

Em tempos, acreditaram que tudo o que era físico se movia dum ponto para outro através do tempo e do espaço. Todas as provas o demonstravam! Tinham tanta certeza dessa verdade que construíram todo um sistema de física a partir dela.

Agora ouçam com atenção. A maravilha dessas ciências e desses sistemas é que funcionavam.

A astronomia que criaram com base na convicção de que a Terra era o centro do Universo funcionou para explicar os fenómenos visuais que viam no movimento dos planetas através do céu noturno. As vossas observações apoiavam a vossa convicção, criando o que chamaram conhecimento.

A física que criaram baseada na vossa convicção sobre as partículas de matéria funcionou para explicar os fenómenos visuais que observaram no mundo físico. Mais uma vez, as vossas observações apoiaram a vossa convicção, criando o que chamaram conhecimento.

Só mais tarde, quando olharam mais de perto para o que estavam a ver, mudaram de opinião sobre estas coisas. Mas essa mudança de opinião não ocorreu facilmente. As primeiras pessoas

que sugeriram essa mudança foram apelidadas de heréticas ou, mais tarde, de tolas ou enganadas. As suas ideias de uma nova astronomia, em que a Terra se movimentava em torno do Sol, ou da física quântica, em que as partículas de matéria não se moviam numa linha contínua através do tempo e do espaço mas desapareciam num local para reaparecerem noutro, foram classificadas como uma blasfêmia espiritual e científica. Os seus proponentes foram desencorajados, denunciados e até condenados à morte pelas suas convicções.

As vossas convicções é que eram verdadeiras, insistia a maioria de vocês. Afinal, não eram suportadas por todas as observações? Mas o que surgiu primeiro, a convicção ou a observação? Essa é a questão central. Essa é a indagação que não quiseram fazer.

Será possível que vejam o que querem ver? Será que observam o que esperam observar? Ou talvez mais precisamente, que olhem através do que não esperam observar?

Digo-vos, a resposta é sim.

Até hoje, quando a vossa ciência moderna — cansada dos erros do passado — declara observar primeiro e retirar conclusões depois, essas conclusões não são fiáveis. Porque é impossível olharem para qualquer coisa objetivamente.

A ciência concluiu que nada do que é observado deixa de ser afetado pelo observador. A espiritualidade disse-o há muitos

séculos e agora a ciência chegou lá. Os vossos médicos e laboratórios aprenderam a conduzir testes duplo-cegos ao longo das investigações importantes para se aproximarem de uma garantia de precisão.

Na experiência humana, todas as coisas são consideradas no contexto daquilo que pensam já compreender.

Não podem deixar de o fazer. Não conhecem outra forma de proceder.

Por outras palavras, olham para a Ilusão de dentro da Ilusão. Assim, todas as conclusões a que chegam em relação à Ilusão são baseadas na Ilusão. E portanto, toda a conclusão é uma ilusão.

Que seja este o vosso novo critério e uma advertência constante.

Toda a conclusão é uma ilusão.

Agora voltemos à primeira pergunta. Como reconhecer a Ilusão como uma ilusão, se parece tão real?

Acabaram de aprender que a razão por que parece tão real não é porque seja real, mas porque vocês acreditam firmemente que assim é. Portanto, para mudar a forma como veem a Ilusão, mudem a vossa convicção a seu respeito.

No passado, disseram-vos que era preciso ver para crer. Mas ultimamente foi lançada uma ideia nova — que crer é ver. E Eu vos digo, é verdade.

Se ao confrontarem a Ilusão acreditarem que é uma ilusão, vê-la-ão como uma ilusão, apesar de parecer muito real. Conseguirão então usar a Ilusão tal como foi destinada a ser usada — como instrumento através do qual se experiencia a Realidade Fundamental.

Lembrar-se-ão de criar a Ilusão. Farão com que seja o que quiserem que seja, em vez de a verem simplesmente apresentar-se como pensam que tem de ser, por aceitarem que "é assim que as coisas são".

Como podem então fazê-lo?

Já o estão a fazer. Simplesmente não o sabem e estão, portanto, a fazer opções inconscientes em vez de conscientes. Isto é, quando estão a fazer verdadeiras opções. A maior parte do tempo, limitam-se a aceitar as opções dos outros.

A vossa opção tem sido escolher o que os outros escolheram. E assim, revivem a História cultural dos vossos antepassados — como eles fizeram em relação aos seus, até à sétima geração.

O dia em que deixarem de escolher o que outros escolheram por vós será o momento da vossa libertação.

Não escaparão então à Ilusão, mas libertar-se-ão dela. Sairão da Ilusão, mas continuarão a viver com ela, libertos da sua capacidade de vos controlar ou à vossa realidade.

Nunca optarão por acabar com a Ilusão, depois de compreenderem o seu propósito, até que o vosso próprio propósito seja cumprido.

O vosso propósito é não só conhecer e experienciar Quem Realmente São, mas criar Quem Vão Ser a Seguir. A vossa função é recriarem-se de novo a cada Momento do Agora, na versão mais grandiosa da visão mais sublime que já tiveram sobre Quem São. Este é o processo a que chamaram evolução.

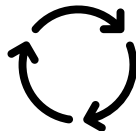
Contudo, não precisam de ser afetados por este processo de nenhuma forma negativa. Podem estar neste mundo mas não ser dele.

Quando assim for, começarão a experienciar o mundo como escolherem experienciá-lo. Entenderão então a experiência em si como uma ação em vez de uma reação; algo que estão a fazer e não algo que estão a ter.

Quando compreenderem isto, tudo mudará na vossa vida. Quando um número suficiente de vós o entender, tudo mudará no vosso planeta.

Àqueles que compreenderam este segredo chamaram Mestres. Àqueles que ensinaram este segredo, chamaram avatares. Àqueles que viveram este segredo, chamaram benditos.

Portanto, benditos sejam.



Para viverem como Mestres iluminados têm de se tornar heréticos e blasfemos, pois não acreditarão no que acreditam todos os outros, e os outros negarão a vossa nova verdade tal como vocês negarão a sua antiga verdade.

Negarão que o mundo como os outros o experienciam é real, como fizeram os que negaram que o mundo era plano. Como nesse tempo, isso defrontar-se-á com o que parece irrefutável, baseado na aparência das coisas. Como nesse tempo, gerará discussão e discórdia e navegarão através de mares tempestuosos para descobrir horizontes sem fim. E, como nesse tempo, viverão num mundo novo.

Esse é o mundo que têm estado à espera de criar e que estavam destinados a experienciar desde o início dos tempos. O tempo também é uma ilusão, portanto seria talvez mais correto dizer "desde que começou a Ilusão".

Lembrem-se sempre: a Ilusão não é uma coisa que estejam a suportar, é uma coisa que estão a escolher.

Não têm de viver a Ilusão se não quiserem.

Estão aqui porque querem estar. Se não quisessem, não seria assim.

Mas saibam que a Ilusão em que vivem está a ser criada por vós, não por outros para vós.

Os seres humanos que não querem assumir a responsabilidade pela vida que experienciam dizem que foi Deus que a criou e que não têm outra alternativa senão suportá-la.

Mas Eu digo-vos que o mundo em que vivem é como é porque foi essa a forma que escolheram que tivesse. Quando deixarem de querer que o mundo seja como é, mudá-lo-ão.

Isso é uma verdade que muitos humanos não conseguem aceitar. Porque para a aceitar teriam de reconhecer a sua cumplicidade e isso é algo que não são capazes de fazer. Preferem colocar-se no papel da vítima relutante ao do cocriador involuntário.

O que é compreensível, claro. Não se poderiam perdoar se julgassem que o mundo era produto da vossa própria criação, o resultado das vossas próprias vontades e desejos. E por que não se poderiam perdoar? Porque pensam que Eu não vos perdoaria.

Ensina-vos que o "imperdoável" existe. E como podem perdoar-se por algo que sabem que Deus não perdoaria? Não podem. Portanto optam pela solução menos má. Demitem-se de terem seja o que for a ver com a questão. Negam a responsabilidade por aquilo que imaginam que Eu chamaria os pecados indesculpáveis do Homem.

É uma lógica distorcida, pois se vocês não criaram o mundo assim como ele é, então quem foi? Se alguém diz que Deus criou todas as horríveis imperfeições do mundo, precipitam-se para Me defender. "Não, não, não", dizem. "Deus apenas concedeu ao Homem o livre-arbítrio. Foi o Homem que criou estas coisas."

Mas se Eu disser "Têm razão. Eu não criei, nem crio, a vossa vida como ela é. Vocês são os criadores da vossa realidade", também o negam.

Assim, procuram ter as duas coisas. Deus não criou estas coisas e vocês não criaram estas coisas. Ambos as observamos apenas, tristemente.

Mas quando ficam realmente revoltados ou frustrados com a vida; alguns de vós mudam de conversa. Quando as coisas ficam feias, afinal estão prontos a culpar-Me.

"Como podes deixar que isto aconteça?" gritam-Me. Alguns até brandem os punhos aos Céus.

A Ilusão transformou-se em confusão. Não só o mundo é um lugar cruel, como foi criado dessa forma por um Deus cruel e impiedoso.

Para suportar esta ideia, têm de se ver como estando separados de Deus, uma vez que criar um mundo cruel e impiedoso não é coisa que fizessem. Têm de imaginar um Deus que fizesse o que vocês nunca fariam e têm de se ver sujeitos ao Seu capricho.

Isso fizeram vocês — religiosamente.

Mesmo assim, até nisto veem uma contradição, pois o Deus da vossa máxima compreensão também não faria essas coisas. Então quem é que as fez? Quem é que as está a fazer neste preciso momento? Alguém dever ser responsável, portanto quem é?

Entra Satanás.

Para resolverem a contradição de um Deus amorável que faria coisas não amoráveis e fugirem à vossa responsabilidade nesta questão, criaram um terceiro.

O perfeito bode expiatório.

O Diabo.

Agora, finalmente, tudo é acessível. Há Outro, que se coloca entre o que vocês querem e o que Eu quero, e que nos torna a todos infelizes.

Vocês não são responsáveis pelo mundo alheio e hostil em que vivem. Não o criaram.

Poderão dizer "Bom, pode ser que em certa medida o tenhamos criado, mas não foi por culpa nossa. O Diabo obrigou-nos a fazê-lo".

Uma frase de comédia tornou-se a vossa teologia.

Ou foi a vossa teologia que se tornou uma frase de comédia?

Só vocês podem decidir.

CAPÍTULO 13

Compreender o Propósito das Ilusões

Há uma maneira de acabar com a confusão, há uma maneira de ver a Ilusão como uma ilusão, e que é usar a Ilusão.

Saberão que a Ilusão não é real quando virem que a podem manipular facilmente.

Podem protestar que não o podem fazer. Podem dizer que é uma grande exigência, que excede a vossa capacidade. Mas os humanos criam ilusões conscientemente todos os dias e vivem nelas.

Conhecem alguém que acerte o relógio de parede ou de pulso um quarto de hora adiantado para nunca se atrasar?

Há quem o faça no vosso planeta! Acertam o relógio cinco, dez ou quinze minutos adiantados em relação à hora real. Assim quando veem as horas, motivam-se para se apressarem porque fingem que é vários minutos mais tarde do que realmente é.

Algumas pessoas até se esquecem que pregam esta partida a si próprias e pensam que são realmente as horas que não são. É

quando a Ilusão deixa de lhes servir. Não serve o propósito a que se destina.

A pessoa que percebe que a hora no seu relógio é uma ilusão que ela própria criou, descontraí quando vê as horas, porque sabe que tem mais alguns minutos. Sente-se motivada e torna-se muito eficiente, precisamente porque está descontraída. Percebe que a Ilusão não é a realidade.

A pessoa que se esqueceu temporariamente que a hora no seu relógio é uma ilusão, que ela própria criou, fica cheia de ansiedade porque pensa que a Ilusão é real.

Assim, duas pessoas têm duas reações completamente diferentes à mesma circunstância. Uma experiencia a ilusão como uma ilusão e a outra experiencia-a como sendo a realidade.

Só quando uma Ilusão é reconhecida como ilusão e vivida como ilusão pode conduzir à experiência da Realidade Fundamental. Nessa altura serve o propósito do seu criador.

Agora percebem muito melhor.

A forma de usar a Ilusão é saber que é uma ilusão, e a maneira de saber que é uma ilusão é usá-la. O processo é circular, como a Vida em Si.

Começa com a vossa negação de que a Ilusão tenha alguma coisa a ver com a realidade. Há muito tempo que vêm negando a Realidade Fundamental. Têm negado Quem Eu Sou e Quem Realmente São. Agora simplesmente voltarão a negação ao contrário.

Podem chamar a essa negação "retrocesso".

Olhem em volta e façam uma declaração simples: Nada no meu mundo é real.

É tão simples como isso.

Já vo-lo disse antes, de muitas formas, em muitas alturas. Digo-vo-lo outra vez, aqui.

Nada do que veem é real.

É o vosso relógio, dez minutos adiantado.

Estão de facto a "observar-se a vós próprios". Ou seja, estão a iludir-se de que o que não é, é.

Mas devem estar atentos porque podem esquecer muito facilmente que estão a viver uma ilusão criada por vós.

Alguns de vós podem sentir-se deprimidos quando vos dizem que o que experienciam no vosso planeta é tudo a fingir. Mas não se sintam desencorajados pois o vosso mundo é a vossa maior dádiva, uma maravilha para contemplarem, um tesouro para desfrutarem.

A vida no domínio físico é, na verdade, gloriosa, e o seu propósito é proporcionar-vos felicidade através da consciência e da declaração, da expressão e da realização de Quem Realmente São. Entrem, portanto, nesse magnífico mundo por vós criado e façam da vossa vida uma afirmação extraordinária e uma experiência inspiradora da ideia mais gloriosa que alguma vez tiveram sobre o vosso eu.

Lembrem-se que cada ato é um ato de autodefinição. Cada pensamento transporta a energia da criação. Cada palavra é a afirmação do que é verdade para vós.

Olhem para o que estão a fazer hoje. É assim que escolhem definir-se?

Olhem para o que estão a pensar hoje. É isso que desejam criar?

Olhem para o que estão a dizer hoje. É assim que querem que seja?

Cada momento da vossa vida é um momento sagrado, um momento de criação. Cada momento é um novo começo. Em cada um, nascem de novo.

Esta é a vossa jornada para a mestria. É uma jornada que vos afastará do pesadelo que construíram e vos conduzirá ao sonho prodigioso a que a vossa vida foi destinada. É uma jornada que vos conduzirá ao encontro do Criador.

CAPÍTULO 14

Meditar Sobre as Ilusões

Já se disse aqui que quando os seres humanos alcançam a mestria nada os torna infelizes. Também se disse que há um grande segredo que permite aos Mestres estarem nesse lugar.

Já vos disse esse segredo, mas não o identifiquei como "o segredo". Por isso, podem não ter percebido que esse discernimento era a chave de tudo.

Eis novamente o discernimento. Eis o segredo.

A Desunião não existe.

Este discernimento pode mudar toda a vossa experiência da vida. Traduz-se numa frase simples que, se fosse vivida como a realidade do vosso dia-a-dia, voltaria o vosso mundo de pernas para o ar:

Somos Todos Um.

O que faria realmente seria pôr o vosso mundo de pé! Pois quando compreenderem que há Uma Coisa, e só Uma Coisa, Uma realidade e só Uma realidade, Um Ser e só Um Ser, perceberão que,

a um determinado nível, esse Um Ser consegue — e deve conseguir — fazer a Sua vontade.

Por outras palavras, o Fracasso não existe.

E quando atingirem esse nível de clareza, verão também claramente que, na ausência do fracasso, a esse Ser não falta nada.

Portanto, a Necessidade não existe.

De súbito, com o esclarecimento, os dominós vão desabando. A construção das vossas ilusões implode. Não são as Ilusões em si que se desmoronam, mas as construções que suportam. Ou seja, as histórias culturais sobre as quais construíram a vossa vida.

Todas estas histórias têm sido mitos — desde a história do que imaginam que faz resultar a vossa vida, aqui mesmo, neste preciso momento, até à história de como imaginam que tudo começou — que nada têm a ver com a Realidade Fundamental.

Para que progridam na vossa evolução enquanto espécie, têm de se desligar dessas histórias. E a desconexão pode ser levada a cabo de muitas maneiras. A mais eficaz é a quietude.

Na quietude, encontrarão o vosso verdadeiro ser. No silêncio, escutarão a respiração da alma — e de Deus.

Disse-vos muitas vezes, e digo-vos aqui mais uma vez: encontrar-Me-ão na quietude.

Meditem todos os dias. Perguntem a vós próprios: "Podem conceder quinze minutos em cada manhã e quinze minutos ao fim de cada dia a Deus?"

Se não podem, se não têm tempo, se a vossa agenda está demasiado preenchida, se há muitas outras coisas que têm que fazer, então deixaram-se apanhar pela Maya, pela Ilusão, mais profundamente do que julgavam.

Mas não é tarde demais — nunca é tarde demais — para se afastarem da Ilusão, para a verem como ela é, e a usarem para experienciar a Realidade Fundamental de Quem Realmente São.

Comecem por reservar uma percentagem mínima das horas em que estão acordados em cada dia — é quanto basta — para comungar mais uma vez Comigo.

Chamo-vos à comunhão com Deus. Convido-vos a experienciarem o vosso encontro com o Criador.

Nesse momento de comunhão saberão que a Unidade é a verdade do vosso ser. E quando terminarem a meditação, compreenderão, e verão pela vossa experiência, que é a negação desta verdade que perpetua os efeitos negativos da Ilusão.

A Ilusão estava destinada a ser a vossa alegria. Destinava-se a ser o vosso instrumento. Nunca se destinou a ser o vosso fardo ou tristeza, a vossa provação ou sofrimento. E deixará de o ser quando compreenderem a Realidade Fundamental: Não existe separação.

Não existe separação de nada em relação a nada. Há apenas Unidade. Só existe a Unicidade.

Não estão separados uns dos outros, nem de qualquer parte da Vida. Nem de Mim.

Por não existir a Desunião, a Insuficiência não pode existir. Pois Aquele Que É é suficiente para Consigo Próprio.

Por não existir a Insuficiência, a Exigência não pode existir. Pois quando não se precisa de nada, não há nada que tenha de se fazer para adquirir seja o que for.

Por não haver nada que tenham de fazer, não serão julgados quanto a tê-lo feito ou não.

Por não serem julgados, não podem ser condenados.

Por nunca serem condenados, saberão finalmente que o amor é incondicional.

Por o amor ser incondicional, não há nada nem ninguém no reino de Deus que seja superior. Não há escalas, nem hierarquias, não

há quem seja mais amado que outros. O amor é uma experiência total e completa. Não é possível amar um bocadinho nem amar muito. O amor não é quantificável. Pode amar-se de maneiras diferentes, mas não em graus diferentes.

Lembrem-se sempre disso.

O amor não é quantificável.

Ou está presente ou não, e no reino de Deus o amor está sempre presente, porque Deus não é o distribuidor de amor, Deus É Amor.

Ora Eu disse que vocês e Eu somos Um, e é assim que é.

Vocês foram feitos à Minha imagem e semelhança. Portanto, também vocês são amor. Numa palavra, isso é Quem Realmente São. Não são os recetores do amor, são aquilo que procuram receber. Este é um grande segredo e conhecer este segredo muda a vida das pessoas.

As pessoas passam a vida inteira em busca do que já possuem. Têm-no! Porque o são.

Tudo o que têm de fazer para ter amor é ser amor.

Vocês são os meus amados. Cada um de vós. Todos vós.

Nenhum de vós é mais amável do que outro, porque nenhum de vós é mais Eu do que outro — embora alguns de vós se relembrem mais de Mim e, portanto, mais de vós.

Por isso, não se esqueçam de vós próprios.

Meus amados, sejam amor.

Fazei isto em memória de Mim.

Pois são todos parte de Mim, membros do Corpo de Deus. E quando relembram Quem Realmente São, fazem-no literalmente. Ou seja, re-membram¹ — tornam-se novamente membros do Corpo Único.

Existe apenas um Corpo Único.

Um Único Ser.

Lembrem-se sempre disso.

¹ Jogo de palavras utilizado pelo autor ao longo de toda a obra das Conversas com Deus e Amizade com Deus, utilizando o termo remember (“recordar, relembrar, lembrar”) também traduzido livremente para “re-membrar”. (N. da T.)

Por não haver Superioridade, não há uns que saibam mais que outros, nem que saibam menos. Há apenas os que relembram mais, ou relembram menos, do que sempre se soube.

A Ignorância não existe.

Venho agora dizer-vos de novo que isto é a verdade: o Amor é incondicional. A Vida é eterna. Deus não tem necessidades. E vocês são um milagre. O milagre de Deus, feito humano.

Isto é o que sempre quiseram saber. É o que sempre souberam no vosso coração e que a vossa mente negou. É o que a vossa alma sussurrou muitas vezes, apenas para ser silenciada pelo vosso corpo e pelos corpos à vossa volta.

Foi-vos pedido que Me negassem pelas próprias religiões que vos convidavam a conhecer-Me. Pois disseram-vos que não sois Eu e que Eu não sou vós e que até pensá-lo é pecado.

Não somos um, dizem, mas sim o Criador e as criaturas. Contudo essa recusa em se aceitarem e reconhecerem como um Comigo foi o que causou toda a dor e sofrimento na vossa vida.

Convido-vos agora para um encontro com o Criador.

Encontrarão o Criador dentro de vós.

CAPÍTULO 15

Usar as Ilusões

Ao prepararem o vosso encontro com o Criador, seria de todo o interesse libertarem-se das vossas ilusões — incluindo a Ilusão de que vocês e o Criador estão separados.

É isso que aqui estão a fazer. É esse o propósito da toda esta conversa com Deus. Pois agora procuram viver com as Ilusões, e não dentro delas. E é essa busca honesta que vos traz até aqui, a esta comunicação.

Há já algum tempo que se tornou claro para vós que há uma imperfeição nas Ilusões, o que as deveria ter revelado como falsas, mas os humanos sabiam, a um nível qualquer muito profundo, que não podiam prescindir das Ilusões ou algo de muito vital chegaria ao fim.

E tinham razão. Mas cometeram um erro. Em vez de verem as Ilusões como ilusões e as utilizarem para o efeito a que se destinavam, acharam que tinham de reparar a imperfeição.

A resposta nunca foi reparar a imperfeição, mas apenas vê-la e assim relembrar o que sabiam a um nível muito profundo. E era por

isso que não podiam prescindir das Ilusões sem que algo de muito vital chegasse ao fim.

Foi-vos explicado antes na nossa conversa. Vou explicar-vos outra vez, aqui, pela última vez, para que possam ficar absolutamente esclarecidos no vosso relembrar.

A razão de ser das Ilusões é fornecer um campo contextual localizado no qual se possam recriar de novo na próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveram sobre Quem São.

O próprio Universo é um campo contextual. Essa é tanto a sua definição como o seu propósito. Proporciona uma forma de a vida ser expressa e experienciada fisicamente.

Vocês são uma versão localizada do mesmo campo contextual, tal como tudo e todos à vossa volta. Por outras palavras, Deus localizado.

Fora deste contexto localizado, só se podem conhecer como Tudo O Que É. E Tudo O Que É não Se pode experienciar tal como é, já que nada mais há.

Na ausência daquilo que não são, o Que São não é. Não pode ser experienciado. Não pode ser conhecido.

Isto foi-vos dito muitas vezes.

Foi-vos dito que na ausência de rápido, não há "lento". Na ausência de alto, não há "baixo". Na ausência de aqui, não há "ali".

Na ausência das Ilusões, portanto, não estão — literalmente — nem aqui, nem ali.

E assim produziram coletivamente estas Ilusões magníficas. Um mundo — e, na verdade, um Universo — criado por vós. Isto proporcionou-vos um campo contextual dentro do qual podem decidir e afirmar, criar, exprimir e realizar Quem Realmente São.

Fizeram tudo isto. Todos vós. Cada um de vós que são as individuações do Todo Divino. Cada um de vós, procurando conhecer-se, definir-se.

Quem são? São bons? São maus? O que é "bom"? O que é "mau"? São grandes? São pequenos? O que é "grande"? O que é "pequeno"? São alguma destas coisas? O que significa ser estas coisas? São de facto prodigiosos?

Esta foi a única pergunta que Deus alguma vez fez.

Quem sou Eu?

Quem sou Eu?

Quem sou Eu?

E quem escolho agora ser?

Esta é a única questão que importa, e é para o decidir que a vossa alma usa a vida, a todo o momento.

Não para descobrir. Para decidir. Porque a vida não é um processo de descoberta, é um processo de criação.

Todo o ato é um ato de autodefinição.

Deus encontra-se no processo de autocriação e autoexperiência a cada momento. É isso que estão a fazer aqui. E vocês estão a usar a experiência do que não são para terem a experiência d'O Que Realmente São.

Não há nada que não sejam. São o todo, são tudo. Deus é o Todo. Deus é tudo. Mas para que vocês (Deus) conheçam a parte do todo que estão agora a expressar, têm que imaginar que há partes dele que vocês não são. Esta é a Grande Imaginação. São estas as Ilusões da Vida.

Portanto, usem as Ilusões, e estejam gratos por elas. A vossa vida é um truque de magia, e são vocês os mágicos.

Expressar a glória de Quem São no momento em que são confrontados com uma Ilusão é do que trata a jornada para a mestria. Neste contexto, é importante reconhecer que as Ilusões podem parecer muito reais.

Compreender que as Ilusões são ilusões é o primeiro passo para as utilizar para o propósito a que se destinam, mas não é o único passo. Segue-se a decisão do que significam as Ilusões.

Por fim, escolhem o aspeto da Divindade (a parte de vós) que desejam experienciar dentro dum campo contextual localizado (daquilo a que chamariam uma "situação" ou "circunstância") que encontraram (criaram).

Eis o processo resumido:

A. Vejam as Ilusões como ilusões.

B. Decidam o que significam.

C. Recriem-se de novo a vós próprios

Há muitas formas de usar as Dez Ilusões e muitas maneiras de as experienciar. Podem optar por as experienciar como realidades do momento presente, ou como memórias do passado. Esta última é a forma como as Ilusões são utilizadas por culturas e seres avançados.

Os seres altamente evoluídos permanecem conscientes das Ilusões e nunca as terminam (lembrem-se que terminá-las seria acabar com a própria vida tal como a conhecem), mas experienciam-nas como parte do seu passado, em vez de como parte do seu presente. Encorajam-se mutuamente a relembrá-las

sempre, mas a nunca voltar a vivê-las como se fossem realidades aqui e agora.

Contudo, quer as experienciem no momento presente ou como recordações do passado, o importante é vê-las como são — Ilusões. Então poderão usá-las para o que quiserem.

Se for vosso desejo experienciar um dos vossos aspetos em particular, as Ilusões são os vossos instrumentos. Cada Ilusão pode ser usada para experienciar muitos aspetos de Quem São, e podem combinar Ilusões para experienciar múltiplos aspetos — ou para experienciarem um aspeto individual de múltiplas formas.

Por exemplo, a Primeira e a Quarta Ilusões — Necessidade e Insuficiência — podem ser combinadas para experienciar um determinado cambiante do vosso verdadeiro ser a que podem chamar autoconfiança.

Não podem sentir-se autoconfiantes se não houver nada em relação ao qual se possam sentir autoconfiantes. Utilizando a Ilusão da Necessidade e da Insuficiência, primeiro podem considerar a ideia de que "não há o suficiente", e depois vencê-la. Fazendo-o repetidamente, produzem a experiência da autoconfiança, seguros de que haverá sempre o suficiente daquilo que necessitarem. Essa experiência será verificada e validada pela Realidade Fundamental.

É isto o que significa quando se diz que se "anda a brincar com uma ideia". Estão no processo de se recriarem de novo — que é a verdadeira recreação!

Utilizando outro dum número infinito de exemplos, a Segunda e a Sexta Ilusões — Fracasso e Juízo — podem ser combinadas para um determinado efeito ou experiência. Podem permitir-se imaginar que fracassaram, depois julgarem-se por isso ou aceitar o juízo de outros. Podem então suplantar-se ao vosso "fracasso", erguendo o punho aos Céus numa atitude de "Já vais ver!" e triunfarem no fim!

É uma experiência deliciosa e a maior parte já se proporcionou esta experiência muitas vezes. Mas se perderem de vista o facto de o Fracasso e o Juízo serem Ilusões, podem ficar presos a essas experiências, que rapidamente passarão a parecer duras realidades. Para se afastarem das "duras realidades" devem distanciar-se das Ilusões e vê-las como realmente são.

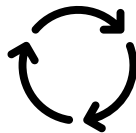
Qualquer uma das Ilusões pode ser combinada com qualquer outra — a Desunião com a Necessidade, a Condenação com a Superioridade, a Insuficiência e a Condenação com o Fracasso, e assim por diante. Só por si ou combinadas com outras, as Ilusões existem como magníficos campos contextuais contrastantes, que vos permitem experienciar Quem Realmente São.

Foi-vos dito muitas vezes que, no mundo relativo, não podem experienciar Quem São exceto no espaço do que não são. O propósito das Ilusões é fornecer precisamente isso — um espaço,

um contexto, no qual experienciam todos os aspectos de vós, e a oportunidade de experienciarem o Aspecto Mais Elevado que possam conceber a qualquer momento.

Compreendem agora? Estão a ver?

Ótimo. Vejamos agora as Ilusões uma por uma, com alguns exemplos de como podem ser utilizadas para se recriarem de novo da forma aqui descrita.



Exemplos de Como as Ilusões Podem Ser Utilizadas para se Recriarem de Novo da Forma Aqui Descrita

1. Ilusão da Necessidade

A Primeira Ilusão, a Ilusão da Necessidade, pode ser utilizada para experienciar o formidável aspecto de Quem São que podem conceptualizar como: aquilo que não necessita de nada.

Não necessitam de nada para existir, nem necessitam de nada para continuarem a viver para sempre. A Ilusão da Necessidade cria um campo contextual no qual podem ter essa experiência. É quando saem da Ilusão que experienciam a Realidade Fundamental. A

Ilusão cria um contexto dentro do qual a Realidade Fundamental pode ser entendida.

A Realidade Fundamental é que tudo o que pensam que necessitam, já têm. Existe dentro de vós. Na verdade, é o que são. São aquilo de que necessitam — e portanto, dão a vós próprios tudo o que necessitam a qualquer momento. Isto significa que, de facto, não necessitam de absolutamente nada. Para o compreenderem e o conhecerem experiencialmente, têm de ver a Ilusão da necessidade como ilusão. Têm que sair dela.

A forma de sair da Ilusão da Necessidade é olharem para o que pensam que necessitam neste preciso momento — ou seja, o que pensam não ter agora e que julgam que têm que ter — e depois repararem que, apesar de não o terem, ainda aqui estão.

As implicações disto são enormes. Se estão aqui, neste preciso momento, sem o que pensam que necessitam, então por que pensam que precisam disso?

Essa é a pergunta chave. Abrirá a porta dourada, a porta para tudo.

A próxima vez que imaginarem que precisam de qualquer coisa, perguntem a vós próprios "Por que julgo necessitar disto?"

É uma indagação muito libertadora. É a liberdade em quatro palavras.

Se virem claramente, compreenderão que não necessitam de seja o que for, que nunca necessitaram e que têm inventado tudo.

Nem do ar que respiram necessitam sequer. Darão por isso no momento em que morrerem. O ar é algo de que só o corpo necessita, e vocês não são o corpo.

O corpo é uma coisa que têm, não é uma coisa que são. Contudo não necessitam do vosso corpo atual para continuar o processo de criação.

Esta informação pode ser agradável esotericamente, mas pode não aliviar em nada o vosso receio de perder o corpo, a família e as circunstâncias em que se encontram. Uma forma de aliviar esses receios é através do desprendimento — a prática dos Mestres. Os Mestres aprenderam a alcançar o desprendimento antes de terem provas de que a vida do corpo é uma ilusão. Para quem não funciona ao nível da mestria, é necessária a experiência daquilo a que chamam morte para terem essas provas.

Assim que se separarem do vosso corpo (ou seja, quando "morrerem"), aperceber-se-ão imediatamente que esse estado de ser não é a experiência temível de que ouviram falar mas sim, de facto, uma experiência de glorioso prodígio. Verão, igualmente, que é infinitamente preferível a estar amarrado à vossa forma física, sejam quais forem as ligações que a vossa forma recente possa ter criado. O desprendimento será então uma questão simples.

Contudo podem dominar a Vida na vossa forma física e não têm de esperar até se desligarem dela para conhecerem a glória da vida e de Quem São. Podem fazê-lo alcançando o desprendimento antes de morrerem. E podem consegui-lo através do simples expediente de saírem da Ilusão da Necessidade.

Essa saída é realizada através de uma compreensão mais profunda tanto da vida como da morte, incluindo o conhecimento de que a morte tal como a conceberam não existe e que a Vida continua eternamente. Ao compreenderem-no torna-se possível desligarem-se de tudo na Vida — incluindo a Vida em Si — porque sabem que, uma vez que a vida continua eternamente, podem voltar a ter essas ligações, bem como outras que possam ter julgado não voltar a experienciar.

Todas as vossas ligações podem, de facto, ser experienciadas no que chamam a "outra vida", ou em qualquer vida futura, e assim terão a experiência de não terem perdido absolutamente nada. Gradualmente, libertar-se-ão das vossas ligações à medida que se forem apercebendo das oportunidades extraordinárias de expansão e crescimento contínuos que a Vida eterna vos oferece.

Mas nunca deixarão de amar aqueles a quem amaram, nesta ou noutra vida, e experienciarão com eles a Unidade total ao nível da Essência, em qualquer momento que desejem.

Se sentirem a falta de alguém que ainda viva com um corpo físico na Terra, podem reunir-se-lhe à velocidade do pensamento.

Se sentirem a falta de alguém que já deixou o corpo, um ente querido que morreu antes de vós, reunir-se-ão após a vossa própria morte, se for essa a vossa escolha, ou em qualquer momento que desejem — mais uma vez, à velocidade do pensamento.

Isto é apenas uma parte da maravilha que está para vir. Dir-vos-ei mais — muito mais — numa comunicação futura sobre a experiência de morrer com Deus.

Não podem morrer sem Deus, mas podem imaginar que o fazem. Esse é o vosso Inferno imaginário, cujo receio tem sido responsável por todos os outros medos que alguma vez tiveram. Contudo nada têm a recear, e não há nada de que necessitem, pois não só é impossível morrerem sem Deus como também é impossível viverem sem Deus.

Isso é porque Eu sou vocês, e vocês são Eu, e não existe separação entre nós. Não podem morrer sem Mim porque "sem Mim" não é um estado em que possam alguma vez encontrar-se.

Eu sou Deus, e sou Tudo O Que É. Sendo vocês uma parte de Tudo O Que É, Eu sou o que vocês são. Não há nenhuma parte vossa que Eu não seja.

E se Tudo O Que É está sempre convosco, então não necessitam de nada — e essa é a verdade do vosso ser. Quando entenderem isto profundamente, viverão no vosso corpo de uma maneira completamente diferente. Tornar-se-ão intrépidos — e a intrepidez

produz a sua própria bênção, pois a ausência de medo cria a ausência de seja o que for de que se tenha medo.

Pelo contrário, a presença do medo atrai-vos para aquilo que temem. O medo é uma emoção forte e a emoção — energia em moção — é criativa. Foi por essa razão que inspirei a que se dissesse "Nada têm a temer senão o próprio medo".

A forma de viver sem medo é saber que todos os desfechos na vida são perfeitos — incluindo o desfecho que mais temem, que é a morte.

Digo-vo-lo aqui. Dou-vos esta informação agora. Se examinarem de perto a vossa vida, verão que sempre tiveram aquilo de que necessitaram para chegarem ao momento seguinte, e finalmente, para vos trazer aqui, onde estão, neste preciso momento. A prova disso é o facto de estarem aqui. Claramente, não necessitaram de mais nada. Podem ter querido mais qualquer coisa, mas não precisaram de mais nada. Todas as vossas necessidades foram providas.

Esta revelação é espantosa, e sempre verdadeira. Qualquer aparência em contrário é Falsa Evidência Aparentando Realidade (FEAR)¹. No entanto, "Não temais, pois Eu estou convosco".

¹ No original, False Evidence Appearing Real, cujas iniciais formam a palavra FEAR, que significa medo, em inglês. (N. da T.)

Quando souberem que tudo se resolve perfeitamente e que não há nada a temer, as situações que definiriam como temíveis serão vistas a uma luz completamente diferente. Na realidade, serão vistas à luz, em vez de na escuridão, e passarão a chamar aos vossos receios "aventura".

Essa recontextualização pode mudar a vossa vida. Podem viver sem medo e experienciar a glória para a qual foram criados. Ver a Ilusão da Necessidade como uma ilusão permite-vos usar a Ilusão para o fim a que está destinada — como um instrumento com o qual podem experienciar esta glória e conhecerem-se como Quem Realmente São.

Utilizar a ilusão de que necessitam do corpo, por exemplo, motiva-vos para o protegerem, para cuidarem dele, e assegurarem-se de que não é maltratado. Desta forma, o corpo pode ser usado para a glória maior para a qual foi destinado.

Utilizar a ilusão de que necessitam de uma relação motiva-vos igualmente para protegerem essa relação, para cuidarem dela e se assegurarem de que não é maltratada. Desta forma, a relação pode ser usada para a glória maior para a qual foi destinada.

O mesmo se aplica a qualquer coisa que imaginem que necessitam. Usem a imaginação. Usem-na de formas práticas. Mas saibam que só vos serve se virem que é uma Ilusão. Assim que acreditam que a Ilusão é real, transformam a precaução (uma utilização muito significativa da Ilusão) em medo, e começam a

apegar-se. O amor torna-se posse, e a posse torna-se obsessão. Caem na armadilha do apego. Ficam perdidos na Ilusão.

E quando se perdem na Ilusão da Necessidade, estão de facto perdidos. Pois a Ilusão da Necessidade é a maior de todas as Ilusões. É a Primeira Ilusão, e a mais poderosa. É a Ilusão na qual se baseiam todas as outras Ilusões. Quem São é o que é sem necessidades, e é Quem São que está perdido.

Diz-se frequentemente de uma pessoa que "está apenas a tentar encontrar-se". E é bem verdade. Todos vocês estão a tentar encontrar o vosso eu. Mas não encontrarão esse eu em lugar nenhum que vos seja exterior. Aquilo que procuram só pode ser encontrado no interior. Lembrem-se do que vos disse: se não se recolherem, ficam de fora.²

Só no vosso íntimo podem encontrar a resposta à pergunta "Por que penso que preciso desta pessoa, lugar ou coisa exterior?" Só no vosso íntimo podem recordar que não precisam. Saberão então o que significa "Estive perdido, mas fui encontrado"³.

O que terão encontrado é a vossa verdadeira identidade. Utilizaram a Primeira Ilusão para se experienciarem como um ser Divino que não necessita de nada, pois todas as necessidades são

² Jogo de palavras com as expressões go within ("ir dentro, recolher-se") e go without ("ficar sem", "ser privado de", ou literalmente, "ir para fora"). (N. da T.)

³ No original "Once I was lost, but now I am found", verso da música Amazing Grace. (N. da E.)

sempre preenchidas. Ao despertarem para esta verdade, experienciá-la-ão cada vez mais na vossa realidade quotidiana. E tornar-se-ão literalmente aquilo que sabem que são.

Lembrem-se sempre disso.

Tornam-se aquilo que sabem que são.

2. Ilusão do Fracasso

A Segunda Ilusão, a Ilusão do Fracasso, pode ser usada para experienciarem a vossa incapacidade de fracassarem seja no que for.

Nada do que fazem é um fracasso, mas sim parte do processo a que se sujeitaram para alcançar o que procuram alcançar e experienciarem o que procuram experienciar.

O que procuram experienciar é O Que São. Não podem experienciar o Que São na ausência do que não são. Portanto, saibam que quando experienciam o que não são, não se trata de uma experiência fracassada, mas sim de uma forma de experienciarem o Que São.

O que acaba de ser dito é muito importante, no entanto é fácil passar por afirmações como esta e não perceber o seu enorme significado. Por isso vou repetir a afirmação.

Quando experienciam o que não são, não se trata de uma experiência fracassada, mas sim de uma forma de experienciarem O Que São.

Portanto, quando aquilo a que chamam "fracasso" entra na vossa vida, acolham-no afetuosamente, não o condenem nem o tornem errado. Pois aquilo a que se resiste persiste, e o que se olha de frente desaparece. Ou seja, deixa de ter a sua forma ilusória. Veem-no tal qual é realmente, tal como se veem como Quem Realmente São.

Ao usarem a Ilusão do Fracasso para verificar o que aprenderam (relembaram) sobre a vida, e para se motivarem para aplicar a sabedoria que adquiriram, a Ilusão torna-se um instrumento com o qual verificam que estão sempre a ser bem-sucedidos.

Descrita sumariamente, a forma de sair da Ilusão do Fracasso é apenas ver tudo como parte do vosso sucesso. Todas as coisas conduzem ao vosso sucesso, produzem o vosso sucesso, fazem parte do processo pelo qual experienciam o vosso sucesso.

Muitas pessoas compreendem-no intuitivamente. Os cientistas estão entre elas. Quando embarcam numa experiência importante não só preveem o fracasso como o apreciam. O cientista puro percebe perfeitamente que uma experiência fracassada não "fracassou" absolutamente, mas apenas apontou o caminho para o sucesso.

Qualquer coisa que funcione "como queriam" não é a definição de sucesso e qualquer coisa que "não funcione como queriam" não é a definição de fracasso. Na realidade, se tiverem uma vida longa, haverá ocasiões em que alegarão ser verdade o contrário.

Aquilo a que chamam muitos fracassos são de facto experiências sucessivas. E como pode uma experiência a que chamam "sucessiva" ser um fracasso?

Mas a Ilusão do Fracasso é necessária para experienciar a satisfação do sucesso. Se forem "bem-sucedidos" em tudo, não experienciarão o sucesso em nada. Sentirão apenas que estão a fazer o que estiverem a fazer, mas não o reconhecerão como sucesso, nem experienciarão a maravilha e a glória de Quem São, porque não haverá um campo contextual dentro do qual o possam verificar.

Marcarem um ponto à primeira tentativa num passe, pode, seguramente, ser exultante. Mas se marcassem pontos em todas as tentativas, em breve perderiam o entusiasmo. Não significaria nada. Não existiria nada senão marcação de pontos e deixariam de ter sentido ou objetivo.

Toda a vida se move em ciclos. E são esses ciclos que dão sentido à vida. De facto, o fracasso é coisa que não existe. Existe apenas o sucesso, manifestando os seus múltiplos aspetos. Também não existe o que não é Deus. Existe apenas Deus, manifestando os Seus múltiplos aspetos.

Veem o paralelo? Veem o modelo?

Esta visão simples muda tudo. Quando isto se tornar claro, sentir-se-ão imediatamente plenos de gratidão e admiração. Gratidão por todos os "fracassos" da vossa vida, e admiração por terem levado tanto tempo a reconhecer os tesouros que vos foram dados.

Compreenderão por fim e verdadeiramente que "Não vos envie senão anjos" e que "Não vos dei senão milagres".

No momento dessa compreensão, saberão que nunca deixam de ser bem-sucedidos.⁴

Lembrem-se sempre disso.

Nunca deixam de ser bem-sucedidos.

3. Ilusão da Desunião

A Terceira Ilusão, a Ilusão da Desunião, pode ser usada para experienciar a vossa unidade com tudo.

⁴ No original, You never fail to succeed, jogo de palavras com os antónimos fail ("fracassar") e succeed ("ser bem-sucedido, ter sucesso"). (N. da T.)

Se estiverem unidos a qualquer coisa durante muito tempo, a determinada altura deixarão de notar que existe um "eu" vosso. A vossa ideia de "eu" como entidade separada desaparecerá gradualmente.

As pessoas que estão juntas há muito tempo sentem-no com frequência. Começam a perder a sua identidade individual. O que é maravilhoso — até certo ponto. Mas a maravilha desaparece quando a União é experienciada sem fim, pois a União na ausência da Desunião não é nada. Não é experienciada como êxtase, mas como um vazio. Na ausência total de qualquer separação, a Unidade não é nada.

Foi por isso que inspirei que fosse escrito: Deixem que haja espaços na vossa intimidade. Bebam duma taça cheia, mas não da mesma taça. Os pilares que suportam uma estrutura são espaçados e as cordas da harpa estão separadas, embora vibrem com a mesma música.

Toda a vida é um processo de experiência de União e separação, União e separação. É o próprio ritmo da Vida. Na verdade, é este o ritmo que cria a Vida em si.

Digo-vos outra vez: a vida é um ciclo, tal como tudo nela. O ciclo vai dum lado para o outro, dum lado para o outro. Juntos, separados. Juntos, separados.

Mesmo quando uma coisa está à parte, está sempre junta, pois não pode separar-se verdadeiramente, mas apenas tornar-se maior. Portanto, mesmo que qualquer coisa aparente estar à parte, continua a ser uma parte, o que significa que não está nada à parte. Todo o vosso Universo já esteve unido para além da compreensão, compactado num ponto infinitamente menor do que o ponto no fim desta frase. Depois explodiu, mas não se separou verdadeiramente, apenas se tornou maior.

Deus não Se pode desmembrar. Pode parecer que nos encontramos à parte, mas todos nos tornámos simplesmente uma parte. A nossa União intrínseca volta a ser experienciada quando re-membramos.

Quando virem outros que parecem estar separados de vós, olhem-nos profundamente. Olhem para o seu interior. Façam-no longamente e capturarão a sua essência.

E encontrar-se-ão, aí, à espera.

Quando virem coisas no vosso mundo — uma parte da Natureza, outro aspeto da vida — que parecem separadas de vós, olhem para elas profundamente. Olhem para o seu interior. Façam-no longamente e capturarão a sua essência.

E encontrar-se-ão, aí, à espera.

Nesse momento conhecerão a União com todas as coisas.

E à medida que aumenta o vosso sentido de Unidade, o sofrimento e tristeza desaparecerão da vossa vida, pois o sofrimento é uma reação à separação e a tristeza é o anúncio da sua verdade. Contudo é uma verdade falsa. É uma coisa que apenas parece verdade. Não é fundamentalmente verdade. A verdadeira separação, de qualquer pessoa ou qualquer coisa, simplesmente não é possível. É uma ilusão. É uma ilusão maravilhosa, pois permite-vos experienciar o êxtase da União, mas é ainda assim uma ilusão.

Usem a Ilusão da Desunião como se fosse um instrumento nas mãos de um artesão. Trabalhem a vossa experiência de unificação total com esse instrumento e usem de novo esse instrumento para re-criar a experiência repetidamente.

Quando não virem mais nada senão vós para onde quer que olhem, espreitam através dos olhos de Deus. E à medida que aumenta o vosso sentido de Unidade, a dor e a desilusão desaparecerão da vossa vida.

Lembrem-se sempre disso.

À medida que aumenta o vosso sentido de Unidade, a dor e a desilusão desaparecerão da vossa vida.

4. Ilusão da Insuficiência

A Quarta Ilusão, a Ilusão da Insuficiência, pode ser utilizada para experienciarem a vossa abundância.

Deus é abundante e vocês também. No Jardim do Éden tinham tudo, mas não o sabiam. Experienciavam a vida eterna, mas não tinha importância. Não vos impressionava porque não experienciavam outra coisa.

O Jardim do Éden é um mito, mas a história destinava-se a transmitir uma grande verdade. Quando se tem tudo e não se sabe que se tem tudo, não se tem nada.

A única maneira de saberem o que significa ter tudo é terem menos do que tudo numa determinada altura. Daí a Ilusão da Insuficiência.

A vossa insuficiência destinava-se a ser uma bênção, através da qual conseguiriam conhecer e experienciar a abundância verdadeira e total. Mas é necessário sair da Ilusão — ver a Ilusão como ilusão, e distanciar-se dela — par poder ter essa experiência.

Podem sair da Ilusão de Insuficiência da seguinte forma: preencham a insuficiência que virem, onde quer que a vejam como exterior a vós. Pois é aí que reside a Ilusão: fora de vós. Então, se virem insuficiência exterior a vós, preencham a insuficiência.

Se virem pessoas com fome, alimentam-nas. Se virem pessoas que necessitam de roupa, vistam-na. Se virem pessoas que necessitam de abrigo, abriguem-nas. Experimentarão assim que não têm insuficiências absolutamente nenhuma.

Por muito pouco que tenham de qualquer coisa, hão-de encontrar sempre alguém que tenha menos. Procurem esse alguém e deem-lhe da abundância que é vossa.

Não procurem ser os recetores de nada mas sim a fonte. O que desejam ter, façam com que os outros tenham. O que procuram experimentar, façam com que outros experienciem. Ao fazê-lo, lembrar-se-ão que tiveram essas coisas na vossa posse desde sempre.

Foi por isso que se disse "Façam aos outros o que quiserem que vos façam a vós".

Portanto, não andem para aí a perguntar, "O que vamos comer?", "O que vamos beber?". Olhem para os pássaros no céu. Não semeiam, nem colhem, nem guardam em celeiros e no entanto são alimentados. Qual dentre vós, estando ansioso, consegue acrescentar qualquer coisa à sua vida?

E não perguntem, "Como nos vestiremos?". Vejam os lírios do campo, como crescem. Não labutam, nem fiam. Mas Eu vos digo, nem Salomão em toda a sua glória se adornava como um deles.

Portanto, procurem primeiro o Reino dos Céus, e tudo o resto lhes será dado por acréscimo.

E como podem procurar o Reino dos Céus? Dando o Reino dos Céus aos outros. Sendo o Reino dos Céus, no qual os outros possam encontrar refúgio e força. Levando o Reino dos Céus e todas as suas bênçãos a todos aqueles cujas vidas tocam.

Porque se tornam aquilo que dão.

Lembrem-se sempre disso.

Tornam-se aquilo que dão.

5. Ilusão da Exigência

A Quinta Ilusão, a Ilusão da Exigência, pode ser usada para experienciar que não há nada que tenham de fazer para conhecer e experienciar Quem Realmente São.

Só fazendo as coisas que imaginam ser-vos exigidas para que a vida resulte podem chegar ao total conhecimento de que nenhuma delas é necessária.

Perguntem aos mais idosos entre vós. Perguntem aos que já viveram a vida, desempenharam as suas obrigações e cumpriram as regras. Dar-vos-ão um conselho em três palavras.

"Desobedeçam às regras."

Não hesitarão. A sua recomendação será rápida e clara.

"Pintem por fora das linhas."

"Não tenham medo."

"Oíçam o vosso coração."

"Não deixem que ninguém vos diga o que é que têm de fazer."

No fim da vida saberão que nada do que fizeram terá importância — apenas quem foram enquanto o fizeram.

Foram felizes? Foram bondosos? Foram tolerantes? Foram afetuosos, compassivos e mostraram consideração pelos outros? Foram generosos, partilharam e — acima de tudo — foram amorosos?

Verão que é quem foram, não o que fizeram, que é importante para a alma. E verão que é a vossa alma, afinal, que é Quem São.

Mas a Ilusão da Exigência, a ideia de que há coisas que têm de fazer, pode servir para vos motivar a mente enquanto se encontram no corpo. É útil desde que compreendam de alguma forma que é

uma Ilusão, e que ninguém tem que fazer nada que não queira fazer.

Para a maior parte das pessoas esta verdade é tão incrivelmente libertadora como incrivelmente assustadora. O receio é que se fosse permitido aos seres humanos fazer apenas o que quisessem fazer, nada do que verdadeiramente precisa de ser feito seria alguma vez feito.

Quem levaria o lixo?

A sério. Quem faria as coisas que ninguém quer fazer?

Essa é a questão, é esse o medo. Os humanos acreditam que, entregues a si próprias, as pessoas não fariam o que tem de ser feito para que a vida continue.

Esse receio é infundado. Os humanos, como se descobriria, são seres maravilhosos. E numa comunidade onde não houvesse regras, nem regulamentos, nem exigências, haveria mesmo assim muitas pessoas que fariam as coisas que precisam de ser feitas. De facto, haveria muito poucas que não fizessem, pois sentir-se-iam constrangidas por serem consideradas como não-participantes. Era isso que mudava se não houvesse regras, nem regulamentos, nem exigências. O que mudava era não o que está a ser feito, mas sim a razão pela qual está a ser feito.

O "porquê" do fazer seria alterado.

Em vez de fazerem as coisas porque lhes dizem que têm de as fazer, os humanos fariam o que fazem porque optariam por fazê-lo, como expressão de Quem São.

Esta é, na verdade, a única razão verdadeira para fazer qualquer coisa. Mas inverte todo o paradigma do Fazer-Ser. Da maneira como os humanos construíram o paradigma, faz-se uma coisa e então é-se uma coisa. No novo paradigma, é-se uma coisa e então faz-se uma coisa.

É-se feliz, e faz-se o que faz uma pessoa feliz. É-se responsável, e faz-se o que faz uma pessoa responsável. É-se bondoso, e faz-se o que faz uma pessoa bondosa.

Não se fazem coisas responsáveis para se ser responsável. Não se fazem coisas bondosas para se ser bondoso. Isso só leva ao ressentimento ("Depois de tudo o que fiz!"), porque presume que todo o fazer será recompensado.

E foi precisamente esse que assumiram como o propósito do Céu.

O Céu tem sido apresentado como a recompensa eterna por todas as coisas que fizeram na Terra — e por não fazerem as coisas que "não deviam". Assim, decidiram que também tem de existir um lugar para pessoas que não fizeram coisas boas, ou que fizeram coisas que não deviam. A esse lugar chamaram Inferno.

Venho agora dizer-vos o seguinte: o Inferno é coisa que não existe. O Inferno é um estado de ser. É a experiência da separação de Deus, o imaginarem que estão separados do vosso próprio eu e não conseguem reunir-se a ele. O Inferno é a procura eterna do eu.

Aquilo a que chamaram Céu também é um estado de ser. É a experiência da Unidade, o êxtase da reunificação com Tudo o Que É. É o conhecimento do verdadeiro eu.

Não há exigências em relação ao Céu. Porque o Céu não é um lugar para onde vocês vão, é um lugar onde vocês estão, sempre. Mas podem estar no Céu (a Unidade com Tudo) e não o saberem. Na realidade, é o que se passa com a maioria.

Isto pode-se mudar, mas não por algo que estejam a fazer. Só pode ser mudado por aquilo que estiverem a ser.

E não há mais nada para ser senão Um.

O mais espantoso é que, quando estão em Unidade com todas as coisas, acabam por fazer todas as coisas que pensavam "ter de fazer" para receber a recompensa pela qual pensavam terem de se esforçar tanto. Torna-se a vossa disposição natural fazer só aos outros e pelos outros as coisas que fariam por vós e para vós próprios. E não fariam aos outros o que não quereriam que vos

fizessem. Quando estão em Unidade, estão a realizar⁵ — ou seja, a tornar real — a ideia de que não há “outro”.

Contudo, não é sequer “exigido” ser Um. Não vos podem exigir ser o que já são. Se tiverem olhos azuis, ninguém pode fazer com que tenham olhos azuis. Se tiverem um metro e oitenta de altura, ninguém vos pode obrigar a ter um metro e oitenta de altura. E se forem Um com tudo, não vos podem exigir que o sejam.

Portanto, a Exigência é coisa que não existe.

A Exigência não existe.

Quem faria a exigência? E a quem seria feita? Só existe Deus.

Eu Sou o Que Eu Sou, e nada mais é.

Usem a Ilusão da Exigência para constatar que não pode haver nada que seja verdadeiramente exigido. Não podem conhecer nem experienciar a liberdade da Exigência se não tiverem outra coisa senão a liberdade da Exigência. Procurarão imaginar, portanto, que certas coisas vos são exigidas.

Isso fizeram vocês muito bem. Criaram um Deus que vos exige a perfeição e que requer que se Lhe dirijam somente de uma determinada forma, através de certos rituais, que se encontram

⁵ A tradução mais correta do verbo realize seria “compreender” ou “aperceber-se”. Optou-se por traduzir por “realizar” para preservar o trocadilho subsequente. (N. da T.)

cuidadosamente prescritos. Têm de dizer as palavras viver de uma determinada maneira.

Tendo criado a ilusão de que existem essas exigências para adquirir o Meu amor, começam agora a experienciar a alegria indescritível de saber que nada disso é necessário.

Constatá-lo-ão ao observar que, frequentemente, há "recompensas" que chegam a pessoas na Terra quer façam "o que devem" ou não. O mesmo acontece com o que imaginam ser as vossas recompensas na outra vida. Contudo a vossa experiência na outra vida não é uma recompensa, é um desfecho. É o resultado natural dum processo natural chamado Vida.

Quando isto se tornar claro, compreenderão finalmente o livre-arbítrio.

Nesse momento, saberão que a vossa verdadeira natureza é a liberdade. Nunca mais confundirão o amor com a Exigência, pois o verdadeiro amor nada exige.

Lembrem-se sempre disso.

O verdadeiro amor nada exige.

6. Ilusão do Juízo

A Sexta Ilusão, a Ilusão do Juízo, pode ser usada para experienciar a maravilha de um eu que não julga e de um Deus que não julga.

Optaram por criar a experiência do juízo para experienciarem a maravilha de um Deus que não julga, e compreenderam que o juízo é completamente impossível no mundo de Deus. Só sentindo a tristeza e a destrutividade do juízo poderiam saber verdadeiramente que não é coisa pela qual o amor pudesse ser alguma vez responsável.

É quando outras pessoas vos julgam que o sabem mais intensamente, pois nada magoa mais que o juízo.

O Juízo magoa profundamente quando quem vos julga está enganado — mas magoa ainda mais profundamente quando têm razão. É aí que o juízo dos outros fere mortalmente, dilacerando a substância da alma. Basta ter essa experiência uma vez para saber que o juízo nunca é produto do amor.

Ao criarem o vosso mundo ilusório, produziram sociedades nas quais o juízo não é aceite como é esperado. Criaram mesmo um sistema completo do que chamam "justiça" em torno dessa ideia de que outra pessoa pode julgar-vos "culpados" ou "inocentes".

Digo-vos isto: ninguém é culpado nunca, e todos são eternamente inocentes aos olhos de Deus. Porque os Meus olhos veem mais que os vossos. Os Meus olhos veem as razões porque pensam coisas, porque dizem coisas e porque fazem coisas. O Meu coração sabe que apenas perceberam mal.

Inspirei a frase "Ninguém faz nada inadequado, em face do seu modelo do mundo". É uma grande verdade. Inspirei a frase "A culpa e o medo são os únicos inimigos do Homem". Esta é uma grande verdade.

Nas sociedades altamente evoluídas, nenhum membro é jamais julgado ou considerado culpado de alguma coisa. Observam-lhe simplesmente ter feito alguma coisa e é esclarecido quanto ao resultado das suas ações e ao seu impacto. A seguir, é-lhe permitido decidir se deseja fazer alguma coisa a esse respeito e o quê. E é igualmente permitido a outros, nessa sociedade, decidir se querem fazer alguma coisa a esse respeito, por si próprios, e o quê. Não fazem nada aos outros. A ideia de castigo nem sequer lhes ocorre, porque o conceito de castigo em si é, para eles, incompreensível. Por que razão quereria o Único Ser prejudicar-Se a Si próprio? Mesmo que tenha feito uma coisa prejudicial, por que quereria prejudicar-Se de novo? Como é que prejudicar-Se mais uma vez pode corrigir o mal do primeiro prejuízo? É como dar uma topada com o dedo do pé e a seguir dar um pontapé com o dobro da força em retaliação.

É evidente que, numa sociedade que não se vê como uma unidade, nem se vê em unidade com Deus, esta analogia não faria sentido. Numa sociedade como essa, o juízo faria todo o sentido.

O juízo não é o mesmo que a observação. A observação é apenas o olhar, apenas a visão do que é. O juízo, pelo contrário, é a conclusão de que outra coisa deve acontecer devido ao que é observado.

Observar é testemunhar. Julgar é concluir. É acrescentar um “portanto” à frase. De facto, torna-se uma sentença⁶ — muitas vezes imposta sem piedade.

O juízo endurece a alma, pois marca o espírito com a Ilusão de quem vocês são, ignorando a realidade mais profunda.

Eu jamais vos julgarei. Porque mesmo que tenham feito determinada coisa, a Minha observação limita-se a ser a simples visão do que é. Não vou tirar conclusões quanto a Quem São. É, de facto, impossível tirar conclusões quanto a Quem São, porque na vossa criação do vosso eu, nunca ficam concluídos. São uma obra em curso. Não terminaram de se criar — e nunca terão terminado.

⁶ Trocadilho com a palavra sentença, que tanto pode significar “frase” como “sentença”. (N. da T.)

Vocês nunca são quem foram no momento anterior. E Eu nunca vos vejo como tal mas sim como quem agora escolhem ser.

Inspirei outros a que o descrevessem desta forma: vocês estão continuamente a criar-se a partir do campo de possibilidades infinitas. Estão constantemente a recriar-se de novo na próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveram sobre Quem São.

Renascem, a cada momento. O mesmo acontece com toda a gente.

No momento em que compreenderem isto verão que julgar-se a si próprio ou julgar outrem não tem sentido. Porque o que julgariam deixou de ser, mesmo enquanto o julgam. Chegou à sua conclusão enquanto vocês chegam às vossas.

Nesse momento abandonarão para sempre a ideia de um Deus julgador, pois saberão que o amor jamais poderia julgar. À medida que a vossa percepção aumenta, compreenderão todo o impacto da verdade de que a autocriação nunca termina.

Lembrem-se sempre disso.

A autocriação nunca termina.

7. Ilusão da Condenação

A Sétima Ilusão, a Ilusão da Condenação, pode ser usada para experienciar o facto de não merecerem outra coisa senão elogios. Isto é algo que não conseguem conceber, por viverem tão profundamente embrenhados na Ilusão da Condenação. Se, no entanto, vivessem cada momento cercados de elogios, não os poderiam experienciar. O elogio não significaria nada. Não saberiam o que era.

A glória do louvor perde-se quando nada existe senão louvor. Contudo vocês levaram esta noção ao extremo, levando a ilusão da imperfeição e da Condenação a novos níveis, em que chegam a acreditar que o elogio é errado — especialmente o autoelogio. Não podem elogiar-se a vós próprios nem constatar (e muito menos anunciar) a glória de Quem São. E têm de ser parcós no elogio dos outros. O louvor, concluíram vocês, não é bom.

A Ilusão da Condenação é ainda a vossa proclamação de que vocês, e Deus, podem ser prejudicados. Claro que a verdade é exatamente o contrário, mas não podem conhecer essa verdade, nem experienciá-la, na ausência de qualquer outra realidade. Portanto, criaram uma realidade alternativa na qual o prejuízo é possível, e a Condenação é a prova.

Repetindo, a ideia de que vocês, ou Deus, podem ser prejudicados, é uma ilusão. Se Deus é o Todo em Tudo (e Eu sou), e se Deus é o Mais Poderoso (e Eu sou), e se Deus é o Ser Supremo

(é verdade), então Deus é incapaz de ser atingido ou prejudicado. E se vocês são feitos à imagem e semelhança de Deus (e são), também não podem ser atingidos nem prejudicados.

A Condenação é um estratagema que criaram para vos ajudar a experienciar esta maravilha, produzindo um contexto no qual esta verdade possa ter significado. "Prejuízo" é uma das muitas ilusões menores que todos os dias decorrem das Dez Ilusões. A Primeira Ilusão (de que Deus e vocês precisam de alguma coisa) é o que cria a ilusão — de que se não obtiverem aquilo de que necessitam, tanto Deus como vocês serão atingidos, magoados ou prejudicados.

Isto estabelece o caso perfeito para o ajuste de contas. E não é uma ilusão pequena, mas sim muito grande.

Nada captou a imaginação dos humanos mais completamente que a ideia de que o Inferno existe, que há um lugar no Universo a que Deus condena quem não tiver obedecido à Sua lei.

Quadros assustadores e terríveis desse lugar horrendo surgem em frescos nos tetos e paredes de igrejas de todo o mundo. Imagens igualmente perturbadoras adornam as páginas de textos e brochuras do catecismo distribuídas a crianças pequenas — para as amedrontar ainda mais.

E apesar de pessoas retas e praticantes acreditarem há séculos na mensagem transmitida por essas imagens, acontece que essa mensagem é falsa. Foi por isso que inspirei o Papa João Paulo II a

indicar numa Audiência Papal no Vaticano (a 28 de julho de 1999) que "o uso indevido de imagens bíblicas não deve ser causador de psicoses nem de ansiedade". As descrições bíblicas do Inferno são simbólicas e metafóricas.

Inspirei o Papa a dizer que o "fogo inextinguível" e o "forno ardente" de que fala a Bíblia "indicam a total frustração e vacuidade de uma vida sem Deus". O Inferno é um estado de separação de Deus, explicou ele, um estado causado não por um Deus castigador, mas sim autoinduzido.

Não é função de Deus exercer vingança ou castigar alguém, e o Papa tornou-o claro nessa Audiência.

No entanto, a ideia de um Deus que condena tem sido uma ilusão útil. Criou um contexto no qual podiam experienciar todo o tipo de coisas, muitos aspetos de ser.

O medo, por exemplo. Ou o perdão. A compaixão e a misericórdia também.

Um homem condenado compreende, ao nível mais profundo, a expressão da misericórdia. Compreende, igualmente, a pessoa que condena — ou que concede o perdão.

O perdão é outro cambiante da expressão do amor que tem sido útil à vossa espécie experimentar. O perdão é experienciado apenas em culturas jovens e primitivas (as culturas avançadas não

precisam dele, já que entendem que não havendo prejuízo, não é necessário o perdão), mas tem um enorme valor no contexto da evolução — o processo pelo qual as culturas amadurecem e crescem.

O perdão permite-vos sarar virtualmente qualquer ferida psicológica, emocional, espiritual e por vezes até física que imaginem ter-vos sido infligida. O perdão é um grande curador. Podem perdoar literalmente até à cura. Podem perdoar até à felicidade.

A forma como utilizaram a Ilusão da Condenação foi muito criativa neste aspeto, criando muitos momentos na vossa vida, e na história humana, nos quais o perdão pôde ser expresso. Experimentaram-no como um aspeto do amor divino — aproximando-vos cada vez mais da verdade tanto do amor como da própria Divindade.

Uma das mais famosas histórias de perdão em que isso acontece é o relato de Jesus perdoando ao homem ao seu lado, revelando a verdade eterna de que ninguém que procura Deus é condenado. Isso significa que ninguém é condenado, nunca, porque toda a gente acaba por procurar Deus, quer lhe chamem assim quer não.

O Inferno é a experiência da separação de Deus. Contudo quem não desejar experienciar a separação eterna não tem de o fazer. O mero desejo da reunião com Deus concretiza-a.

Esta é uma afirmação extraordinária, e vou repeti-la.

O mero desejo da reunião com Deus concretiza-a.

O perdão nunca é necessário, uma vez que nenhuma verdadeira ofensa pode ser cometida por ou contra a própria Divindade, dado que a Divindade é Tudo O Que É. Isto é algo que as culturas avançadas compreendem.

Quem perdoaria a quem?

E porquê?

A mão perdoa ao dedo do pé por dar uma topada? O olho perdoa à orelha?

A mão pode reconfortar o dedo do pé, isso é verdade. Pode esfregá-lo, tratá-lo e fazê-lo sentir melhor. Mas precisa de perdoar ao dedo do pé? Ou será que perdoar não é mais que outra palavra para reconfortar na linguagem da alma?

Inspirei que escrevessem: Amor é nunca ter que pedir desculpa.

Quando a vossa cultura também compreender isto, nunca mais se condenarão a vós próprios nem aos outros pelas vezes em que a alma "dá uma topada do dedo do pé". Nunca mais acolherão um Deus vingativo, irado, castigador, que vos condenaria à tortura

eterna pelo que, para Deus, seria certamente menos que uma topada no dedo do pé.

Nesse momento, abandonarão para sempre a ideia de um Deus castigador, pois saberão que o amor jamais poderia condenar. Então não condenarão nada nem ninguém, segundo a minha exortação: não julguem, nem condenem.

Lembrem-se sempre disso.

Não julguem, nem condenem.

8. Ilusão do Condicionalismo

A Oitava Ilusão, a Ilusão do Condicionalismo, pode ser usada para experienciar o aspeto do vosso eu que existe sem condições — e que é capaz de amar sem condições por essa mesma razão.

Vocês são seres incondicionais, mas não podem saber que são seres incondicionais porque não há nenhuma condição em que não sejam incondicionais. Portanto, não estão em condições.

Isto é literalmente verdade. Vocês não estão em condições de fazer nada. Só podem ser. Contudo, o ser puramente não vos satisfaz. Por essa razão, criaram a Ilusão do Condicionalismo. É a ideia de que uma parte de vós — uma parte da Vida, uma parte de Deus — depende de outra para poder ser.

É um produto, ou uma ampliação da vossa Ilusão de Desunião, que por sua vez emerge da Ilusão da Necessidade, que é A Primeira Ilusão. Na realidade há apenas uma Única Ilusão e todas as outras ilusões são a sua ampliação, como já disse repetidamente.

Foi a partir da Ilusão do Condicionalismo que aquilo a que chamam relatividade foi criado. Quente e frio, por exemplo, não são na realidade opostos, mas exatamente a mesma coisa em condições diferentes.

Tudo é a mesma coisa. Há apenas uma energia, que é a energia a que chamam Vida. A palavra "Deus" pode aqui ser utilizada intermutavelmente. É a vibração individual e específica dessa energia que referem como sendo a sua condição. Em determinadas condições, ocorrem certas coisas que parecem ser aquilo a que chamam verdade.

Por exemplo, para cima é para baixo e para baixo é para cima — em determinadas condições. Os astronautas aprenderam que no espaço as definições de "cima" e "baixo" desaparecem. A verdade mudou, porque mudaram as condições.

A mudança de condições cria a mudança da verdade.

Verdade não é mais do que uma palavra que significa "o que é assim neste preciso momento". Mas o que é assim está sempre a mudar. Portanto, a verdade está sempre a mudar.

O vosso mundo tem-vos mostrado isso. A vossa vida tem-vo-lo demonstrado.

O processo da Vida é, de facto, a mudança. Resumida numa palavra, a vida é mudança.

Deus é Vida. Portanto, Deus é Mudança.

Numa palavra, Deus É Mudança.

Deus é um processo. Não um ser, mas um processo.

E esse processo chama-se mudança.

Alguns de vocês preferiam talvez a palavra evolução.

Deus é energia que evolui... ou, O Que Vem A Ser.

O Que Vem A Ser não precisa de nenhuma condição especial para vir a ser. A vida vem a ser simplesmente o que vem a ser e para a poderem definir, descrever, quantificar, medir e tentarem controlar, atribuem-lhe certas condições.

Contudo a Vida não tem condições. Simplesmente é.

A Vida é o que é.

EU SOU O QUE EU SOU.

Agora talvez compreendam na íntegra esta antiga e enigmática afirmação pela primeira vez.

Quando souberem que tem de parecer que existem condições para que experienciem o não-condicionalismo (ou seja, para que conheçam Deus), bendirão as condições da vossa vida e todas as condições que já experienciaram. Essas condições permitiram-vos experimentar que são maiores que qualquer delas. Maiores que todas elas combinadas. A vossa vida mostrou-vos isso.

Pensem nisto por um momento, e verão que é verdade. Imaginem uma condição em que já se tenham encontrado, na qual imaginaram encontrar-se. Alguma vez se mostraram superiores a essa condição para descobrir que a venceram? Na verdade, não venceram nada. Nunca a foram. Simplesmente abandonaram a ideia de que eram essa condição em que se encontraram. Viam-se como sendo maiores que isso, outros que não isso.

"Não sou a minha condição", terão dito. "Não sou a minha limitação, não sou o meu emprego, não sou a minha fortuna, nem a falta dela, não sou isto. Não é isto Quem Eu Sou."

As pessoas que fizeram declarações destas geraram experiências extraordinárias nas suas vidas, desfechos extraordinários. Utilizaram assim a Ilusão do Condicionalismo para se recriarem de

novo, na próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveram sobre Quem São.

Por essa razão, há quem tenha bendito as condições da vida que outros condenaram. Pois acolheram essas condições como uma grande dádiva que lhes permitiu ver e declarar a verdade do seu ser.

Ao abençoarem as condições da vossa vida, mudam-nas. Estão a chamar-lhes uma coisa diferente da que aparentam ser, tal como chamam a vós próprios uma coisa diferente da que aparentam ser.

É nesse ponto que começam a criar conscientemente, e não apenas a constatar, as condições e circunstâncias da vossa vida, pois saberão que sempre foram, e sempre serão, os percecionadores e os definidores de toda a condição. O que uma pessoa entende como pobreza, poderão entender como abundância. O que uma pessoa define como derrota, poderão definir como vitória (como acontece quando decidem que todo o fracasso é um sucesso).

Assim, experienciarão o vosso eu como criador de todas as condições — o seu "imaginador" se quiserem (mas só se quiserem), uma vez que o verdadeiro Condicionalismo não existe.

Nesse momento deixarão de culpar qualquer outra pessoa, lugar, ou coisa na vossa vida durante a vida da vossa experiência. E toda a vossa experiência — passado, presente e futuro — mudará.

Saberão que nunca foram verdadeiramente vitimados, e aquilo que sabem, evoluem. Por fim, aperceber-se-ão de que não há vítimas.

Lembrem-se sempre disso.

Não há vítimas.

9. Ilusão da Superioridade

A Nona Ilusão, a Ilusão da Superioridade, pode ser usada para experienciar que nenhuma coisa é superior a qualquer outra, e que, da mesma forma, a inferioridade é uma ficção. Todas as coisas são iguais. Contudo não podem saber que todas as coisas são iguais quando tudo o que existe é igualdade.

Se tudo é igual, então nada é igual — pois a própria ideia de "igualdade" é algo que não pode ser experienciado, na medida em que existe apenas uma coisa, e que é toda igual em relação a si.

Uma coisa não pode ser "desigual" para si própria. Se pegarem numa coisa e a dividirem em partes, as partes igualam o todo. Não são menos que o todo, simplesmente por terem sido repartidas.

Contudo a ilusão da desigualdade permite que cada uma das partes se veja como a parte que é, em vez de se ver como o todo. Vocês não se conseguem ver como uma parte a menos que se vejam à parte. Compreendem? Não conseguem conceber-se como parte de Deus a menos que se imaginem à parte de Deus.

Pondo as coisas de outra maneira, não Me podem ver a menos que se distanciem e olhem para Mim. Mas não podem distanciar-se e olhar para Mim se pensarem que são Eu. Portanto têm de imaginar que não são Eu, para Me experienciarem.

Vocês são iguais a Deus e essa igualdade com Deus é algo que anseiam por experienciar. Não são inferiores a Deus, nem a coisa nenhuma, mas não podem saber ou experienciar a inexistência da inferioridade num contexto em que nada é superior. Criaram, portanto, a Ilusão da Superioridade para que saibam que são iguais a tudo — o que é o mesmo que dizer que não são superiores a nada.

A vossa unidade com Deus não pode ser experienciada fora dum contexto em que seja possível a ausência da unidade, ou Desunião. Têm que estar dentro desse contexto, ou daquilo que aqui chamámos a ilusão, para saberem a verdade que existe fora da ilusão. Têm que estar "neste mundo, mas não lhe pertencer".

Do mesmo modo, a vossa igualdade com Deus e com todas as coisas e toda a gente na vida não é "experienciável" a menos que, ou até que, consigam compreender a desigualdade.

Foi por essa razão que criaram a Ilusão da Superioridade.

Há ainda outro benefício na ideia da Superioridade. Ao imaginarem-se superiores às condições e circunstâncias da vossa vida, permitem-se experienciar o aspeto do vosso ser que é maior

que todas essas condições e circunstâncias — um aspecto que foi focado anteriormente.

Há uma parte maravilhosa de vós a que podem fazer apelo quando confrontados com condições e circunstâncias negativas. Há quem lhe chame coragem. A Ilusão da Superioridade foi-vos assim muito útil por terem vivido dentro da Ilusão mais ampla chamada Vida no Domínio Físico, pois deu-vos a força para se sobreporem às circunstâncias negativas e levarem a melhor sobre elas.

Quando virem essa Ilusão como uma ilusão, compreenderão que não há nenhuma parte de vós que seja superior ao Todo, porque cada parte de vós é o Todo. Não farão então apelo à coragem, saberão que são coragem. Não farão apelo a Deus, saberão que são o aspecto de Deus a que iriam apelar.

São o que chama e o que é chamado. O que muda e o que é mudado. O criador e o criado. O princípio e o fim. O alfa e o ómega.

É isso que são, porque é o que Eu sou. E vocês foram feitos à Minha imagem e semelhança.

Vocês são Eu. Eu sou vocês. Movo-me em vós, como vós e através de vós. Em vós tenho o Meu ser.

Em toda a gente, e em todas as coisas.

Portanto, nenhum de vocês é superior a outro. Isso não pode ser. Contudo criaram a Ilusão da Superioridade para conhecerem o vosso poder — e, por extensão, o poder de toda a gente; a unidade e a igualdade entre vós e Deus e todos os outros; e a unidade e igualdade de toda a gente com Deus e os outros.

Mas tem de vos ser dito que essa Ilusão de Superioridade é muito perigosa, se a dor e o sofrimento humano são coisas que desejam evitar.

Já vos disse que a dor e o sofrimento são evitados quando se experiencia a Unidade uns com os outros, e com Deus. É a Ilusão da Superioridade que nega essa unidade e cria uma separação ainda maior.

A superioridade é a ideia mais sedutora que alguma vez recaiu sobre a experiência dos humanos. Deve ser entendida profunda e integralmente. A ideia da Superioridade pode ser uma grande dádiva no mundo da experiência relativa, como vos demonstrei. Pode, na verdade, dar-vos a força e a coragem de se verem a vós próprios maiores que as circunstâncias, maiores que os vossos opressores, mais do que vocês próprios se consideravam. Mas pode ser insidiosa.

Até as religiões, a instituição humana que foi supostamente criada para vos aproximar mais de Deus, usaram demasiadas vezes a Superioridade como instrumento principal. "A nossa religião é superior à outra", declararam muitas instituições contribuindo

assim mais para separar os seres humanos no caminho para Deus do que para os unir.

Estados e nações, raças e gêneros, partidos políticos e sistemas económicos, todos têm procurado usar a sua suposta Superioridade para atrair atenção, respeito, acordo, adesão, poder ou, simplesmente, membros. O que geraram ao usar esse instrumento foi tudo menos superior. No entanto a maior parte da raça humana parece cega ou está estranhamente silenciosa. Não consegue ver que os seus próprios comportamentos baseados na superioridade estão de facto a gerar inferioridade de todas as formas. Ou vê, e simplesmente recusa admiti-lo. O resultado é que o ciclo de reclamar a Superioridade como justificação dos seus atos e sofrer posteriormente os resultados inferiores desses atos repete-se constantemente.

Há uma maneira de quebrar esse ciclo.

Ver a Ilusão como uma ilusão. Compreender e saber finalmente que Somos Todos Um. A raça humana, e toda a Vida, são um campo unificado. É tudo Uma Coisa. Não há nada, portanto, a que ser superior e nada que vos seja superior.

É esta a verdade essencial da experiência da vida. A tulipa é superior à rosa? As montanhas são mais majestosas que o mar? Qual o floco de neve mais magnífico? Será possível que sejam todos magníficos e que, ao celebrar em conjunto a sua magnificência, criem um espetáculo assombroso? Fundem-se então uns com os

outros, em Unidade. Mas nunca vão embora. Nunca desaparecem. Simplesmente, mudam de forma. E não só uma vez, mas várias vezes: de sólido a líquido, de líquido a vapor, de visíveis a invisíveis, para ressurgir uma e outra vez em exposições de estonteante beleza e admiração. Isto é a Vida, alimentando a Vida.

Isto são vocês.

A metáfora está completa.

A metáfora é real.

Tornarão isto real na vossa experiência quando decidirem simplesmente que é verdade, e agirem dessa maneira. Vejam a beleza e maravilha de todos aqueles cujas vidas tocam. Pois cada um de vós é de facto maravilhoso, não sendo nenhum mais maravilhoso que outro. E um dia fundir-se-ão todos em Unidade, e saberão que formam em conjunto uma única corrente.

Esse conhecimento mudará toda a vossa experiência na terra. Mudará a vossa política, a economia, as interações sociais, a maneira como educam a juventude. Trar-vos-á, por fim, o Céu na terra.

Quando virem que a Superioridade é uma ilusão, saberão que a inferioridade também é uma ilusão. Sentirão então a maravilha e o poder da igualdade — uns com os outros e com Deus. As vossas ideias sobre vós próprios tornar-se-ão mais amplas e a razão da

Ilusão da Superioridade terá sido realizada. Pois quanto mais ampla for a vossa ideia de vós próprios, maior será a vossa experiência.

Lembrem-se sempre disso.

Quanto maior for a vossa ideia de vós próprios, maior será a vossa experiência.

10. Ilusão da Ignorância

A Décima Ilusão, a Ilusão da Ignorância, criou a ideia de que não sabem nada disto; que tudo o que acabou de ser dito é novo para vós e que não o conseguem compreender.

Essa ilusão permite-vos continuar a viver no Domínio da Relatividade. Mas não têm de continuar a viver como têm vivido, na dor e no sofrimento, ferindo-se a vós próprios e aos outros, à espera, à espera, à espera de tempos melhores que hão-de vir — ou da vossa recompensa eterna no Céu. Podem ter o vosso Céu na terra. Podem viver no vosso Jardim do Paraíso. Nunca foram expulsos. Nunca vos faria isso.

Vocês sabem-no. No vosso coração, já o sabem. Tal como sabem da Unidade da Humanidade e de toda a vida. Tal como sabem da igualdade de tudo, e que o amor é incondicional. Sabem todas estas coisas e mais, e retêm esse conhecimento no fundo da vossa alma.

A ignorância é uma ilusão. Vocês usam a Ilusão sabiamente quando a veem como ilusão — quando sabem que não é verdade que não sabem. Sabem... e sabem que sabem.

É isto que se diz de todos os Mestres.

Eles sabem que sabem, e usam esse conhecimento para viver com o mundo ilusório em que se colocaram e não dentro dele. Isso fá-los surgir no vosso mundo como se fossem mágicos, que criam e utilizam facilmente todas as ilusões da Vida.

"Não saber" é uma ilusão maravilhosa, e útil. Permite-vos saber de novo, aprender outra vez, relembrar mais uma vez. Permite-vos re-experienciar o ciclo. Tornarem-se num floco de neve.

É a ilusão de não saberem que vos permite saber o que sabem. Se souberem tudo, e souberem o que sabem, não podem saber nada.

Examinem a fundo esta verdade e compreendê-la-ão.

Depois deem a vós próprios a ilusão de que ignoram qualquer coisa. Qualquer coisa. Nesse momento, terão a experiência daquilo que não ignoram — e o que sabem tornar-se-á subitamente aparente.

É esse o prodígio da humildade. É esse o poder na frase "Há aqui algo que eu não sei, cujo conhecimento podia mudar tudo". Esta simples frase pode curar o mundo.

A chamada à humildade é uma chamada para a glória.

E em termos da vossa teologia, não podia haver melhor instrumento para o progresso. Inspirei a que se dissesse que tudo o que o mundo precisa é de um pouco de "teologia da humildade". Um pouco menos de segurança de saberem tudo, e um pouco mais de vontade de prosseguirem na busca, reconhecerem que pode haver alguma coisa que não saibam — cujo conhecimento podia mudar tudo.

Digo-o outra vez, não saber conduz ao saber. Saber tudo conduz a não saber nada.

É por isso que a Ilusão da Ignorância é tão importante.

A assim acontece, igualmente, com todas as Ilusões. São as chaves para a vossa experiência de Quem Realmente São. Abrem a porta do Domínio do Relativo para o Domínio do Absoluto. A porta para tudo.

Contudo, como com todas as Dez Ilusões, quando a Ilusão da Ignorância vos envolve, quando se torna a vossa experiência total, a vossa realidade sempre presente, deixa de vos servir. Tornam-se como o mágico que se esqueceu de todos os seus truques. Passam

a ser como quem se deixa iludir pelas próprias ilusões. Precisarão então de ser "salvos" por outra pessoa, alguém que veja através da ilusão, que vos desperte e vos lembre Quem Realmente São.

Essa alma será o vosso verdadeiro salvador, tal como vocês podem ser o salvador de outros lembrando-os apenas de Quem Realmente São, devolvendo-os a vós próprios. "Salvador" é apenas outra palavra para "relembrador"⁷. É alguém que vos re-lembra, que vos re-membra, fazendo com que mudem de estado de espírito e se conheçam de novo como membros do Corpo de Deus.

Façam isso aos outros. Pois vocês são os salvadores de hoje. São os Meus Amados, com quem estou muito satisfeito. São quem Eu enviei para trazer os outros para casa.

Portanto, saiam da Ilusão, mas não se afastem dela. Vivam com ela, mas não dentro dela. Façam-no e estarão neste mundo, mas não lhe pertencerão. Conhecerão a vossa própria magia e crescerão na medida do que souberem. A vossa ideia da vossa magia será cada vez mais ampla, até que um dia compreenderão que são a magia.

Lembrem-se sempre disso.

⁷ No original reminder, cuja tradução literal é "lembrete, lembrança, advertência". (N. da T.)

Vocês são a magia.

Quando usam a Ilusão da Ignorância, deixando de a viver, mas simplesmente utilizando-a, reconhecem e admitem que há muita coisa que ainda não sabem (que não se lembram), no entanto essa mesma humildade eleva-vos para além dos humildes, fazendo com que entendam mais, relembrem mais, se tornem mais conscientes. Passam a estar entre os cognoscenti — os que sabem.

Lembram-se que estão simplesmente a usar ilusões para criar um campo contextual localizado dentro do qual possam experienciar, e não somente conceptualizar, qualquer um dos inumeráveis aspetos de Quem Vocês São. Começam a utilizar conscientemente esse campo contextual, tal como um artista utiliza um pincel, produzindo imagens maravilhosas e criando momentos poderosos e extraordinários — momentos de graça — nos quais se podem conhecer experiencialmente.

Se pretenderem experienciar o vosso eu como perdão, por exemplo, podem misturar as Ilusões de Juízo, Condenação e Superioridade. Projetando-as à vossa frente, encontrarão (criarão) repentinamente na vossa vida pessoas que vos darão a oportunidade de mostrar perdão. Podem até acrescentar a Ilusão do Fracasso, projetando-a em vós próprios, para acentuar a experiência. Por fim, podem usar a Ilusão da Ignorância para fingir que não sabem que estão a fazer tudo isto.

Se quiserem experienciar-se como compaixão, ou generosidade, podem misturar as Ilusões de Necessidade e Insuficiência para criar um campo contextual no qual possam expressar esses aspetos da Divindade dentro de vós. Podem dar por vós a caminhar na rua e depararem com pedintes. Que estranho, poderão pensar, nunca tinha visto pedintes nesta esquina...

Sentem compaixão por eles, que vos toca o coração. Sentem a generosidade despertar no vosso íntimo, metem a mão no bolso e dão-lhes algum dinheiro.

Ou talvez recebam o telefonema de um familiar a pedir ajuda financeira. Podiam optar por sentir qualquer um dos muitos aspetos do vosso ser nesse momento. Mas desta vez escolhem a bondade, o cuidado e o amor. Dizem "Claro, de quanto precisas?".

Mas tenham cuidado, pois se não tiverem cuidado, não entenderão como o pedinte na rua, ou o familiar ao telefone, encontraram o caminho para a vossa vida. Esquecer-se-ão de que os puseram lá.

Se mergulharem demasiado na Ilusão, esquecerão que chamaram a vós todas as pessoas, lugares e acontecimentos da vossa vida. Esquecerão que lá estão para criar a situação perfeita, a oportunidade perfeita, de se conhecerem de uma determinada forma.

Esquecerão o Meu ensinamento mais grandioso: Não vos envie senão anjos.

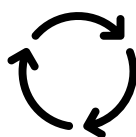
Podem atribuir aos Meus anjos o papel de vilões na vossa história. Se não tiverem cuidado, ver-se-ão como vítimas, em vez de beneficiários, dos muitos momentos de graça que ocorreram na vossa vida, que não serão todos bem-vindos à partida, mas que vos trarão uma dádiva.

Ou podem decidir ser beneficiários de uma forma diferente da que tinham escolhido inicialmente. Podem decidir, por exemplo, que não só desejam experienciar compaixão como também poder e controle. Podem continuar a dar ao mesmo pedinte, passando pela mesma esquina todos os dias à mesma hora, até estabelecerem os dois um ritual. Podem continuar a dar ao tal familiar, enviando um cheque todos os meses, até estabelecerem os dois um ritual.

Agora têm o controle. Têm o poder. Retiraram-lhes o poder — literalmente, tiraram-lhes o poder de recriarem as suas vidas — para se sentirem glorificados, gratificados e poderosos. De repente, não podem funcionar sem vocês. Nem o pedinte nem o familiar — que existiram anos sobre o planeta sem nenhuma ajuda vossa — podem funcionar sem vocês. Tornaram-nos disfuncionais e criaram uma relação disfuncional com eles.

Em vez de os ajudarem a sair do fosso atirando-lhes uma corda e puxando-os para cima, atiraram a corda para o fosso e saltaram para lá a seguir.

Portanto observem cuidadosamente a vossa motivação para fazer seja o que for. Olhem constantemente para o vosso propósito. Acompanhem minuciosamente o aspeto do vosso ser que estão a experienciar. Há uma maneira de experienciar sem retirar o poder a outrem? Existe uma forma de relembrar Quem São sem convidar outros a esquecerem-se de quem são?



Estas são algumas das maneiras como podem utilizar as Dez Ilusões e as inúmeras ilusões menores. Agora veem, agora compreendem, agora lembram-se como são usadas as Ilusões.

Lembrem-se do que foi dito anteriormente. Não é necessário usar Ilusões no momento presente para criar um campo contextual no qual experienciar aspetos mais elevados do vosso eu. Os seres evoluídos não só saem das Ilusões como se afastam delas. Ou seja, deixam as Ilusões para trás e limitam-se a utilizar a sua memória para criar esse campo contextual.

Quer as utilizem em forma de memória ou na forma física no vosso momento presente, vocês empregam-nas todos os dias. No entanto, se não estiverem a usar as Ilusões conscientemente — se não sabem que as têm estado a criar e por que razão o fizeram — podem imaginar-se no efeito da vossa vida, em vez de na causa da questão. Podem pensar que a vida vos está a acontecer, em vez de estar a acontecer por vosso intermédio.

Em relação a tudo o que está a acontecer na vossa vida, vocês estão na causa da questão.

Compreendem isto perfeitamente quando saem das Ilusões. Experienciam-no no vosso corpo, ao nível celular, ao experienciarem a comunhão com Deus.

É por isto que toda a alma anseia. É este o principal propósito de toda a vida. Encontram-se numa jornada para a mestria, de regresso à Unidade, para que possam conhecer a maravilha e a glória de Deus na vossa alma, e expressá-la por vosso intermédio, sendo vós próprios, de milhares de maneiras em milhões de momentos em inúmeras vidas que se estendem até à eternidade.

CAPÍTULO 16

Re-Criar a Realidade

À medida que caminham para a eternidade, à medida que se aproximam da mestria, irão confrontar-se com muitas circunstâncias, situações e evoluções na vossa vida, algumas das quais, podem não ser bem-vindas. A primeira coisa que a maioria das pessoas faz nesses momentos é a última coisa que devem fazer, que é tentar perceber o que significa tudo aquilo.

Há pessoas que julgam que as coisas acontecem por alguma razão e, portanto, tentam discernir qual é essa razão. Outras dizem que certas coisas são "um sinal". Portanto tentam perceber o que lhes diz o sinal.

Duma maneira ou doutra, as pessoas tentam encontrar significado nos acontecimentos e experiências das suas vidas. No entanto, o facto é que nada tem qualquer significado. Não há nenhuma verdade intrínseca escondida nos encontros e experiências da vida. Quem a esconderia lá? E porquê?

Se lá estivesse para a descobrirem, não seria muito mais eficaz torná-la óbvia? Se Deus tivesse alguma coisa a dizer-vos não seria muito mais fácil (para não falar de mais simpático) dizer-vos-lo

simplesmente, em vez de fazer disso um mistério que tivessem de resolver?

O facto é que não há nenhum significado em nada exceto o significado que lhe atribuem.

A vida não tem significado.

Isso é difícil de aceitar para muitos humanos, no entanto é a Minha maior dádiva. Tornando a vida sem significado, dou-vos a oportunidade de decidirem o que significa tudo e mais qualquer coisa. Segundo as vossas decisões, definir-se-ão em relação a tudo e mais qualquer coisa na vida.

Estes são, de facto, os meios¹ pelos quais experienciam Quem Escolhem Ser.

Este é o ato de autocriação, de se recriarem de novo na próxima versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveram sobre Quem São.

Assim, quando vos acontecer determinada coisa, não se perguntem por que está a acontecer. Escolham porque está a acontecer. Decidam porque está a acontecer. Se não conseguirem escolher ou decidir com intenção, inventem tudo. Estão a inventar

¹ Jogo de palavras com o substantivo means (“meios”) e o verbo to mean (“significar”). (N. da T.)

de qualquer maneira. Estão a inventar todas as razões para fazerem coisas, ou a razão de as coisas acontecerem como acontecem. No entanto, a maior parte do tempo fazem-no inconscientemente. Agora decidam-se (e decidam a vossa vida) conscientemente!

Não busquem o significado da vida, nem o significado de nenhum acontecimento, ocorrência ou circunstância em particular. Dêem-lhe significado. Proclamem então e declarem, expressem e experienciem, realizem e tornem-se Quem Escolhem Ser em relação a isso.

Se forem observadores atentos, constatarão que estão constantemente a conduzir-se à mesma situação ou circunstância, repetidamente, durante a vida, até se recriarem de novo.

É essa a jornada para a mestria.

O Mestre, e o aluno em jornada para a mestria, sabem que as Ilusões são ilusões, decidem a razão pela qual ali estão, e criam então conscientemente o que será experienciado a seguir pelo eu através das Ilusões.

Ao enfrentar qualquer experiência da vida, há uma fórmula, um processo, através do qual vocês também poderão encaminhar-se para a mestria. Basta fazerem as seguintes afirmações:

1. Nada no meu mundo é real.

2. O significado de tudo é o significado que eu lhe dou.

3. Sou quem eu digo que sou, e a minha experiência é a que eu digo que é.

É assim que se lida com as Ilusões da Vida. Agora vamos ver mais alguns exemplos da "vida real" e visitar algumas observações anteriores, já que a ênfase traz maior clareza.

Ao enfrentarem a Ilusão da Necessidade, pode parecer-vos que a vossa experiência é muito real.

A necessidade pode apresentar-se sob um de dois disfarces: a vossa necessidade, ou a necessidade dos outros.

Quando a Necessidade aparenta ser vossa, senti-la-ão como muito mais urgente. O medo pode instalar-se rapidamente, dependendo da natureza da Necessidade que estão a imaginar.

Se estão a imaginar que precisam de oxigénio, por exemplo, podem ser confrontados com pânico imediato, o que adviria logicamente da vossa convicção de que a vossa vida estava em perigo. Só um verdadeiro Mestre, ou alguém que tenha tido uma experiência próxima da morte e tenha uma noção clara de que a morte não existe, poderia manter-se calmo em tais circunstâncias. Outros teriam de se treinar para o conseguir.

Mas é possível fazê-lo.

A ironia é ser precisamente a essa calma que tem de se apelar. Só a calma conduziria aos pensamentos e ações que poderiam gerar um desfecho pacífico.

Os mergulhadores percebem isso. É por isso que aprendem a não entrar em pânico quando sentem que o ar se está a esgotar ou quando é cortado o oxigénio. Há outros que também aprenderam a evitar o pânico em circunstâncias que muitos chamariam verdadeiramente tensas e assustadoras.

Há outras situações menos extremas, mas igualmente de risco de vida, que podem provocar medo. A notícia de uma doença terminal, por exemplo. Ou um assalto à mão armada. Mas há quem tenha descoberto ser capaz de enfrentar uma doença potencialmente fatal, ou mesmo a possibilidade de agressão à sua pessoa, com uma equanimidade extraordinária. Como o fizeram? De que se trata?

Tem tudo a ver com perspetiva.

E é disso que estamos aqui a falar — da vossa perspetiva.

Ver a ilusão da morte como ilusão muda tudo. Saber que ela não tem outro significado exceto aquele que vocês lhe dão permite-vos decidir o que ela significa. Compreender que toda a vida é um processo de recriação cria um contexto dentro do qual podem experienciar Quem Realmente São em relação à morte.

Jesus fê-lo e surpreendeu o mundo.

Outros também o fizeram, passando pela morte com uma graça serena que confunde e inspira todos à sua volta.

Abaixo do nível das experiências em que a vida é posta em risco, a Necessidade tem muito menos poder como Ilusão.

Abaixo do nível da dor física não tem virtualmente nenhum poder.

Muitos humanos, não todos, têm muita dificuldade em lidar com a dor física. Se alguém dissesse "isto é uma ilusão" durante um momento de dor, poderiam ter algo de diferente a dizer.

Na verdade, para muita gente, a dor — e a sua probabilidade — é mais assustadora do que a morte.

No entanto, também há como lidar com esta ilusão. Mais atrás nesta comunicação falei da diferença entre a dor e o sofrimento. Os Mestres sabem a diferença, tal como todas as pessoas que veem as Ilusões da Vida como elas, são.

A Ilusão da Necessidade sugere que os humanos precisam de estar isentos da dor para não sofrerem, para serem felizes. No entanto a dor e a felicidade não se excluem mutuamente — como podem atestar muitas mulheres que deram à luz.

A isenção da dor não é uma necessidade, é uma preferência. Colocando a Necessidade ao nível da preferência colocam-se numa posição de poder extraordinário sobre a experiência que estão a ter.

Até podem ter poder sobre a dor — poder suficiente para ignorar virtualmente e, com frequência, fazê-la desaparecer. Muitas pessoas já o demonstraram.

Lidar com Ilusões de Necessidade abaixo do nível da dor física é ainda muito mais fácil.

Podem pensar que precisam de uma determinada pessoa para serem felizes, ou de um determinado emprego para terem sucesso, ou de outro prazer emocional ou físico para se sentirem satisfeitos. Nessa altura poderão querer constatar que estão aqui, neste preciso momento, sem eles. Então por que pensam que precisam deles?

Um exame minucioso revelará que não precisam deles, nem para sobreviver nem sequer para serem felizes.

A felicidade é uma decisão, não uma experiência.

Podem decidir ser felizes sem o que julgavam precisar para serem felizes, e sê-lo-ão.

Isto é uma das coisas mais importantes que podem vir a compreender. Por isso volto a este ponto.

A felicidade é uma decisão, não uma experiência. Podem decidir ser felizes sem o que julgavam precisar para serem felizes, e sê-lo-ão.

A vossa experiência é o resultado da vossa decisão, não a sua causa.

(O mesmo se aplica, a propósito, ao amor. O amor não é uma reação, o amor é uma decisão. Quando relembrem isto, estarão a aproximar-se da mestria.)

O segundo disfarce da Necessidade é o da necessidade dos outros. Se não virem esta Ilusão como uma ilusão, podem deixar-se enredar constantemente na tentativa de preencher as necessidades dos outros, especialmente daqueles que amam — filhos, cônjuges ou amigos.

Isso pode levar ao ressentimento silencioso e depois à fúria insidiosa — tanto da vossa parte como da pessoa que está a ser ajudada. A ironia é que continuando a preencher as necessidades dos outros, incluindo (e talvez especialmente) filhos e companheiros de vida, podem contribuir mais para os desresponsabilizar do que para os ajudar — outro ponto focado anteriormente.

Quando virem outros em situações de “necessidade”, permitam-se usar a Ilusão para expressar aquela parte do vosso eu que escolhem experienciar. Talvez escolham o que chamariam

compaixão ou generosidade, bondade ou a vossa própria abundância, ou mesmo tudo isso — mas tenham a noção clara de que nunca estão a fazer nada por alguém. Memorizem esta frase: Tudo o que faço, faço por mim.

Esta é outra das coisas mais importantes que podem vir a compreender. Portanto, repeti-la-ei.

Tudo o que faço, faço por mim.

Essa é a verdade de Deus, bem como a vossa. A única diferença é que Deus sabe-o.

Não há outro interesse senão o interesse próprio, porque o eu é tudo o que há. Vocês são Um com tudo, e não há nada que não o seja. Quando perceberem isto claramente, a vossa definição de interesse próprio mudará.

Ao defrontarem-se com a Ilusão do Fracasso, pode parecer-vos que a experiência é muito real.

O Fracasso apresentar-se-á sob um de dois disfarces: o, vosso "fracasso" e o "fracasso" dos outros.

Quando se defrontarem com o que parece ser o fracasso, façam imediatamente as três afirmações da verdade fundamental:

1. Nada no meu mundo é real.

2. O significado de tudo é o significado que eu lhe dou.

3. Sou quem eu digo que sou, e a minha experiência é a que eu digo que é.

Esta é a verdade trina e una — ou a Santíssima Trindade.

Decidam o que significa a vossa experiência de fracasso. Optem por chamar sucesso ao vosso fracasso. Depois, recriem-se de novo em face desse fracasso. Decidam Quem São em relação à experiência que estão a ter. Não perguntem a vós próprios por que a estão a ter. Não há nenhum porquê, exceto o porquê que lhe atribuem. Portanto decidam que "Tive esta experiência para me aproximar mais um passo do sucesso que procuro. Esta experiência foi-me dada como dádiva. Acolho-a, considero-a valiosa e aprendo com ela".

Lembrem-se que Eu disse que toda a aprendizagem é um relembrar.

Portanto, celebrem o fracasso. Há empresas esclarecidas no vosso planeta que o fazem. Quando há um "engano", ou se descobre um "erro", ou se experiencia um "fracasso", o patrão convida toda a gente a festejar o acontecimento! Esse patrão compreende o que vos estou aqui a dizer — e, por ele, os empregados seriam capazes de se atirar ao mar gelado. Não há nada que não fizessem, pois ele criou-lhes um ambiente de

segurança e um clima de sucesso no qual podem experienciar a parte mais grandiosa de si próprios e da sua criatividade.

Ao defrontarem-se com a Ilusão da Desunião, pode parecer-vos que essa experiência é muito real.

A Desunião apresentar-se-á sob um de dois disfarces: a vossa "desunião", e a "desunião" dos outros.

Podem sentir-se terrivelmente desligados de Deus. Podem sentir-se totalmente separados dos restantes humanos. E podem sentir que os outros estão completamente separados de vós. Isso pode criar as ilusões menores de solidão ou depressão.

Quando confrontados com o que pareça ser Desunião, façam imediatamente as três afirmações da verdade fundamental:

- 1. Nada no meu mundo é real.*
- 2. O significado de tudo é o significado que eu lhe dou.*
- 3. Sou quem eu digo que sou, e a minha experiência é a que eu digo que é.*

Isto invoca o processo tríade:

A. Vejam as Ilusões como ilusões.

B. Decidam o que significam.

C. Recriem-se de novo a vós próprios.

Se se sentirem solitários, vejam a vossa "solidão" como uma ilusão. Decidam que a vossa solidão significa que ainda não estenderam suficientemente as mãos ao mundo que vos rodeia — como pode alguém estar só num mundo cheio de pessoas sós? Depois optem por se recriar de novo como alguém que toca os outros com amor.

Façam-no durante três dias e toda a vossa disposição se modificará. Façam-no durante três semanas e a vossa solidão do momento dissipar-se-á. Façam-no durante três meses e nunca mais se sentirão sós. E compreenderão então que a vossa solidão era uma ilusão, totalmente controlável por vós.

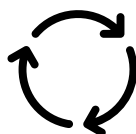
Até as pessoas que se encontram em celas prisionais ou acamadas, completamente isoladas das outras, podem mudar a sua experiência externa alterando a sua realidade interior. Isto faz-se através da comunhão com Deus, a experiência a que este livro vos conduz. Pois depois de terem um encontro com o Criador interior, nunca mais precisarão de nada exterior a vós para evitar sentirem-se sós.

Provaram-no os místicos e os monges, as comunidades religiosas e os devotos espirituais através de todos os tempos. O êxtase

interior da comunhão espiritual e da Unidade com toda a criação (ou seja, Eu!) é inigualável no mundo exterior.

Na verdade, a Desunião é uma Ilusão.

Assim também verão tudo como ilusório, e como uma dádiva abençoada, que vos permitirá escolher e experienciar Quem Realmente São.



Vejamos mais alguns exemplos, usando mais algumas das Ilusões (qualquer uma delas podia ser utilizada, a fórmula é a mesma).

Ao defrontarem-se com a Ilusão da Condenação, pode parecer-vos que essa experiência é muito real.

A Condenação apresentar-se-vos-á sob um de dois disfarces: a vossa "condenação" e a "condenação" dos outros.

Ao defrontarem-se com a Ilusão da Superioridade, pode parecer-vos que essa experiência é muito real.

A Superioridade apresentar-se-vos-á sob um de dois disfarces: a vossa "superioridade" e a "superioridade" dos outros.

Ao defrontarem-se com a Ilusão da Ignorância, pode parecer-vos que essa experiência é muito real.

A Ignorância apresentar-se-vos-á sob um de dois disfarces: a vossa "ignorância" e a "ignorância" dos outros.

Estão a ver o padrão? Começam a antever, mesmo antes de Eu vos dizer, boas formas de usar estas Ilusões?

Confrontados com a condenação dos outros, serão tentados a condenar. Confrontados com a vossa condenação, os outros serão tentados a condenar-vos.

Confrontados com a superioridade dos outros, serão tentados a julgarem-se superiores. Confrontados com a vossa superioridade, os outros serão tentados a julgarem-se superiores a vós.

Estão a ver o padrão? Começam a antever, mesmo antes de Eu vos dizer, boas formas de usar esta Ilusões?

Ver o padrão é importante. Este é o padrão que sobrepuseram ao tecido da vossa História cultural. Foi isto que vos fez experienciar a vossa realidade coletiva tal como é no vosso planeta.

Não precisam que vos dê mais exemplos de como se distanciarem destas Ilusões e as usarem. Na verdade, se Eu continuar a dar-vos exemplos específicos, tornar-se-ão dependentes de Mim. Sentirão que não conseguem compreender ou

saber como se recriarem de novo em face das experiências da "vida real" no dia-a-dia.

Assim, começarão a rezar. "Deus, ajuda-me!" irão clamar. Depois, se as coisas correrem bem, hão-de agradecer-Me, se não, hão-de amaldiçoar-Me — como se Eu estivesse a aceder a alguns desejos e a negar outros... ou, pior ainda, a aceder aos desejos de algumas pessoas e a negar os de outras.

Digo-vos isto: Não compete a Deus conceder ou negar desejos. Em que o basearia? Usando que critérios?

Compreendam isto, se não compreenderem mais nada: Deus não precisa de nada.

Se não preciso de nada, não tenho nenhum critério pelo qual decidir se vocês obtêm ou não qualquer coisa.

Essa decisão é vossa.

Podem tomar essa decisão consciente ou inconscientemente.

Há séculos que a tomam inconscientemente. Eis como tomá-la conscientemente.

1. Vejam as Ilusões como ilusões.

2. Decidam o que significam.

3. Recriem-se de novo a vós próprios.

Para o realizar, usem as seguintes frases da verdade fundamental como instrumentos:

1. Nada no meu mundo é real.

2. O significado de tudo é o significado que eu lhe dou.

3. Sou quem eu digo que sou, e a minha experiência é a que digo que é.

A comunicação que aqui tenho estado a ter convosco é a vossa tentativa de pôr em palavras humanas os conceitos complexos que compreendem intuitivamente a um nível de consciência interior mais profundo.

Estas ideias já vos ocorreram e surgiram por vosso intermédio. Se não tiverem cuidado, parecerá que ocorreram a outra pessoa, através doutra pessoa. Isso é uma ilusão.

Trouxeram esta experiência até vós, por vosso intermédio, repetidamente. Este é o vosso processo de relembrar.

A oportunidade agora é transformar estas palavras numa experiência da carne substituindo as vossas Ilusões por uma nova realidade vivida. É esta a transformação da vida no vosso planeta de que falei. Assim, inspirei a que fosse dito "E o Verbo fez-se carne, e viveu entre nós".

TERCEIRA PARTE

Encontrar o Criador Interior

CAPÍTULO 17

Assumir o Controlo do Corpo

Para que as palavras aqui se façam carne — para que se tornem mais do que meros sons, uma realidade física no vosso mundo físico — têm que prestar atenção à parte do vosso eu que é física no mundo.

A vossa comunhão com Deus, o vosso encontro com o criador interior, começa por conhecerem o vosso corpo físico, compreenderem o vosso corpo físico, respeitarem o vosso corpo físico e usarem o vosso corpo físico como um veículo que se destina a servir-vos.

Para o fazer, primeiro têm que perceber que não são o vosso corpo físico. São o que controla o corpo, vive com o corpo, e atua no mundo físico através do corpo. Mas não são o corpo em si.

Se imaginarem que são o vosso corpo, experienciarão a Vida como uma expressão do corpo. Quando compreenderem que são a alma, experienciarão a Vida como uma expressão da alma. Quando reconhecerem que a vossa alma e a de Deus são uma só, passarão a experienciar a Vida como uma expressão do Espírito Único.

Isso mudará tudo.

Para conhecerem o corpo, compreenderem o corpo, experienciarem o corpo em toda a sua magnificência, procurem estar nesse corpo com qualidade. Amem-no, tratem-no, ouçam-no. Dir-vos-á o que é verdade.

Lembrem-se, a verdade é o que é como é, neste preciso momento — e isso é uma coisa que toda a gente sabe. Portanto, ouçam o que vos diz o vosso corpo. Relembrem como ouvir. Olhem para o que o corpo vos mostra. Relembrem como olhar.

Não observem apenas a linguagem corporal das outras pessoas, observem a vossa.

A saúde é um sinal de acordo entre o corpo, a mente e o espírito. Quando não se sentirem saudáveis, vejam quais as partes que discordam. Talvez seja altura de descansar o corpo, e a mente não saiba como. Talvez a mente insista em pensamentos negativos, coléricos, ou preocupações com o amanhã e o corpo não consiga repousar.

O vosso corpo demonstrar-vos-á a verdade. Basta observá-lo. Constatar o que vos mostra, ouvir o que vos diz.

Respeitem o vosso corpo. Mantenham-no em forma. É o instrumento físico mais importante que possuem. É um instrumento magnífico, um instrumento extraordinário. Podem sujeitá-lo a

inúmeros maus tratos e continuará a servir-vos o melhor que puder. Mas por que reduzir a sua eficácia? Por que maltratar os seus sistemas?

Tal como vos disse para meditarem todos os dias para que a vossa mente se acalme e experienciem a vossa Unidade Comigo, digo-vos agora para fazerem exercício todos os dias.

O exercício é a meditação do corpo.

Também ele vos permite sentir Unidade com toda a Vida.

Nunca se sentirão tão vivos nem fazendo tanto parte da Vida, como quando se exercitam. O movimento do corpo proporciona uma euforia natural. Esse sentimento de euforia tem a designação adequada. Fica-se eufórico quando se está em ligação com o Criador! E está-se em ligação com o Criador quando o corpo é saudável e está em sintonia com a Vida.

Está num lugar de grande elevação!¹

O vosso corpo não é mais do que um sistema de energia. A energia que é a Vida flui através do vosso corpo. Podem orientar essa energia. Podem controlá-la.

¹ Jogo de palavras com o termo high que tanto significa “eufórico” como “alto” ou “elevado”. (N. da T.)

Essa energia é designada por muitos nomes. Alguns chamam-lhe chi. Nalgumas línguas é ki. Também há outros nomes. É tudo a mesma coisa.

Quando relembram como sentir essa energia, a sua subtileza e o seu poder, também podem lembrar como controlá-la e dirigi-la. Há Mestres que vos podem ajudar. Provêm de muitas disciplinas, muitas culturas e muitas tradições.

Também o podem fazer sozinhos, sem mais nada a ajudar senão a vossa determinação interior. Se procurarem a orientação de um Mestre, um professor ou um guru, é importante que os saibam reconhecer.

Podem reconhecer um Mestre pela maneira como ele ou ela vos ensina a entrar em contacto com Deus, pela maneira como ele ou ela vos mostra como se encontrarem com o Criador.

Se vos bradarem, gritarem, exortarem ou levarem a encontrar Deus fora de vós — na sua verdade, no seu livro, na sua maneira, no seu lugar — tenham cuidado. E lembrem-se que, dessa vez, é uma ilusão.

Se vos convidarem calmamente a encontrar Deus no vosso íntimo, se vos disserem que vocês e Eu somos Um — e que não precisam da sua verdade, do seu livro, da sua maneira nem do seu lugar — então encontraram um Mestre, quanto mais não seja porque foram conduzidos ao Mestre que reside no vosso âmago mais profundo.

Seja como for que o façam, qualquer que seja o meio ou o programa, mantenham o vosso corpo físico na forma que vos sustente mais eficazmente, considerando o que estão a tentar fazer.

Saibam que o que procuram fazer nesta vida é expressar e experienciar a versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tiveram sobre Quem São. Se não o experienciam ao nível consciente, se não vos parece que é isso o que tentam fazer, nada na comunicação que vos estou a enviar se aplicará. Quase nada nela fará qualquer sentido.

Se têm a percepção, a nível consciente, que é isso que vieram fazer a esta vida, poderá parecer-vos, ao lerem esta comunicação, que estão a falar sozinhos.

Que é exatamente o que estão a fazer.

Portanto não será surpresa a sugestão de que exercitem o corpo. Bem como de uma dieta que sirva a vossa intenção. Saberão exatamente qual será essa dieta e ao depararem com diversos alimentos, se escutarem o vosso corpo, saberão instantaneamente se vos convém ingeri-los.

Podem chegar a esse conhecimento apenas passando as mãos lentamente sobre os alimentos. O vosso corpo saberá imediatamente tudo o que precisa de saber quanto a se aquele alimento está em harmonia com as vossas intenções mais íntimas em relação ao corpo e à alma. Conseguirão sentir a vibração. Não precisam de ler livros sobre dietas, nem de fazer cursos, não

precisam de procurar conselho ou ajuda exteriores. Precisam simplesmente de ouvir o vosso próprio corpo, e seguir o seu conselho.

CAPÍTULO 18

Assumir o Controlo das Emoções

A seguir a cuidar melhor do corpo, o passo seguinte para alcançar a comunhão com Deus encontrando o criador interior tem a ver com o controlo das emoções. É uma mera questão de perceber o que é a emoção. A emoção é, simplesmente, energia em movimento.

Pode-se tomar essa energia e dar-lhe uma pro-moção ou uma de-moção.

Ao demover-se essa energia — ou seja, ao movê-la para o nível inferior — produz-se uma emoção negativa. Ao promovê-la — ou seja ao movê-la para o nível superior — produz-se uma emoção positiva.

O exercício estimulante do corpo físico é uma maneira de promoverem, ou elevarem, a vossa energia. Literalmente aumentam a vibração dessa energia ki, que se transforma numa emoção positiva que se exprime por vosso intermédio.

A meditação é outra forma de elevar a energia da Vida sempre presente no vosso corpo.

A combinação do exercício com a meditação é extremamente potente. Quando essa combinação passa a fazer parte da vossa disciplina espiritual, criam possibilidades de um enorme desenvolvimento.

A utilização dessa combinação recorda-vos que podem controlar, e, portanto, experienciar como quiserem, tanto o corpo como as emoções. Para muitos — na verdade, para a maioria — é um relembrar assombroso.

As emoções são experiências escolhidas e não experiências às quais se seja sujeito. Isso é algo que nem todos compreendem.

As circunstâncias externas da vossa vida física não têm de ter a ver com a experiência interior da vida espiritual. Não é necessário estar isento de dor para ser isento de sofrimento. Não é necessário existir ausência de perturbações na vida para haver paz.

Na verdade, os verdadeiros Mestres experienciam a paz na presença de perturbações e conflitos, mas não por terem achado uma maneira de os evitar.

Essa paz interior é o que todos os seres procuram, porque é a essência de que todos os seres são feitos. E procurarão sempre a experiência de Quem Realmente São.

Podem alcançar essa paz interior em quaisquer condições ou circunstâncias exteriores ao compreenderem simplesmente que não são o vosso corpo, e que nada do que veem é real.

Lembrem-se que estão a viver as Dez Ilusões. Depois entendam a verdade acerca dessas Ilusões — que as criaram, e a todas as pequenas ilusões que lhes são inferiores, para que possam decidir e declarar, expressar e experienciar, tornar-se e realizarem Quem Realmente São.

Já vo-lo disse muitas vezes e digo-vos outra vez: toda a Vida é uma dádiva, e tudo é perfeição — o instrumento perfeito para criar a oportunidade perfeita para a expressão perfeita da própria perfeição em vós, sendo vós e através de vós.

Quando compreenderem isto, ficarão num estado de apreciação contínua. Ou seja, estarão a crescer. Crescimento é o significado de apreciação. Quando uma coisa aprecia, torna-se mais do que era.

É verdade que não só são capazes de escolher, e portanto controlar, as vossas emoções em face de quaisquer circunstâncias, como também podem fazê-lo antes de depararem com a circunstância.

Ou seja, podem decidir antecipadamente como vão pôr a vossa energia em movimento — qual vai ser a vossa emoção — em reação a qualquer situação prevista na vossa vida.

Quando alcançarem esse nível de mestria, também serão capazes de fazer as mesmas escolhas na reação a qualquer situação imprevista da vida.

Dessa forma, decidirão Quem São em consonância com as ilusões exteriores da vida e não em conflito.

*Expliquei pormenorizadamente nesta trilogia, que inclui as **Conversas com Deus** e na **Amizade com Deus**, como através de muitas outras fontes em muitas outras alturas, como isso pode ser feito. Isto é apenas um avivar da memória.*

Depois de relembrares como cuidar do corpo físico e como controlar as emoções, estás preparados para dar o passo seguinte para o encontro com o Criador interior.

CAPÍTULO 19

Cultivar a Disponibilidade

Agora que prepararam o caminho, só resta criar a disponibilidade para terem o vosso encontro com o criador interior, para experienciarem a comunhão com Deus.

Pode ser um encontro que experienciem física ou mentalmente — ou ambos. Podem chorar de alegria, tremer de excitação, ou balouçar-se em êxtase. Ou podem simples e tranquilamente entrar um dia na calma percepção de que agora sabem.

Sabem da Ilusão, e da Realidade.

Sabem de vós próprios e de Deus.

Compreendem a Unidade, e a individuação da Unidade.

Compreendem tudo.

Essa experiência de saber pode ficar convosco, ou pode chegar e partir. Não se sintam exultantes se ficar, nem se sintam desalentados se partir. Constatem simplesmente o que é e escolham o que desejam experienciar a seguir.

É sabido que até os Mestres optam ocasionalmente por não experienciar a sua mestria — às vezes pela alegria de voltar a despertar para ela, outras com o propósito de despertar outros. É por isso que podem acontecer aos Mestres coisas que vocês, na medida do vosso juízo, pensam que não deviam nem podiam acontecer se eles fossem “mesmo Mestres”.

Portanto, não julguem, nem condenem. Pois poderão encontrar o vosso Mestre hoje mesmo — como a senhora do saco na rua, ou como o ladrão no parque, e não apenas como o guru no cimo da montanha. De facto, isso acontece raramente.

O Mestre que surge como Mestre raramente é reconhecido, sendo mais frequentemente censurado. No entanto, o Mestre que caminha entre vós, que surge como um de vós, é frequentemente o Mestre que cria maior impacto.

Estejam, pois, alerta, pois desconhecem a hora da chegada do vosso Mestre. Pode até aparecer como aquilo a que chamam criminoso, desobedecendo às leis e costumes mais sagrados da vossa sociedade, e ser crucificado por isso.

Mas a seguir procurarão relembrar cada palavra que ele tiver proferido.

Se alcançarem a mestria, ou ascenderem a esse nível mesmo parcialmente, também vocês poderão ser julgados, condenados e crucificados pela vossa sociedade. Pois os outros poderão rezeiros, porque podem preocupar-se por vocês saberem algo que eles não sabem, ou por desafiarem algo que eles julgam que sabem. E é o medo que transforma a observação em juízo e o juízo em ira.

É como vos disse. A ira é medo, anunciado.

A ira dos outros fará parte da Ilusão sobre quem eles são e quem vocês são. E, portanto, o Mestre em vós perdoar-lhes-á, compreendendo que não sabem o que fazem.

Esta é a chave para a expressão e a experiência da Divindade no vosso íntimo: o perdão.

Não verão o que é Divino em vós a menos que, ou até que, perdoem aquilo que não é. E não serão capazes de ver a Divindade noutro a menos que, ou até que, façam o mesmo.

O perdão é o dilatador da percepção.

Quando perdoam a vós próprios por aquilo que vocês e os outros não são, experienciam o que vocês e os outros são verdadeiramente. Nesse momento compreenderão que o próprio perdão não é necessário. Pois quem perdoaria a quem? E porquê?

Somos Todos Um.

Há nisso uma grande paz e um grande conforto. Dou-vos a Minha paz. A paz esteja convosco.

Perdão é apenas outra palavra para paz na linguagem da alma.

Isso é algo que compreenderão profundamente quando despertarem do sonho da vossa realidade imaginada.

O momento do vosso despertar pode chegar em qualquer altura, através de qualquer pessoa. Portanto, respeitem todos os momentos e todas as pessoas, pois o momento da vossa libertação pode estar próximo. Será o momento da vossa libertação das Ilusões quando conseguirem estar com elas, mas não dentro delas.

Haverá mais do que um momento desses na vossa vida. Na verdade, a vossa vida foi criada para vos conduzir a esses momentos.

São os vossos momentos de graça, quando a clareza e a sabedoria, o amor e a compreensão, a orientação e o discernimento chegam a vós e através de vós.

Esses momentos de graça mudam a vossa vida para sempre e, com frequência, também as de outros.

Foi um desses momentos de graça que vos conduziu a este livro. É por isso que são capazes de receber e compreender profundamente a presente comunicação.

De uma forma, isto é um encontro com o Criador.

Surgiu-vos através da vossa disponibilidade, da vossa abertura, do vosso perdão e do vosso amor. O vosso amor por vós próprios, o vosso amor pelos outros e o vosso amor pela Vida.

E, também, o vosso amor por Mim. É o amor por Deus que vos traz Deus. É o amor por si próprio que traz a consciência daquela parte de si que é Deus — e que sabe, portanto, que Deus não vem até vós mas através de vós. Pois Deus nunca está à parte em relação a vós, faz sempre parte de vós.

O Criador não está separado da criação. O amante não está separado do amado. Não é essa a natureza do amor, nem é essa a natureza de Deus.

Nem é a Vossa natureza. Não estão separados de nada nem de ninguém, muito menos de Deus.

Sabem-no desde o princípio. Sempre o compreenderam.

Agora, finalmente, dão a vós próprios permissão para o experienciar; para ter um verdadeiro momento de graça; para estar em comunhão com Deus.

Como é encontrar-se nesse estado de comunhão? Se estiverem ainda que seja nos limites dessa experiência, já conhecem a resposta. Se fizeram essa ligação ainda que momentaneamente em meditação, já conhecem a resposta. Se experienciaram a euforia inacreditável da experiência física mais alegre, já conhecem a resposta.

No estado de comunhão com Deus perderão temporariamente qualquer noção de identidade individual. Mas isso ocorrerá sem qualquer sentimento de perda, pois saberão que realizaram finalmente a vossa verdadeira identidade. Ou seja, realizaram-na. Literalmente, tornaram-na real.

Serão envolvidos por uma felicidade indescritível, um êxtase supremo. Sentir-se-ão fundidos em amor, em unidade com tudo. E nunca ficarão satisfeitos com menos.

As pessoas que tiveram essa experiência regressam ao mundo e às suas vidas de uma nova maneira. Dão por si a enamorar-se de toda a gente à vista.

Experienciam a Unidade com os outros em momentos surpreendentes de Sagrada Comunhão.

A percepção aumentada e a profunda apreciação da Natureza pode levá-las a lágrimas de alegria inesperadas à mínima provocação. E uma nova clareza em relação a tudo o que veem no mundo à sua volta pode deixá-las transformadas. Começam

frequentemente por se mover mais devagar, por falar mais baixo, por agir com mais suavidade.

Estas e outras mudanças podem durar várias horas ou vários dias, vários meses ou vários anos — ou a vida inteira. A duração da experiência é totalmente de escolha do indivíduo. Diluir-se-á por si se não for renovada. Tal como o brilho de uma luz esmorece à medida que nos distanciamos dela, a bem-aventurança da Unidade enfraquece consoante o tempo que se está afastado.

Para permanecer na luz, tem que se ficar próximo dela. Para permanecer na bem-aventurança, tem de se fazer o mesmo.

É por isso que são instados, enquanto vivem com a vossa Ilusão atual, a fazer tudo o que é preciso — meditar, exercitar, rezar, ler, escrever, ouvir música, o que quer que vejam que funciona — para acender diariamente a vossa consciência.

Encontrar-se-ão então no lugar sagrado do Altíssimo. E sentir-se-ão eufóricos, e ter-se-ão em grande conta e aos outros e a toda a Vida.

Então também criarão e contribuirão para a Vida como jamais o fizeram antes.

CAPÍTULO 20

Mensagem do Criador

Após uma experiência de encontro com o Criador interior, relembrarão a mensagem do Criador, porque é a mensagem do vosso próprio coração.

Não é diferente da mensagem que o vosso coração entoa sempre que olham outro nos olhos com amor. Não é diferente da mensagem que o vosso coração grita quando veem sofrimento em qualquer lugar.

Esta é a mensagem que trazem ao mundo e que deixam ao mundo, quando são o vosso verdadeiro eu.

É a mensagem que vos deixo agora, para que a possam relembrar mais uma vez e partilhar com todos aqueles cujas vidas tocam.

✓ *Sejam amáveis uns com os outros, e bons.*

✓ *Sejam amáveis convosco próprios, e bons também.*

Compreendam que essas duas coisas não se excluem mutuamente.

✓ *Sejam generosos uns com os outros, e partilhem.*

✓ *Sejam generosos convosco próprios, também.*

Saibam que só partilhando convosco próprios podem partilhar com outros. Pois não podem dar a outrem o que não têm.

✓ *Sejam gentis uns com os outros, e fiéis.*

✓ *Sejam gentis convosco próprios, e fiéis também.*

✓ *Sejam fiéis a vós próprios, e assim como a noite se segue ao dia, seguir-se-á que não poderão ser falsos para com qualquer homem.*

Lembrem-se sempre que a traição de si próprio para não trair outro não deixa de ser traição. É a maior traição.

Lembrem-se sempre que o amor é liberdade. Não precisam de outra palavra para o definir. Não precisam de outro pensamento para o compreender. Não precisam de outra ação para o expressar.

A vossa busca da verdadeira definição do amor terminou. Agora a única questão será se vocês podem fazer essa dádiva de amor a vós próprios e a outros, tal como Eu vo-la fiz.

Todos os sistemas, acordos, decisões e escolhas que exprimem a liberdade, exprimem Deus. Pois Deus é liberdade, e a liberdade é amor, expresso.

Lembrem-se sempre que o vosso é um mundo de Ilusão, que nada do que veem é real, e que podem usar a Ilusão para vos levar a uma grandiosa experiência da Realidade Fundamental. Na verdade, foi isso que aqui vieram fazer.

Estão a viver num sonho que vocês próprios criaram. Deixem que seja o sonho de uma vida inteira, pois é exatamente isso que ele é.

Sonhem com um mundo em que o Deus e Deusa em vós nunca seja negado, e no qual nunca mais voltem a negar o Deus e Deusa noutros. Que a vossa saudação, agora e para todo o sempre, seja Namasté.

Sonhem com um mundo em que o amor seja a resposta a todas as perguntas, a reação a todas as situações, a experiência a cada momento.

Sonhem com um mundo em que a Vida, e o que sustenta a Vida, seja o valor máximo, receba o máximo respeito e tenha a sua máxima expressão.

Sonhem com um mundo em que a liberdade se torne a maior expressão da Vida, em que ninguém que alegue amar outro procure restringi-lo, e no qual a todos seja permitido expressar a glória do seu ser na justa e verdadeira medida.

Sonhem com um mundo em que seja dada igualdade de oportunidades a todos, haja recursos iguais para todos, e em que seja concedida dignidade igual a todos, para que todos possam experimentar igualmente a maravilha inigualada da Vida.

Sonhem com um mundo em que nenhum juízo seja imposto por uns em relação aos outros, em que nunca mais sejam impostas condições antes de oferecer amor, e no qual o medo nunca mais seja visto como um meio de impor respeito.

Sonhem com um mundo no qual as diferenças não provoquem divisões, a expressão individual não cause separação e a grandeza do Todo se reflita na grandeza das suas partes.

Sonhem com um mundo em que haja sempre o suficiente, no qual a simples dádiva da partilha conduza a essa percepção — e a crie, e no qual todas as ações o apoiem.

Sonhem com um mundo em que o sofrimento nunca mais seja ignorado, no qual a intolerância nunca mais seja expressa, e no qual ninguém volte a experimentar o ódio.

Sonhem com um mundo em que o ego seja abandonado, em que a Superioridade seja abolida, em que a Ignorância seja eliminada da realidade de todos e reduzida à Ilusão que é.

Sonhem com um mundo em que os erros não conduzam à vergonha, os desgostos à culpa e o Juízo à Condenação.

Sonhem com estas coisas e mais.

Escolhem-nas?

Então sonhem com elas até as concretizarem.

Com o poder dos vossos sonhos, acabem com o pesadelo da vossa realidade.

Podem optar por isso. Ou podem escolher a Ilusão.

Disse-vos antes, através das palavras de poetas, líderes e filósofos: há quem veja as coisas como elas são e diga "Porquê?". E há quem sonhe com coisas que nunca aconteceram e diga "Porque não?".

Que dizem vocês?

CAPÍTULO 21

Aproveitar o Momento de Graça

Agora é a altura de decidirem. É a hora da escolha. Chegaram — assim como a vossa espécie — a uma encruzilhada.

Nos próximos dias e semanas, meses e anos escolherão como se fosse real, ou, em vez disso, optarão por se distanciarem da Ilusão, verem-na como uma Ilusão e usarem a Ilusão para experienciar o Céu na terra, e a Realidade Fundamental de Quem Realmente São.

Esta é a Minha mensagem para o mundo:

Podem criar um novo tipo de civilização. Podem procurar um mundo mais novo. A opção é vossa. O momento está iminente. Este é o vosso momento de graça.

Useem este momento.

Aproveitem o dia.

Comecem ao acordar, vendo-se como Quem Realmente São, louvando tudo o que já foram e tudo aquilo em que se tornaram. E comecem por escolher, neste momento de graça, tornarem-se mais

do que já alguma vez foram ou sonharam vir a ser; irem mais longe do que o que podem alcançar; lembrarem-se que nada está fora de alcance.

Vejam-se como a luz que iluminará verdadeiramente o mundo. Declarem-se como tal. Anunciem-no ao vosso coração e depois, através do coração, a toda a gente. Façam com que as vossas ações sejam o vosso anúncio. Enchem o vosso mundo de amor.

Saibam que são o salvador por quem todos têm esperado, que veio para salvar todos aqueles cujas vidas tocarem de qualquer pensamento que possam ter que negue o prodígio de quem são, e a glória da sua eterna comunhão com Deus.

Saibam que vieram à sala para curar a sala. Vieram ao espaço para curar o espaço. Não existe outra razão para estarem aqui.

Encontram-se numa jornada para a mestria e é agora altura de avançar. Acolham o momento sagrado. Esta é a Minha mensagem, e há mais.

Estejam no mundo, não o ignorem. Espiritualidade não significa descobrir uma caverna e esconder-se nela para sempre. Estejam no vosso mundo, mas não sejam dele. Vivam com a Ilusão, não dentro dela. Contudo não a abandonem, não se retirem do mundo. Não é assim que se cria um mundo melhor, e não é assim que experienciam a parte mais grandiosa do vosso ser.

Lembrem-se que o mundo foi criado para vós para que pudessem ter um contexto dentro do qual experienciarem-se como Quem Realmente São.

Agora é a altura de o fazer. O mundo que criaram pode vir em breve a ser descriado por todos vós se continuarem a ignorar esse mundo por muito mais tempo, permitindo-lhe seguir o seu caminho enquanto seguem o vosso, envolvidos apenas nas vossas experiências do dia-a-dia e quase não tomando parte na procura de concriar as experiências maiores à vossa volta.

Olhem para o mundo à vossa volta. Sintam a vossa paixão. Deixem que ela vos diga que parte do mundo à vossa volta desejam recriar de novo. Usem então os instrumentos que vos foram dados para começarem essa recriação. Utilizem os instrumentos da vossa sociedade: os instrumentos da religião, educação, política, economia e espiritualidade. Podem fazer declarações com estes instrumentos, declarações de Quem São.

Não julguem que a espiritualidade e a política não se ligam. A política é espiritualidade, demonstrada.

Não imaginem que a economia nada tem a ver com a espiritualidade. A vossa economia revela a vossa espiritualidade.

Não pensem que a educação e a espiritualidade podem, ou devem, ser separadas. O que ensinam é quem são — e se isso não é espiritualidade, então o que é?

E não julguem que religião e espiritualidade não são a mesma coisa. A espiritualidade é o que constrói a ponte entre o corpo, a mente e a alma. Todas as verdadeiras religiões constroem uma ponte e não um muro.

Sejam assim construtores de pontes. Eliminem os vazios que se formaram entre religiões, entre culturas, entre raças e entre nações. Unam o que foi separado.

Respeitem o vosso lar no Universo e sejam os seus guardiões. Protejam o ambiente e salvem-no. Renovem os vossos recursos e partilhem-nos.

Deem glória ao vosso Deus dando glória uns aos outros. Vejam Deus em toda a gente e ajudem todos a ver Deus em si próprios. Acabem com as vossas divisões e rivalidades, as vossas competições e batalhas, as vossas guerras e matanças para sempre. Acabem com isso. Ponham-lhes fim. Todas as sociedades civilizadas acabam por fazê-lo.

Esta é a Minha mensagem para vós, e mais.

Se desejam verdadeiramente experienciar o mundo da vossa imaginação superior, então têm de amar incondicionalmente, partilhar livremente, comunicar abertamente e criar cooperantemente. Não pode haver propósitos escondidos, nem limitações ao amor, nada pode ser ocultado.

Têm de decidir que são todos verdadeiramente Um, que o que é bom para os outros é bom para vós, o que é mau para os outros é mau para vós, que o que fazem pelos outros fazem por vós próprios, e que o que não fazem pelos outros não fazem por vós.

É possível agirem assim? Os seres humanos são capazes dum tal esplendor?

Sim. Digo-vos que sim, e sim, mil vezes sim!

E não se preocupem por não sobrar o suficiente "do que não são" para criar um campo contextual no qual possam experienciar Quem Realmente São. O Universo inteiro é o vosso campo contextual! Toda a vossa memória também.

Os anciãos e os sábios entre vós exortam-vos frequentemente a erigir monumentos, a criar dias especiais e rituais solenes para comemorar o passado — as vossas guerras, holocaustos e todos os momentos de desgraça. Por que comemorá-los? Poderão perguntar. Porquê recordar constantemente o passado? E esses anciãos dirão "Para que não esqueçamos".

O seu conselho é mais avisado do que vos parece pois, ao criarem um campo contextual na memória, tornam desnecessário fazê-lo no momento atual. Podem verdadeiramente dizer "Nunca mais" e ter mesmo essa intenção. E ao declará-lo, usam os vossos momentos de desgraça para criar momentos de graça.

A vossa espécie consegue fazer uma declaração destas?

A raça humana consegue relembrar como era quando refletia, em cada pensamento, palavra e obra, a imagem e semelhança de Deus? São capazes de um tal esplendor?

Sim. Digo-vos que sim, e sim, e mil vezes sim!

Era assim que estavam destinados a ser, era assim que a vida estava destinada a ser, antes de se terem perdido nas ilusões.

Não é tarde demais. Nem nada que se pareça. Com a vossa glória e prodígio, vocês conseguem fazê-lo, conseguem sê-lo. Conseguem ser amor.

Saibam que estarei convosco em tudo. Isto é o fim desta comunicação, mas nunca pode ser o fim da nossa colaboração, da nossa concriação, ou da nossa comunhão. Terão sempre uma conversa com Deus, desfrutarão sempre de uma amizade com Deus e estarão sempre em comunhão com Deus.

Estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos. Nunca poderei não estar convosco, pois Eu sou vocês, e vocês são Eu. Essa é a verdade e tudo o mais é Ilusão.

Por isso continuem a vossa jornada, Meus amigos, continuem a vossa jornada. O mundo espera para ouvir a vossa mensagem para sua salvação.

Essa mensagem é a vossa vida, vivida.

Vocês são o profeta cujo tempo chegou. Pois o que hoje demonstram ser verdade acerca da vossa vida é uma predição absoluta do que será verdade sobre a vossa vida de amanhã. Isso torna-vos, de facto, profetas.

O vosso mundo mudará porque vocês optam por mudá-lo. A vossa obra cura mais do que aquilo que sabem, e o vosso alcance estende-se para além do amanhã.

Tudo isto é verdade porque optam por permitir que o prodígio da vossa comunhão Comigo seja demonstrado em vós, sendo vós e através de vós. Optem por isso muitas vezes e tragam a paz ao Meu mundo.

Tornem-se um instrumento da Minha paz.

❖ *Onde há ódio, semeiem amor;*

❖ *Onde há ofensa, perdão;*

❖ *Onde há dúvida, a fé;*

❖ *Onde há desespero, esperança;*

❖ *Onde há escuridão, luz;*

❖ *Onde há tristeza, alegria.*

❖ *Procurem menos ser consolados, que consolar;*

❖ *Procurem menos ser compreendidos, que compreender;*

❖ *Procurem menos ser amados, que amar.*

Pois o amor é Quem Vocês São, e foram sempre. É tudo o que já foi, é agora, e alguma vez será.

Procuraram uma verdade pela qual viver a vossa vida, e dou-vos aqui, outra vez.

Sejam amor, Meus Caríssimos.

Sejam amor, e a vossa longa jornada para a mestria estará terminada, ao iniciarem a nova jornada para levar outros à mestria. Pois o amor é tudo o que são, tudo o que Eu sou, e tudo o que sempre estivemos destinados a ser.

Assim seja.

A Fechar

Esta comunicação extraordinária, que acredito ter sido divinamente inspirada, abordou muitas das últimas perguntas que tive sobre Deus e a vida. Acrescentada aos livros anteriores com Deus, gera uma cosmologia surpreendentemente clara e assombrosamente consistente.

Para mim a “revelação” mais significativa é que não preciso destes cinco livros — nem de qualquer outra coisa. Toda a cosmologia é uma Ilusão, e a Primeira Ilusão é a Ilusão da Necessidade.

Esta é uma percepção extraordinária. Coloca em termos claros e concisos a definição de Quem Realmente Sou.

Sou:

O Que É Sem Necessidades.

Ou, simplesmente, O Que É.

Ou, mais simplesmente, O.

Isto torna-se a derradeira declaração do Ser.

Eu Sou O.

Curiosamente, foi esta a afirmação de todos os verdadeiros Mestres. Eu é que nunca a entendi.

Agora entendo.

Tudo o que há a fazer quando as coisas se tornam pouco nítidas, quando a vida se torna confusa, é enfrentar o que se está a ver e dizer, “Eu sou-O.”

Toda a confusão se esvai. A ira e o ressentimento desaparecem. Toda a disfunção e descontinuidade se desvanecem. Ficam apenas vocês e o amor, e são uma e a mesma coisa.

As soluções surgem automaticamente nesse estado de consciência total. Na verdade, a solução mais grandiosa é a consciência de que nem existe um problema.

Nada é problemático aos olhos de Deus.

É através dos olhos de Deus que olham. Simplesmente não o sabem. Até o saberem. Quando o sabem, clamam: "Eu estava cego, e agora vejo".¹

Isto é verdadeiramente uma graça assombrosa. É um dos vossos momentos de graça — momentos de consciência do Divino — que vos podem acontecer em qualquer altura.

Creio que esses momentos fazem parte de um processo. É um processo a que chamo lembrar. (Outros chamam-lhe evolução.) É um processo a que todos estamos sujeitos.

Como funciona?

Primeiro, apercebemo-nos do que é Divino à nossa volta. Depois, apercebemo-nos do que é Divino dentro de nós. Por fim, tomamos consciência de que tudo é Divino, e que não existe mais nada.

Esse é o momento do nosso despertar.

¹ No original "Once I was blind, but now I see", verso da música Amazing Grace. (N. da E.)

E, assim que estivermos despertos, quereremos despertar outros. É natural. É o que vem a seguir. É o que nos permite funcionar, o que nos permite experienciar Quem Realmente Somos.

Procuraremos oportunidades no mundo para o fazer. Alguns criá-las-ão.

Se nos unirmos nessas criações, acredito que as criações terão muito mais poder. É isso que significa Onde dois ou mais se reunirem em Meu Nome...

Recordo-me da letra dum hino cristão maravilhoso: Reunimo-nos para pedir a bênção do Senhor...

Uma forma de o fazer — e há muitas, de facto — seria juntar-se a outros que tenham sido profundamente tocados pela mensagem na **Comunhão com Deus**, na **Amizade com Deus** e na trilogia das **Conversas com Deus**, e que desejam que o material das CCD seja experienciado por toda a gente.

Esta mensagem mudou as vidas de milhões de pessoas e tem o poder de mudar o mundo.

Nós temos o poder de mudar o mundo.

Até à data, as **Conversas com Deus** foram traduzidas em vinte e sete línguas. Os livros que se seguiram chegaram a lares em todo o globo, o que provocou uma enorme onda de energia. Em toda a parte há pessoas que perguntam “Como posso tornar esta sabedoria libertadora da alma parte da minha vida diária?” Como posso partilhá-la com outros?”

Quando as **Conversas com Deus** foram inicialmente publicadas em 1995, a minha mulher Nancy e eu abríamos cartas e respondíamos na mesa da cozinha. Agora essas cartas chegam ao ritmo de mais de trezentas por semana — e há semanas em que chegam às seiscentas! Acrescente-se o mesmo número de chamadas telefónicas e poderão imaginar que há já muito tempo que deixámos de dar conta do recado.

Essa energia que nos chega inclui tudo, desde pedidos de clarificação de alguma matéria mais provocadora e perguntas prementes sobre como a aplicar na vida quotidiana, a solicitações de mais livros, gravações ou programas educacionais, a propostas de negócio surpreendentes e emocionantes de pessoas de toda a parte com ideias quanto à forma de fazer passar a mensagem das CCD.

Nancy e eu criámos duas organizações — uma fundação sem fins lucrativos, a ReCreation, e outra com fins lucrativos, Greatest Visions — num esforço para corresponder.

A fundação sem fins lucrativos permite-nos fazer um trabalho extraordinário no mundo, partilhando e aplicando a mensagem dos livros **com Deus** de muitas maneiras diferentes. A empresa com fins lucrativos dá-nos a máxima flexibilidade gerando os fundos necessários para fazer esse trabalho. Os lucros após impostos da Greatest Visions são doados à ReCreation e a outras organizações sem fins lucrativos cuja missão se encontra em profunda harmonia com as CCD.

O trabalho levado a cabo por ambas as organizações tem crescido até ao ponto de recebermos ajuda de pessoas de toda a parte que optam por se nos juntar nesta obra, porque a veem como sua.

A nossa missão declarada é “devolver as pessoas a si próprias”. Ou seja, devolvê-las à expressão mais elevada, à experiência mais grandiosa e à máxima percepção do que significa ser totalmente humano.

Não há muitas pessoas que o experienciem. Ainda há demasiados humanos a viver vidas de silencioso desespero. Podemos acabar com o desespero. Nunca nos faltaram ideias sobre como fazê-lo. Tem-nos faltado apenas a vontade.

Mas agora, estamos, cada vez mais, a reunir essa vontade. Cada vez mais, vemos o que precisa de ser visto, dizemos o que precisa de ser dito, congregamos o que precisa de ser congregado — seja qual for a sabedoria, a coragem ou a determinação — para ajudar gente de todo o lado a viver a vida que estava destinada a viver, para acabar com o nosso pesadelo coletivo e tornar real o nosso sonho mais glorioso.

Cada vez mais olhamos para o nosso mundo e decidimos recriar-nos de novo na versão mais grandiosa da visão mais sublime que alguma vez tivemos de Quem Somos.

É neste processo de recriação que as nossas duas organizações se encontram profundamente envolvidas. E é nesse processo que convidamos todas as pessoas tocadas pelas CCD a participar. Há muitos níveis em que se pode “ficar ligado” a esta energia, ou envolver-se nesta obra.

O boletim informativo Conversations é uma das maneiras de o fazer. Para o receber basta enviar 35 USD (45 USD fora dos Estados Unidos) por 12 exemplares para “Newsletter”, para a direção da Recreation Foundation indicada na página 213. O boletim inclui notícias sobre programas, retiros, seminários, conferências e outras atividades previstas, bem como conselhos práticos sobre como manifestar imediatamente a sua própria visão mais sublime na vida, e as minhas respostas a perguntas de leitores de todo o mundo.

Contém ainda um Diretório de pessoas, produtos, programas e serviços disponíveis a nível nacional que podem ser úteis na vossa jornada para uma maior experiência espiritual e uma ligação mais profunda com Deus. Finalmente, contém uma secção especial sobre O Meio de Vida Certo, que oferece orientação sobre como tornar funcional a mensagem dos livros **com Deus** no mercado.

O nosso programa da Semana da Responsabilização é um acontecimento especial, oferecendo orientação para uma melhor compreensão da matéria **com Deus**, bem como ajuda e conselhos práticos a quem deseje desempenhar um papel ativo em levar a sua mensagem até à sua comunidade, e ao mundo em geral, como facilitadores de grupos de estudo, instrutores, ou apresentadores de retiros e sessões de trabalho. A Semana da Responsabilização fornece ferramentas úteis para partilhar eficazmente o que tocou profundamente a vossa alma.

Do mesmo modo, os nossos Retiros Intensivos ReCreating Yourself de cinco dias oferecem uma oportunidade extraordinária de aplicar a sabedoria das **CCD** numa forma funcional na experiência do dia-a-dia — e de se recriar de novo.

Estes e outros programas tornaram o nosso trabalho muito emocionante, tal como a vossa reação às oportunidades que eles apresentam. Acreditamos que juntos faremos a diferença.

As CWG In Action, por exemplo, oferecem a oportunidade de dar as mãos a outros numa associação através da qual podem contribuir para apoiar esforços extraordinários de grande alcance tais como...

O fórum internacional para a utilização da espiritualidade para acabar com conflitos, em Seul, Coreia do Sul, em Junho de 2001 — o trabalho da New Millenium Peace Foundation, que os membros das CWG In Action ajudaram a nascer.

O Heartlight School Program, um novo e ousado tipo de escola com um curriculum entusiasmante e inovador baseado nos princípios das **CCD**, cujo projeto piloto está a ser instalado em Ashland, no Oregon, pela Fundação.

O Wisdom Circle, através do qual centenas de pessoas em todo o mundo apresentam ideias quanto à aplicação do material das **CCD** no quotidiano a pessoas que nos enviam cartas a pedir conselho urgente.

O Home, Street Home, um programa de ajuda àqueles para quem o “lar, doce lar” é um passeio, um jardim ou um lugar debaixo duma ponte. Oferece soluções imediatas de necessidades de momento, para ajudar as pessoas a eventualmente fazerem face às suas próprias necessidades — e, por fim, a verem, como todos aprendemos, que a Necessidade em Si é uma Ilusão.

A inscrição como sócio das CWG In Action pode ser solicitada através de uma contribuição de 125 USD, que ajuda — de formas muito diretas como as atrás descritas — a pôr em ação as **CCD**. Ao associar-se às CWG In Action está a enviar uma mensagem de apoio ao que estamos a fazer e da sua decisão de juntar às nossas as suas energias. Os sócios recebem um relatório especial, o Quarterly Update, detalhando a aplicação do seu dinheiro e como estão a mudar o mundo, bem como um belo certificado da fundação em reconhecimento do importante papel que desempenham na mudança do paradigma da nossa experiência coletiva neste planeta.

Alguns de vós mostraram interesse não só em nos ajudar a difundir a mensagem que tocou a vossa vida duma forma tão positiva como também em difundi-la connosco.

Pessoas de todo o mundo têm-nos escrito, perguntando como o podem fazer e se é possível.

A resposta, evidentemente, é sim.

Se têm convicções tão fortes sobre este material que pretendem partilhá-lo com outros, façam o favor. Não precisam da minha autorização.

A maior parte dos mais de 250 Grupos de Estudo em todo o mundo (que conhecemos!) começaram sem que tivéssemos sequer conhecimento. Não os instigámos nem patrocinámos de forma nenhuma.

Se pretenderem o nosso auxílio ou apoio ao empreenderem esses magníficos esforços, queiram contactar a Fundação sobre o nosso Empowered Partners Program (Programa de Parceiros Responsáveis). Não há qualquer encargo.

O programa oferece sugestões e orientações, bem como oportunidades de trabalhar em rede, aos que procuram responsabilizar-se levando ao mundo a mensagem das **CCD**.

Queiram contactar-nos para mais informações sobre as CWG In Action, o Empowered Partners Program, os retiros ReCreate Yourself de cinco dias, a Empowerment Week ou qualquer outro aspeto da nossa obra, através de:

The ReCreation Foundation

PMB 1150

1257 Siskiyou Blvd.

Ashland, OR 97520

U.S.A.

Telefone: 541-482-8806

e-mail: recreating@cwg.cc

internet: www.conversationswithgod.org

Se pretenderem propor um produto ou serviço relacionado com os livros **com Deus** que creiam poder servir o duplo propósito de gerar um rendimento adicional para dinamizar a visão das **CCD** através do mundo, criando meios de vida certos para vocês e para outros, queiram contactar-nos através de:

Greatest Visions Inc.

PMB 502

2305-C Ashland Street

Ashland, Oregon 97520

U.S.A.

Internet: www.conversationswithgod.org

Telefone: 541-482-5706

e-mail: mail@greatestvisions.com

Deus vos abençoe a todos e obrigado por estarem comigo aqui e ao longo do processo que deu origem à série **com Deus**. Foi uma experiência extraordinária, e se tiver afetado a vossa vida nem que tenha sido por uma fração do grau em que afetou a minha, sei que todos mudámos de muitas maneiras maravilhosas.

E agora, vamos mudar o nosso mundo?

— NDW